

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

O BRASIL, COMO NOME DO PAÍS,
EM TEXTOS PORTUGUESES QUINHENTISTAS
E A PRIMEIRA MOEDA COM O NOME “BRASIL”



NEHiLP

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P213b Papavero, Nelson.

O Brasil, como nome do país, em textos portugueses quinhentistas e a primeira moeda com o nome "Brasil [livro eletrônico] / Nelson Papavero ; [coordenador da série monográfica]: Mário Eduardo Viaro. -- São Paulo : NEHiLP/FFLCH/USP, 2019.

5.324,8Kb ; PDF. -- (Arquivos do NEHiLP, ISSN 2318-2032 ; v.16)

ISBN 978-85-7506-347-7

DOI:10.11606/9788575063477

1. Literatura portuguesa – História – Século 16. 2. Linguística histórica. I. Viaro, Mário Eduardo, coord. II. Título. III. Série.

CDD 869.09

Elaborado por Charles Pereira Campos CRB-8/8057

Nelson Papavero
Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo
Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPq)

**O BRASIL, COMO NOME DO PAÍS, EM TEXTOS
PORTUGUESES QUINHENTISTAS E A PRIMEIRA
MOEDA COM O NOME “BRASIL”**

FFLCH – USP
SÃO PAULO
2019
DOI 10.11606/9788575063477

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan
VICE-REITOR: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS
DIRETORA: Profª. Dra. Maria Armanda do Nascimento Arruda
VICE-DIRETOR: Prof. Dr. Paulo Martins

COMISSÃO ORGANIZADORA
COORDENAÇÃO GERAL: Mário Eduardo Viaro
PRODUÇÃO GRÁFICA: Érica Santos Soares de Freitas
EDIÇÃO, PREPARAÇÃO E REVISÃO: Érica Santos Soares de Freitas

ARQUIVOS DO NEHILP
Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa
www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp
arquivosdonehilp@usp.br

CONSELHO EDITORIAL:

Aldo Luiz Bizzocchi	Marco Dimas Gubitoso
Artur Costrino	Margarida Maria Taddoni Petter
Bruno Oliveira Maroneze	Mariana Giacomini Botta
Carlos Eduardo Mendes de Moraes	Maria Filomena Gonçalves
Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa	Mário Eduardo Viaro
Daniel Kölligan	Martin Becker
Elis de Almeida Cardoso Caretta	Michael J. Ferreira
Érica Santos Soares de Freitas	Nelson Papavero
Federico Corriente	Nilsa Areán-García
Francisco da Silva Xavier	Paulo Chagas de Souza
Graça Maria Rio-Torto	Phablo Roberto Marchis Fachin
José Marcos Mariani de Macedo	Safa Alferd Abou Chahla Jubran
Joseni Alcântara de Oliveira	Sandra Aparecida Ferreira
Mamede Mustafa Jarouche	Sílvio de Almeida Toledo Neto
Maria Clara Paixão de Sousa	Solange Peixe Pinheiro de Carvalho
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida	Valéria Gil Condé
Marcelo Módolo	Volker Noll

ISBN 978-85-7506-347-7
ISSN 2318-2032
DOI 10.11606/9788575063477

Arquivos do NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp

Volume 16: 1- 90, 2019.

ISBN 978-85-7506-347-7

ISSN 2318-2032

DOI 10.11606/9788575063477

Nelson Papavero

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq)

O BRASIL, COMO NOME DO PAÍS, EM TEXTOS PORTUGUESES QUINHENTISTAS E A PRIMEIRA MOEDA COM O NOME “BRASIL”



Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo
2019

RESUMO

“Brasil” (e variantes), como nome do país, foi encontrado em 62 referências portuguesas do século XVI, sendo por primeira vez citado num manuscrito, o *Llyuro da naoo bertoa que vay para a tera do brazyll*, de 1511 (obra transcrita num apêndice); o nome já havia aparecido antes, num globo terrestre feito com duas metades de ovos de avestruz, datado de 1504. Aparece também por primeira vez em uma moeda em 1645-1646.

Palavras-chave: “Brasil”, Nome do País, Variantes, Referências (Século XVI), Moeda, Transcrição da obra *Llyuro da naoo bertoa que vay para a tera do brazyll*.

ABSTRACT

“Brasil” (with its variants), as the name of the country, was found in 62 Portuguese references from the 16th century, being cited for the first time in a manuscript in the *Llyuro da naoo bertoa que vay para a tera do brazyll* from 1511 (work transcribed in an appendix); the name had previously appeared in a terrestrial globe made with two halves of ostrich eggs dated from 1504. It also appears in a coin for the first time in 1645-1646.

Keywords: “Brasil”, Name of the country, Variants, References (16th century), Coin, Transcription of the work *Llyuro da naoo bertoa que vay para a tera do brazyll*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 AS PRIMEIRAS CITAÇÕES DO NOME “BRASIL” COMO NOME DO PAÍS EM DOCUMENTOS PORTUGUESES QUINHENTISTAS	11
1.1 1511 – BRAZYLL - <i>Llyuro da naoo bertoa que vay para a tera do brazyll</i> – A primeira citação num manuscrito	11
1.2 1528 (30 de abril) – BRASSYLL - Carta de Diogo Leite a D. João II	12
1.3 1528 (6 de setembro) – BRASYLL - Tradução da carta do rei da França, François I	12
1.4 1530 – BRASILL, BRAZILL - Cartas de D. João III de Portugal, outorgando poderes a Martim Afonso de Souza	13
1.5 1530 – BRASIL - Manuscrito da navegação de Pero Lopes de Sousa	14
1.6 1530 – BRAZIL – Casa da Índia. Lyuro quarto. dom João o 3º	14
1.7 1531 (22 de mês não citado) - BRESIL - Carta do dr. Gouveia (?) para o conde da Castanheira pedindo-lhe que inste com o almirante para embargar navios destinados ao Brasil	14
1.8 1532- BRAZIL - Carta del Rey D. João III para Martim Affonso de Souza quando passou ao Brasil, para povoar aquella Costa, e tomou huns Cossarios Francezes que andavão naquella Costa	18
1.9 1533 (8 de fevereiro) – BRASILL - Carta dirigida por D. João III ao conde de Castanheira	19
1.10 1533 (10 de fevereiro) – BRASILL - Carta dirigida por el-rei ao conde da Castanheira	19
1.11 1533 (1º. de março) – BRASILL - Carta que D. João III enviou ao conde da Castanheira	19
1.12 1534 (10 de março) - BRASIL - Carta da doação feita por D. João III da capitania de Duarte Coelho	19
1.13 1534 (5 de setembro) – BRASYL - Carta de D. João III de doação da capitania de Pernambuco a Duarte Coelho	20
1.14 1534 (24 de setembro) – BRASYLL - Foral de Duarte Coelho	20
1.15 1535 (18 de junho) – BRASYLL - Carta de D. João III de mercê e doação das minas de ouro e de prata que Fernão Álvares de Andrade, Aires da Cunha e João de Barros venham a descobrir nas suas capitánias do Brasil	20
1.16 1535 (6 de julho) – BRAZIL – Casa de Índia. Ljuro quinto. dom João o 3º	21
1.17 ca. 1535 – BRASIL – Diego Alfonso	21
1.18 1536 (1º. de julho) – BRASILL - Carta de D. João III de mercê a António Teixeira dos ofícios de feitor e almoxarife da capitania de Pedro de Góis	21
1.19 1537 – BRASIL – André Vaz	21
1.20 1538 – BRASIL – João de Castro	22
1.21 1538 – BRASIL – Bernardo Fernandes	31
1.22 1543 (1º. de março) – BRASIL - Carta de D. João III de confirmação da demarcação das capitánias de Pedro de Góis e de Vasco Fernandes Coutinho (12 de março de 1543)	32
1.23 1545 – BRASIL – Manuel Álvares	32

1.24	1546 (29 de abril) – BRASIL, BRASYLL - Carta de Pedro de Góis escrita da Vila da Rainha a D. João III (Em que dá conta de como, ao regressar do reino, encontrara desbaratada a sua capitania, e da fundação de uma boa e nova povoação com muitos moradores, a umas dez léguas do mar pelo interior, e de como os naturais se levantaram em represália das más acções de Henrique Luís e da luta que êles travara, em que perdeu um ôlho e vinte e cinco homens mortos)	32
1.25	1546 (20 de dezembro) – BRASYLL, BRASILL Carta de Duarte Coelho	33
1.26	1548 (22 de março) – BRASILL - Carta de Duarte Coelho	33
1.27	1548 (22 de maio) – BRAZILL, BRASIL Carta de Luís de Góis escrita da vila de Santos a D. João III	33
1.28	1548 (17 de dezembro) – BRASILL, BRASIL - Regimento de Tomé de Souza	33
1.29	1548 (17 de dezembro) – BRASIL, BRASILL - Regimento de António Cardoso de Barros	33
1.30	1548 (17 de dezembro) – BRASILL, BRASIL - Regimento dos provedores da fazenda del Rei nosso Senhor nas terras do Brasil	34
1.31	1548 (17 de dezembro) – BRASIL, BRASILL - Regimento de António Cardoso de Barros	34
1.32	1549 (8 de janeiro) – BRASIL - Carta de D. João III regulando a doação da ilha de Santo António a Duarte de Lemos por Vasco Fernandes Coutinho	34
1.33	1549 (14 de abril) – BRASYLL - Carta de Duarte Coelho	35
1.34	1550 (julho) - BRASIL - Carta de Filipe Guillem	35
1.35	1551 (18 de junho) – BRASYLL - Carta de D. João III de mercê dos cargos de provedor e contador das rendas e direitos da capitania de S. Vicente a Brás Cubas	35
1.36	1551 – BRASIL – Fernão Lopes de Castanheda	35
1.37	1552 (22 de julho) – BRASYLL - Alvará a Pedro de Carvalhaes de mestre das obras do Salvador	35
1.38	1553 (4 de fevereiro) – BRASIL, BRASILL - Carta de Dom Sebastião de confirmação e mercê dos cargos de provedor e contador das rendas, capelas, confrarias, albergarias e gafarias de S. Vicente e Santo Amaro a Brás Cubas	35
1.39	1553 (1º. de março) – BRASYLL - Dom Duarte da Costa carta de capitão da Cidade do Salvador no Brasil	36
1.40	?1554 – BRASIL - Apontamentos de Diogo Nunes das suas viagens na América	36
1.41	1557 (25 de janeiro) – BRASIL - Alvará do provedor de Porto Seguro a Filipe Guilhem, de 25 de janeiro de 1557	36
1.42	1559 – BRAZIL – Anônimo	36
1.43	?1562 – BRAZIL – Henrique Dias	37
1.44	1565 – BRAZIL – Bento Teixeira Pinto	40
1.45	1571 – BRASIL – Pero de Magalhães de Gândavo	41
1.46	1576 – BRASIL – Pero de Magalhães de Gândavo	41
1.47	ca. 1577 – BRASIL – Vicente Rodrigues	41
1.48	1581 (1º de março) – BRAZIL – Gabriel Soares de Souza	45
1.49	1581 – BRAZIL – Casa da Índia. Ljuro quinze. dom enrique	60

1.50 1585 – BRAZIL – Manoel Godinho Cardozo	60
1.51 ?1586, ?1590 – BRASIL – Luís Teixeira (<i>Roteiro</i>)	60
1.52 1592 (2 de abril) – Brazil – Casa da Índia. Ljuro dezanove. dom felipe o 1º	61
1.53 1594 – BRASIL – Pedro de Mariz	61
1.54 1595 (18 de março) – BRAZIL – Casa de Índia. Ljuro dezanove. dom felipe o 1º	62
1.55 1595 – BRASIL – José de Anchieta, S. J.	62
1.56 1596 – BRASIL – Gaspar Ferreira Reimão	62
1.57 1597 – BRAZIL - Gabriel Soares de Souza	62
1.58 1597 – BRASIL – Gaspar Ferreira Reimão	71
1.59 1597 – BRAZIL – João Baptista Lavanha	71
1.60 1598 – BRAZIL – Pedro de Mariz	72
1.61 1598 – BRASIL – Amador Rebello	72
1.62 1599 – BRAZIL – Gaspar Affonso, S. J.	73
2 A PRIMEIRA MOEDA COM O NOME “BRASIL” (1645-1646)	78
ANEXO I: Transcrição do <i>Lyuro da naao Bertoa</i> feita por Varnhagen (1854: 427-432)	79
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o nome de nosso país se derivou do pau tintório homônimo (o pau-brasil, gênero *Caesalpinia*), tendo substituído os nomes originais de “Terra da Vera Cruz” e “Terra de Santa Cruz”¹.

Conforme demonstrado por PAPAVERO (2016), o nome “brasil”, em fontes de língua portuguesa, aplicado às espécies de *Caesalpinia* (**Fabaceae**) do Velho e do Novo Mundos ou à substância corante por elas produzida, é polissêmico. Pode referir-se a quatro coisas diferentes (cujos *termini a quo* são os seguintes: (a) *Caesalpinia bonduc*, África – 1462, Afonso V de Portugal (cf. CORRÊA DA SERRA, 1793); (b) *Cesalpinia sappan*, do Sudeste da Ásia e Indonésia – ?1499, Alvaro Velho (VELHO, ?1499) e D. Manuel I de Portugal (cf. BAIÃO, 1923: 337); (c) *Caesalpinia echinata*, da América do Sul – 1502, Planisfério de Cantino (cf. LEITE, 1923: 223-281); (d) à substância corante propriamente dita – 1618, Ambrósio Fernandes Brandão (BRANDÃO, 1887). Em PAPAVERO (2016), foram incluídos os *termini a quo* e referências adicionais dos sinônimos e variantes desses itens, em fontes portuguesas dos séculos XV, XVI e XVII.

Quando e em quais obras o nome “Brasil” foi aplicado à porção oriental da América do Sul conferida a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas? É o que será visto nesta obra, juntamente com as variantes do nome, em obras quinhentistas portuguesas. Contemplar-se-á também o primeiro aparecimento do nome em moedas.

Em contribuição posterior serão estudadas as fontes em que apareceram os gentílicos derivados de “Brasil” e o denominado “brasileiro de torna-viagem”, em fontes portuguesas dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Finalmente, numa terceira publicação, estudar-se-á o termo “Brasis”, aplicado a diferentes tribos de nosso país, com considerações sobre suas línguas e seus intérpretes, igualmente em fontes portuguesas dos séculos XVI a XVIII.

¹ Como curiosidade, “Terra S. Crucis” ainda sobreviveu em Portugal pelo menos até o ano de 1695, quando apareceu numa moeda de prata cunhada na Casa da Moeda de Lisboa, com o valor de 640 réis (ou duas patacas). Só existem dois exemplares dessa moeda: um no Banco de Portugal, em Lisboa e o outro no acervo do Banco Itaú, em São Paulo.



1 AS PRIMEIRAS CITAÇÕES DO NOME “BRASIL” COMO NOME DO PAÍS EM DOCUMENTOS PORTUGUESES QUINHENTISTAS

1.1 1511 – BRAZYLL *Llyuro da naoo bertoa que vay para a tera do brazyll* – A primeira citação num manuscrito²

Verdadeira certidão de batismo do país, este importantíssimo documento [a transcrição de VARNHAGEN (1854: 427-432) encontra-se no Anexo I abaixo], o *Roteiro de Duarte Fernandes* ou *Llyuro da náoo bertoa que vay para a terra do brazyll de que som armadores bertolameu marchone e benedito morelle e fernã de Noronha e francisco mjz que partio deste porto de lixa a xxij de feureiro de 511*, descoberto por Francisco Adolpho de Varnhagen na Torre do Tombo, em Lisboa (atualmente pode ser acessado pela *internet*, ‘Livro da Nau Bretoa, Torre do Tombo’) foi publicado por ele como ‘nota 13’ às páginas 427-432, de sua *Historia Geral do Brazil* (VARNHAGEN, 1854). O mesmo texto foi reproduzido por MORAES (A. J. M.) (1858: 83-90), sem citar o nome de Varnhagen. Este último (VARNHAGEN, 1861: 96-111) voltou a publicar a transcrição do texto.

Segundo TEIXEIRA & PAPAVERO (2010: 254-255):

“O ‘Regimento da Nau Bretoa’ relata a viagem que a embarcação assim nomeada realizou ao Brasil em busca de uma partida de ‘paus-de-tinta’, exploração arrendada na época a particulares. Tendo como armadores Fernando de Loronha, Francisco Martins, Benedetto Morelli e seu tio Bartolomeo Marchioni, banqueiro florentino dono da maior fortuna de Portugal, a ‘Bretoa’ deixaria Lisboa em 22 de fevereiro de 1511, passando pelas Canárias em 28 de fevereiro. Largando rumo ao Brasil em 2 de março, a tripulação avistaria o Rio São Francisco em 6 de abril, atingindo a Baía de Todos os Santos em 17 de abril. Em 12 de maio, após uma permanência de 25 dias, a expedição tomaria o rumo da chamada ‘feitoria do Cabo Frio’, na qual aportou em 26 de maio. Como carregar os ‘paus-de-tinta’ desejados exigiu 62 dias de trabalho, a ‘Bretoa’ só partiria em 27 de julho, chegando a salvo em Lisboa em 22 de outubro, após 88 dias de travessia, concluindo uma viagem com pouco mais de oito meses de duração (BAIÃO, 1923; RIBEIRO & MOREIRA NETO, 1992; VARNHAGEN, 1854).

Descontadas as perdas, a ‘Bretoa’ transportaria cerca de 5.000 toros de ‘paus-de-tinta’, algo em torno de 125 toneladas. De acordo com o relato do veneziano Lunardo da Ca’ Masser – ou Leonardo Massari – escrito entre 1506 e 1507, a madeira posta em Lisboa saía aos arrendatários meio ducado por quintal (ca. 60 quilos) e podia ser vendida para Flandres, Castela e Itália por 2,5 a 3 ducados (*in* SCOPOLI, 1845). Nesses termos, a carga de pouco mais de 2.000 quintais da ‘Bretoa’ teria custado aos proprietários 1.000 ducados e valeria de 5.000 a 6.000 ducados, moeda de ouro que continha cerca de 3,5 gramas do metal precioso.

Além dos ‘paus-de-tinta’, a ‘Bretoa’ levaria para o Reino 35 escravos indígenas e nada menos de 72 animais, sendo 22 periquitos, 16 gatos, 16 saguis, 15 papagaios e três macacos, o que representa pouco mais de duas peças por tripulante. Apesar de permear toda a hierarquia de bordo – do capitão aos pajens – tais aquisições não parecem, contudo, refletir uma irresistível atração por xerimbabos exóticos, tendo sido praticada por 16 dos 35 membros da equipagem (46%). De fato, nada menos de 41 animais (57% do total) pertenciam ao piloto e ao despenseiro, enquanto os demais compradores adquiriam, em média, cerca de dois espécimens. Enquanto os 35 escravos transportados pela ‘Bretoa’ foram cotados em 173.000 reais, o total correspondente aos 72 animais embarcados não ultrapassaria os 24.220 reais, cerca de um sétimo do montante anterior. Como o ducado veneziano mais ou menos se equiparava ao cruzado português – o qual perfazia 400 reais – parece razoável afirmar que o preço desse pequeno zoológico girava em torno de 60 ½ ducados – apenas 1,2% da carga de ‘paus-de-tinta’. Não se levando em conta o pagamento de impostos, cada papagaio, periquito, gato ou primata custava por volta de 336 reais, pouco menos de uma décima quinta parte da média de 4.942 reais atribuída a um indígena cativo”.

Na primeira página do manuscrito consta a expressão ‘**tera do brazyll**’ [Figura 1]:

² O nome “Brasil” já havia sido registrado em um globo terrestre feito com duas metades de ovos de avestruz, datado de 1504 (cf. Papavero, 2018).

483

Llyuro da naoo bertoa que vay para a **tera do brazyll** de que som armadores bertolameu
 marchone e benadyto morelle e fernã de lloronha e francysco mz que partiu deste porto de
 lix. a xxij de feureiro de 511

Exta

*Llyuro da naoo bertoa que vay para a **tera do brazyll** de que som armadores bertolameu marchone e benadyto morelle e fernã de lloronha e francysco mz que partiu deste porto de lix.^a a xxij de feureiro de 511*

Figura 1. Página inicial do manuscrito *Llyuro da naoo Bertoa* na Torre do Tombo, Lisboa (BAIÃO, 1923: 333).

1.2 1528 (30 de abril) – BRASSYLL – Carta de Diogo Leite a D. João II

A última sentença dessa carta reza (VARNHAGEN, 1854: 438-439; BAIÃO & MALHEIRO DIAS, 1924: 89):

“...beyjo as mãos de V. A. a que Deus acrecente os djas de vyda per muytos anos. Do **Brassyll** o deradeiro dabrill de Mb.^oxxviiij anos. – *Diogo Leite*”.

1.3 1528 – BRASYLL – Tradução da carta do rei da França, François I

Na Torre do Tombo está depositada uma tradução da carta datada de 6 de setembro de 1528 escrita por François I a um certo Glyas Hellie, sob o título *Francisco pela graça de Deos rey da França aho nosso caro e bem amado Glyas Hellie dito Anguleme hũ dos reys darmas dos francezes saude e amor*. Essa carta foi transcrita por BAIÃO E MALHEIRO DIAS (1924: 74-76); nela consta a palavra **brasyll**:

P. 74:

“Como nosos caros e bem amados João de Codquãgar, Francisco Gueret, Maturyn Tornamuxa, Joã Bureo e João Jennet merquadores nosos ao nosso mujto caro e mujto amado primo o conde de Lavall logo tete gerall ê nossas terras e duqado de Bretanha em nosa auzêcyã sua homjldẽ soprlicaã e requerymento em que se contynha que ho ano que ora pasara ele equipara de gente, mantimentos e navios de cento e quarenta toneys e o outro de oytenta toneys pouco mays ou menos e os envyaran as terras do **brasyll** e pera cobrar paos do brasyll e outras merquadorias proveitosas a nosos reynos terras senhoryos e sudytyos á qual terra e costa do **brasyll** chegarã nosos dytyos sudytyos e seus dytyos navyos que encoraram em certo porto...”.

P. 75:

“...algûs dos nosos dytyos sudytyos se sayrão a terra e se meterão nas mãos dos salvagês e gente que na dita terra do **brasyll** estava...”.

1.4 1530 – BRASILL, BRAZILL – Cartas de D. João III de Portugal, outorgando poderes a Martim Afonso de Souza

Em 1530, com o propósito de realizar uma política de colonização efetiva, Dom João III organizou uma expedição ao Brasil. A esquadra de cinco embarcações bem armadas e aparelhadas reunia quatrocentos colonos e tripulantes. Comandada por Martim Afonso de Souza, tinha uma tríplice missão: combater os traficantes franceses, penetrar nas terras em direção do Rio da Prata para procurar metais preciosos e ainda estabelecer núcleos de povoamento no litoral. Para isso traziam ferramentas, sementes, mudas de plantas e animais domésticos.

VARNHAGEN (1839) transcreveu três cartas escritas por D. João III de Portugal, a 30 de junho de 1530, outorgando poderes a Martim Afonso de Souza, em que aparece *Terra do brasill*³

P. 62:

“Carta de grandes poderes ao capitão mor, e a quem ficasse em seu lugar.”⁴

Dom Joham & A quantos esta minha carta de poder virem faço saber que eu envio ora a martim afonso de Sousa do meu conselho por capitam mor darmada que envyo para a **terra do brasill** e asy de todas as terras que elle dito martim Afonso na dita terra achar e descobrir...”.

P. 64:

³ Disse VARNHAGEN (1839: 57): “Quanto ao nome terra do Brasil, nota-se a razão porque se escreve com letra pequena esta última palavra. É bem sabido que já antes do descobrimento do novo-mundo havia no antigo continente, e se fazia uso para a tinturaria do páu-brasil, e que hoje ainda existe em alguns logares da Asia e até na Africa; e das arvores desta espécie, que havia um cerro, ao pé da Angra, na Ilha Terceira, lhe proveio por ventura o nome de *Monte-Brasil*, que ainda conserva.

Tambem não se ignora que o nome dado por Cabral ás plagas occidentaes, que descobriu, foi, segundo Pero Vaz Caminha, o de Terra de *Vera-Cruz*, e ao depois disseram de *Santa-Cruz*; e que sendo a principio a utilidade desta terra exclusivamente a de lhe extrahir o Brasil, por isso lhe chamaram *Terra do Brasil*”.

⁴ FREITAS (1924: 159-160) transcreveu na íntegra esta carta.

“Carta de poder para o capitão mor criar tabeliães e mais officiaes de justiça.”⁵

Dom Joham & A quantos esta mijna carta virem faco saber que eu envyo ora a martym afonso de sosa do meu conselho por capitam moor darmada que envio a **terra do brasil** e asy das terras que elle na dita terra achar e descrobryr...”.

P. 65:

“Carta para o capitão mór dar terras de sesmaria.”⁶

Dom Joham &c A quantos esta mjnha carta virem faco saber pera que as terras que martym afonso de sosa do meu conselho descrobryr na **terra do brazyll** omde o envio por meu capitão moor se apossam aproveytar que por esta mynha carta le dou poder pera que elle dito martym afonso posa dar as pessoas que comsygo leuar as que na dita terra quyserem vyuer e pouoar aquella parte das terras que hasy achar e descrobryr...”;

Os manuscritos originaes dessas cartas estão reproduzidos nas Figuras 2-4.

1.5 1530 – BRASIL – Manuscrito da navegação de Pero Lopes de Sousa

Esse manuscrito, depositado na Biblioteca da Ajuda (Códice 51-XI-18) é o seguinte, cronologicamente, a mencionar o nome Brasil, como consta no título:

“Navegraçam q’ fez pº lopez de Sousa no descobrimento da costa do **brasil** militamdo na capitania de marti aº de sosa seu irmão na era da emcarnaçam de 1530” [Figura 5].

1.6 1530 (6 de novembro) – BRAZIL – Casa da Índia. Ljuro quarto. dom João o 3º

Fólio 177v (no. 232 em RIBEIRO, 1954: 54):

“A dioguo lejte cavalejro de sua caza a capjtanja de hũ naujo de armada que vaj pera o **brasil** de que he capitam martim afonso de souza de seu conselho, em alcacer do sal 6 de novembro dioguo de pajua o fes Anno de 1530”.

1.7 1531 (22 de mês não citado) - BRESIL – Carta do dr. Gouveia (?) para o conde da Castanheira pedindo-lhe que inste com o almirante para embargar navios destinados ao Brasil

“...cumpre que v. s. diga ao almirãte que mãde dar ordẽ neste negocio e que nõ soamente mãde ãbargar estes nauios 4 que yã o **Bresil** mas mãde ao visalmirãte que nõ soamente estes 4 mas outros que aqui estão pera jrẽ o **Bresil** que os nõ deixe jr...” (BAIÃO & MALHEIRO DIAS, 1924: 92).

⁵ FREITAS (1924: 160) transcreveu na íntegra esta carta.

⁶ FREITAS (1924: 160) transcreveu na íntegra esta carta.

*Na era que camo q' fez o' do 1532 depois da morte do Brasil
 para a costa do Brasil no dia 21 de dezembro
 a nação de Lisboa de baixo da capitania de marim a se de fora a meu
 irmão q' ia por capitão de hua armada e governador da terra do Brasil
 com vento leste fui fora da baya fazendo caminho do sudoeste*

Na era de mil e quinhentos e xxxi sabado 17 dias do mes de dezembro
 Parti desta cidade de Lisboa de baixo da capitania de marim a se de fora a meu
 irmão q' ia por capitão de hua armada e governador da terra do Brasil
 com vento leste fui fora da baya fazendo caminho do sudoeste

Domingo quatro do mes no quarto da baya se nos fez o vento norte
~~o vento~~ fizemos o mesmo caminho do sudoeste

segunda 5. do dito mes ao meio dia tomei o sol em xxxij graus
 e demoravamos o cabo de san Vicente a leste e a quarta do nor
 deste

3. de dezembro ao meio dia tomei o sol em 35. graus e com
 vento norte ~~o vento~~ fazia o caminho do sudoeste e a quarta do
 sul na nao capitania sentiamos muito trabalho por q' no governada
 e no levamos mais vela q' ho traquer e mezena

4. de dezembro ao meio dia tomei o sol em 37. graus fazia
 o caminho do sul sudoeste

5. quinta 6. do dito mes se passou o vento ao norte e o vento
 com muita forza e muita grande mar ~~o vento~~ no dia de
 6. de dezembro ~~o vento~~ tomamos o caminho do sudoeste e a quarta do
 tomei o sol faziamos em 31. graus e hu terço demoramos o cabo de
 san Vicente ao norte deste e a ilha da madia ~~o vento~~ ao norte
 este e a quarta da horte faziamos della vinte e cinco legoas

7. sexta 7. nove dias de dezembro as tres oras depois de meio dia vime
 vista da terra e chegamos mais a ella reconhecemos a ilha de te

Figura 5. Navegação de Pero Lopes de Sousa. Primeira página do Códice 51-XI-18 da Biblioteca da Ajuda (FREITAS, 1924: 127).

1.8 1532 – BRAZIL – Carta del Rey D. João III para Martim Affonso de Souza quando passou ao Brasil, para povoar aquella Costa, e tomou huns Cossarios Francezes que andavão naquella Costa

Datada de Lisboa, aos 28 de setembro de 1532, essa carta foi transcrita na íntegra (mas não em leitura diplomática) por FREITAS (1924: 160-161). Nela há duas citações do nome Brazil:

Pp. 160-161:

“Martim Affonso amigo, Eu El Rey vos envio muito saudar; Vi as cartas que me escrevestes por João de Sousa, e por elle soube da vossa chegada a essa **terra do Brazil**, e como hieis correndo a Costa, caminho do Rio da prata, e assim, do que passastes com as Naos Francesas dos Cossairos que tomastes...”

P. 161:

“Depois de vossa partida se praticou, se seria meu servisso povoarse toda essa Costa do **Brazil**, e algumas pessoas me requerião Capitania em terra della.

Eu quizera antes de nisso fazer couza alguma, esperar por vossa vinda, para com vossa enformação fazer, o que me bem parecer, e que na repartição, que disso se ouver de fazer escolhaes a melhor parte, e porem, porque despoes fui enformado, que dalgumas partes fazião fundamento de povoar a terra do dito **Brazil**...”

1.9 1533 (8 de fevereiro) – BRASILL – Carta dirigida por D. João III ao conde de Castanheira

“Comde amigo. Eu ellRey vos emvyo muito saudar. vy a carta que me escreueste de cinco dias deste mes em que me daes conta do que llaa praticastes sobre a vymda de duarte coelho has ilhas dos açores esperar as naos da ymdia e como vos parece que lhe deue de yr lloguo o recado pera aver temo pera poder hyr a ellas e asy as rezões per que vos parece que deue dir o nauyo da sua armada da costa da mallagetta ao **brasill**...” (FREITAS, 1924: 163).

1.10 1533 (10 de fevereiro) – BRASILL – Carta dirigida por el-rei ao conde da Castanheira

“Comde amigo. Eu ellRey vos emuio muito saudar. vy a carta que me escreuestes de biij dias deste mes (...).

Agardeçouos muyto todo o que me escreueis que pasastes com onorato [Honorato de Caix] e receby prazer em vos afyrmardes que em todo folga de me seruir eu respomdo ao governador e a sua carta que todauia lhe mando entregar os cinco franceses dos que vyeram da costa do **brasill**...” (FREITAS, 1924: 163).

1.11 1533 (1º de março) – BRASILL – Carta que D. João III enviou ao conde da Castanheira

“Pareceme bem ir o auiso a duarte coelho por huma caravella pescaresa como dizeis pois ho tempo he jaa curto e se o nom achar na costa da mallagueta ira a carauella atee o **brasill** com recado que se cumpram as prouysões que lhe vam...” (FREITAS, 1924: 164).

1.12 1534 (10 de março) – BRASIL – Carta da doação feita por D. João III da capitania de Duarte Coelho

Neste documento consta a palavra **Brasil** [Figura 6] (FREITAS, 1924: encaixe entre as pp. 196 e 197).

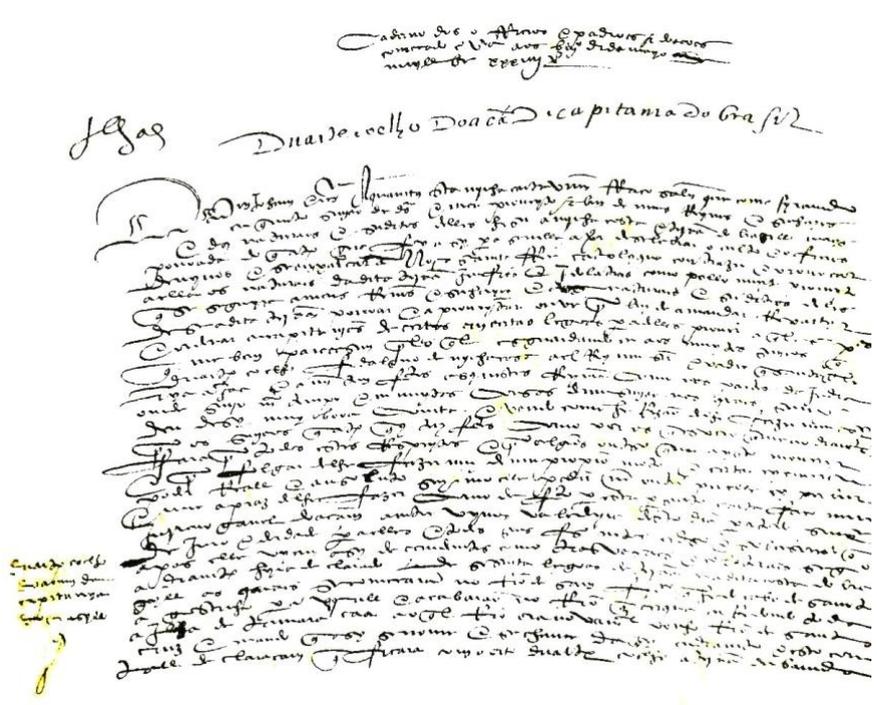


Figura 6. Início da carta de doação da capitania de Duarte Coelho, de 10 de março de 1534 (FREITAS, 1914: encarte entre as pp. 196 e 197).

1.13 1534 (5 de setembro) – BRASYL – Carta de D. João III de doação da capitania de Pernambuco a Duarte Coelho

“... per esta presente carta faço merce inrevogavel doaçam amtre vyvos valedoyra deste dia pera todo sempre de juro e verdade pera elle e todos seus filhos netos e erdeiros sobcessores que apos elle vierem asy decemdentem como trasvesaes e coleteraes segundo adiante hyra declarado de sesenta legoas de terra na dita costa do **brasyll**...” (LIMA, 1924: 309).

1.14 1534 (24 de setembro) – BRASYLL – Foral de Duarte Coelho

“Dom Joham etc. A quantos esta minha carta virem ffaço saber que eu fiz ora doaçam e merce a Duarte Coelho fidalgo da minha casa pera elle e todos seus filhos netos herdeiros e sobcessores de juro e derdade pera sempre da capitania e gouernamça de 60 legoas de terra na minha costa do **Brasyll**...” (LIMA, 1924: 312).

“Item o capitam da dita capitania e os moradores e povoadores della poderam tratar comprar e vender suas mercadorias sem os capitães das outras capitanyas que tenho providos na dita costa do **Brasyll** e com os moradores e povoadores dellas. s. de hûas capitanyas pera outras das quaes mercadoryas e compras e vendas dellas nam pagarão huns nem outros dereitos allguns” (LIMA, 1924: 313).

1.15 1535 (18 de junho) – BRASYLL – Carta de D. João III de mercê e doação das minas de ouro e de prata que Fernão Álvares de Andrade, Aires da Cunha e João de Barros venham a descobrir nas suas capitancias do Brasil

“Dom Joham etc. – A quantos esta minha carta vyrem ffaço saber que eu tenho feyto doação e merce a Fernão dAlvarez dAndrade do meu conselho meu thesoureiro moor e Ayres da Cunha fidalgo da minha casa e a Joham de Bairos feitor das sias da India e Mina pera elles e todos seus filhos netos erdeiros sobsesores de juro

derdade pera sempre da capitania e governança de duzentas e vynte cynco legoas da terra na minha costa e terra do **Brasyll**...” (MALHEIRO DIAS, 1924: 269).

1.16 1535 (6 de julho) – BRAZIL – Casa de Índia. Ljuro quinto. dom João o 3º

Fólio 56r (no. 276 em RIBEIRO, 1954: 64):

“A francisco perejra coutinho fidalguo de sua casa mil crusados pera comprar artelharia pera leuar nos naujos em que ora vaj pera a sua capitanja do **brazil** em evora 6 de julho manoel da Costa a fes 1535”.

1.17 ca. 1535⁷ – ?BRASIL – Diego Alfonso

O original do *Roteiro* de Diego Alfonso está perdido (Costa, 1940b: 80); segundo esta mesma fonte, “O *Roteiro* de Diogo Alfonso é o mais antigo da Carreira da Índia. Dêle se serviram os pilotos portugueses durante vários lustros; sendo muito utilizado por todos os roteiristas que se lhe seguiam”.

Seu conteúdo pode ser visto, por exemplo, em LINSCHOTEN [1598 (tradução inglesa; pp. 308-311: *The course of viagem to East Indies, made and set downe by the Kings Pilot called Diego Affonso a Portingall*), e 1638 (tradução francesa; pp. 3-6: *Cours du Voyage des Indes, appionté par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy*].

1.18 1536 (1º. de julho) – BRASILL – Carta de D. João III de mercê a António Teixeira dos ofícios de feitor e almoxarife da capitania de Pedro de Góis

“Dom Joham etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que confiando de Antonio Teixeira que nisto me servira bem e fiellmente e como compre a meu serviço querendo lhe fazer graça e merce tenho por bem e me praz de lhe fazer merce em dias de sua vyda dos ofícios de meu feitor e almoxarife da mynha feitoria e almoxarifado da capitania do **Brasill** de que tenho feito doaçam e merce a Pedro de Gois...” (MALHEIRO DIAS, 1924: 261).

1.19 1537 – BRASIL – André Vaz

Em sua *Viagem de inverno, que fêz o ano de 1537 André Vaz* (in Costa, 1940a) há as seguintes passagens:

P. 154:

“Item aos 12 pela manhã vimos muitas aves, como pardelas pardas; o vento era o mesmo dantes. Aqui ia bem atemorizado de não poder dobrar a terra do **Brasil** e determinava-me, a me não alargar o vento, virar noutro bordo. Este mesmo dia tomei 1 grau e 1/4 da banda do Sul; e o caminho foi todo ao sudoeste e a quarta a oeste, e achávamos que a nau seguia a vante e abatia pouco, por esta causa seguíamos neste bordo”.

P. 193:

“Êste dia à tarde vim ter ante o *Cabo da Boa Esperança* e o *das Agulhas*; e eu me fazia ainda com êle e era a ré 100 léguas; e êste erro foi de na volta do **Brasil** dar mais abatimento à nau do que ela fazia, e ser melhor de bolina do que eu cuidava”.

⁷ Fide Costa (1940b: 82).

1.20 1538 – BRASIL – João de Castro

Em seu *Roteiro de Lisboa a Goa* (CASTRO, ant. 1578) e in CORVO, 1882, existem as seguintes passagens com a citação do Brasil:

P. 229:

“Na cidade de Lisboa, assi como muitas vezes tenho experimentado, nordesteão as agulhas 7 graos, e dahi nauegando caminho do **brasil**, como somos com as Ilhas das Canareas endireitão as agulhas 1 grao 1/2, de maneira que nestas ilhas nordesteão 5 graos 1/1, e deste lugar até á linha aequinoctial não fazem algũa mudança ou differença. Porém, passando daquy e correndo na volta do Brasil, começa a variação hir crescendo pouco a pouco, de sorte que, achandonos 130 legoas pera leste do cabo de sancto Agostinho e em altura de 9 graos, as agulhas nordesteão 10 graos inteiros...”. [Cf. Figura 7, parte superior].

P. 231:

“Destas cousas se segue que a Ilha da madeira, Canareas, Ilhas do cabo verde, e assi mesmo as prayas do **Brasil** que se opõem ao vento leste, estão maes apartados do merediano de Lisboa pera a banda do occidente do que jazem situadas nas cartas de marear e das enformações dos caminhantes se tira...”. [Cf. Figura 7, última linha e Figura 8, primeiras cinco linhas].

P. 235:

“A todos he mui notorio que, partindo de Lisboa caminho do **Brasil**, sempre leuamos a proa naquelles Rumos que jazem encerrados na quarta parte de toda a circunferencia da agulha que se contém do Rumo do sul até á linha daloeste...”. [Cf. Figura 9].

“...mas passando por diante, até nos pormos avante do cabo verde, leuamos a proa ao sul quarta do sudueste, e passando maes alem, hindo nauegando na volta do **Brasil**, jamaes deixamos de governar pellos Rumos que estão do sul até á linha daloeste, por caso dos ventos que nestes tempos cursão...”. [Cf. Figura 9].

P. 238:

“Partindo da costa do **Brasil** pera o cabo de boa esperança, quem duuidará os pontos que os Pilotos vão pondo em suas cartas serem todos muito maes dianteiros e orientaes per muitas legoas, do que em verdade se deue fazer...”. [Cf. Figura 10].

Cenuca a puzca.

Na cidade de Lisboa assi como muitos outros livros expor-
 mentados no desbravã as agulhas .7. graus e dahi nave-
 gando caminho de brasil como vem com as Ilhas das
 Canarias en devertas as agulhas .1. grau $\frac{1}{2}$ de manua
 que nestas ilhas nordestinas .5. graus $\frac{1}{2}$ e d'esse lugar
 ate a linha equinoctial nas fozes alguma mudanca de
 differença. Logo passando da guy. e correndo na volta
 de brasil comeca a variacao hã crescendo pouco a pouco
 de sorte que achandones .130. legoas para leste do cabo
 de sancto Agostinho, e em altura de .9. graus as agu-
 lhas nordestinas .10. graus inteiros e desdahi vas fazendo
 maiores mudancas sempre para a parte da nordeste, ate
 sermos obra de .230. legoas a Ri das Ilhas de Perlas
 da canha e em altura de .31. graus $\frac{1}{2}$ que sera no meo
 diao que se a puzca .2. graus para o oriente do meridi-
 ano que passa pelo cabo das do vicente, onde he o termo
 de toda a variacao das agulhas a qual chega ate .19.
 graus $\frac{1}{2}$ ou .20. e logo passando este meridiano por
 diante do cabo da ben esperanca vid as agulhas
 enclivando pouco a pouco e desandando o grau que a
 te guita hã andado en variada, e qual effecto fazem
 ate sermos fozes avarite como a ponta primeira da terra
 do natal, que esta em altura de .32. graus onde a con-
 sta principalmente com o seu norte e sul de lo se com
 no verdadeiro polo do mundo / mas cominhando d'esse lugar
 para o India faze as agulhas esta variacao de estraxo
 fuzandote o seu norte ou sul de lo para abanda do
 nordeste, e quando mais hãmes andando tanto mais cresce
 a variacao ate chegar mos as parages do India, onde o norte
 das agulhas se desviam de lo do mundo para abanda de
 norte e de .12. graus q' valen hã $\frac{1}{4}$.
 d'esse confas se segue que a Ilha da madruza Canarias

Figura 7. Fólio 45r do MS de CASTRO (ant. 1578).

Ithas de cabo verde e assim mesmo as praias do Brasil que se
 operam do vento este, e das mais a paradas do meridiano
 de Lisboa para a banda de occidente, de que se faz o tra-
 das nos cartas de marcos, e das confirmações dos cami-
 nhantes se tira e tambem que as Ithas de Brasil da
 cunha, e do boi expozem, com toda a terra e mar
 que se contém até a costa da India e a mesma costa do
 mar chegado ao meridiano de Lisboa, formam-se qua-
 do que nos cartas e mapas se mostra, e he o mesmo do
 de que fica muito manifesto ser esta caminha que os Reis
 de Portugal para a India muito mais frequentes do que
 as navegantes e suas Imaginadas, e a declaracão de q-
 a de mactracão he esta. Pois que necessariamente os Reis
 que por via de Lisboa caminha da India, as agulhas nos
 nos das suas cartas, e das da banda do sul no meridiano
 que se aponta de Lisboa e cabo de São Vicente para a banda
 do norte, que he a linha das Ithas de Brasil da cunha, e do
 Cabo e assim mesmo que o regido do effeito da mactracão
 das agulhas não he outra coisa, salua de vir se o seu norte
 e do sul de vir se do norte do mundo para a parte do
 norte do sul e com esta tal mudanca, a mactracão com grande
 engano dos caminhantes e suas he o que se pede, e do
 sentido fra de seu norte e de seu meridiano e he necessa-
 riamente nos pontos das duas costas em contrario, a pri-
 meira he, que fazendo nove caminha para aquella quarta
 parte de circunferencia da agulha que he encerrada do
 Norte do norte até a linha do sul, e assim mesmo pela
 quarta parte da circunferencia da agulha que se
 aponta a esta, a qual comprehendendo os Reis e seus
 Reis do sul até a linha do norte, acharam que em mu-
 danca de hum grau que andam entre cada hum dos du-
 os que sal ordenados e proprios a estas duas quartas
 partes de toda a circunferencia da agulha, e assim ver-
 da doiramente feitas maiores caminhas do que as Re-
 gas.

Figura 8. Fólio 45v do MS de CASTRO (ant. 1578).

para o docto D. João Nunes, mas feita a gueltes que não se
 na da das mathematicas, nem tem experiencia de mar.

Lições de mar velozes que por hido de Lisboa caminha de
 Brasil sempre se chama a fora na gueltes de hido e se por
 enxada de na quarta parte de toda a circumferencia da
 a gueltes que se contém do Reino do sul até a linha do lo
 este, foi que até a ilha de madeira governamos ao fido
 este e de hido por diante a te sermos nas Ilhas das formos
 as fides e o caminho ao fido de hido, mas passando for
 diante até nas for mos a vinda do cabo verde se chama
 a fida do sul quarta do sul de hido, e passando mais a le
 hido navegando na volta do Brasil de mais de xamos
 de governar fido de hido e este do sul até a linha da
 oeste, for caso de ventos que nestes tempos costad. Logo
 clare parece que em quanto se fides o caminho de hido
 Nunes andarem muitas maes legas de que a densi
 naca de hido mesmo Nunes nos significad. e cada um
 nos hido mais a partando do meridiano de Lisboa
 de que for Nunes do caminho e alem se de mais, foi
 que por respeito de hido varacas que vde fazendo vde
 agulhas por este caminho, mas de hido centos as singa
 laras e apartamentos do meridiano fido Nunes por vde
 a fida da na vde e de hida, mas vde de hido e
 guas de hido mais chegades para a linha do lo este, tanto
 guas, quanto times sabido que as agulhas no de hido, nos
 taes fides e fides, foi que se a na vde fido de hido
 caminho fido Nunes do sul de que mais de hido
 do o Regimento e em mudança de hido para hido em
 da de . 2 4 legas $\frac{3}{4}$ e em fides e apartados do meri
 diano de hido fides . 17 legas $\frac{1}{2}$ e que se na vde
 de se o norte das vde agulhas fides no vde de hido
 Polo de hido, mas nos fides vde ante em outro bon
 to em a partado de vde de hido Polo que de hido, elle
 — e o Nunes.

Figura 9. Fólio 47r do MS de CASTRO (ant. 1578).

em verdade que se monta nesta mata quarta, ou 5. graus
 1/2. Por onde hinos directamente caminhando, logo es
 tinguem terras altas, baixas, que acham-se por esta
 parte governando. bello d'isto hinos, sem n'uma
 divida que sem mais occidentais, a comparacão de
 mediana de Lisboa, de que acaçoa se pratica, e tem
 por averiguado.

Porém dobrado o cabe de tonda Agostinho e comen
 çando o vento de hie a largando a se ventar da banda
 do Ponente, causa he muito manifesta que a se ser
 moir com terra do cabe da b'ia e t'ouanea. Da mais a p'ua
 de n'uma nave em f'ra da qu'elle hinos que se tem
 de leste das agulhas att'o humo do sul, por onde camin
 hando com ventos f'ies e tendentes e'o n'ate de n'uma
 agulhas n'inde cada vel' fazendo mo'jeos mudancas
 para a parte do nordeste att'o quantidade de 20. graus
 que valem pouco menos de duas quartas, e desdahi cor
 nando dar a volta o desandar o caminho pela mes
 ma maneira, e grau, att'o que f'rao sobindo quando che
 garem a pentaf'rimera da terra de Portugal f'icad de
 todo f'rao e f'rimo directamente na verdade n'os fo
 to do mundo. Da pois todo o tempo que caminhar met
 por cada quarta parte de toda a f'rao f'rao de a
 gulla, a qual comprehende os humos sobu d'isto.
 Partindo da villa de Tr'op' f'rao o cabe da b'ia e pe
 renca quem dividua os pontos que es Lisboa red
 f'ondo em suas cartas se'em todos muito mais dian
 teros e orientais por muitos legoas, de que em ver
 dade se deve f'rao por f'rao do caminho que h'io
 fazendo pois que governando oles n'ate, na p'rao
 9. as agulhas n'ost'itad. 13. e 20. graus achando
 10. graus na mudanca da terra contames. 46. lego
 at.

Figura 10. Fólho 48r do MS de CASTRO (ant. 1578).

as am' graduações 42. na differença dos meridianos
 sendo notado que o tal caminho foi que se as fizesse
 por onde o grau val. 24. legoas $\frac{3}{4}$. e cada fôrça
 dos meridianos. 17. $\frac{1}{2}$. e em m'os. Tenha o
 fôrça em leste quarta de oeste, multiplicando no
 altura hum grau, contamos na singradina. 90.
 legoas. e. 88. na distancia dos meridianos, nos
 nos recatando, que o tal caminho que se fôrça
 por entre a me' portada de leste oeste, e a quarta de
 leste, que esta a por de sul, por onde o grau val. m.
 menos de. 46. legoas, e o apartamento dos meri-
 dianos nos chega a 40. e estes enganos nos aco-
 panhad todo o tempo q' caminhamos por dentro de
 ta quarta parte da circunferencia da agulha por
 onde navegando tantas dias, tantas noites. Tenha
 do em cada singradura erro tal notavel, causa-
 do da sobreja e nos conhecida variação da agu-
 lha faz que quando se v' a seixar cho' v'rias no
 plano della Relação e Relações dos Pilotos e nave-
 gantes he necessario metter a conta do cabo de boia
 experiança grandes espaços, fello orientar aima e
 ficar a n'ca ella e a conta do Brasil tal comprido
 e de fôrça distancia como a presente se mostra e
 todos os planos. E da qui vem q' fôrças as con-
 tas e caminhos tal comprido, considerando os Pil-
 totes com humis, com suas sermoas contadas fôrças
 m'os a fôrça do cabo se achad com elle, ou a v'ria
 nos atinados a causa d'onde she procede fôrça fôrça
 geral em a qual das acudadas dos singraduras
 m'os m'os legoas do que e sol d'ellas. He capi-
 ta!

esta o percaud em n'ca de leste que fôrça as agulhas
 portado de.

Figura 11. Fólio 48v do MS de CASTRO (ant. 1578).

daquella: felle que fua clavo que em todo este caminho
que ha de ser da gente primeira ate as praias da India.
famos maiores singraduras a nao do que na verdade
ella anda e da quey vem que se tem de tanto este cami
nho de necessidade no assentor das terras a differença
das medidas por ha de ser mayor do que a com os fuyores
por muitos graus

mas deui nel se dar a mesma autoridade ter que ha de mos
trada a longa e continua experiencia que de tantos e de
poca que temos do comprimento deste caminho especial
mente da travessa e ha de costa do Brasil ate o cabo de
boa esperanza, a qual todos affirmam toda a parte e por
ella passar e tener honesto curso e alguma pratica de mar
e ha mais de 150 legoas e a distancia fora de isto ahy he
esta, tanto que as velas naõ se podem em altura do ca
bo foy e comeca por a boca do cabo de boa esperanza
fazendo a elle seu caminho, na mesma ora se comeca de
avimar os Pilotos e poca de sem maiores singraduras a nao
do que por sua estimativa se e chama por onde nos
caminhos achad, e certamente que na minha nao
ouve muitas singraduras de 70 e 80 legoas sem
entrar fora isto entra com consideracao sobre ventos hum
pouco frescos e naue gormos por esta passagem com os
graus em todo o outro mar que nos foy este e os foy
da mar a cada uma das singraduras a e legoas por
que esta se assentado por maxima de mercantes
que nelle caminho se ha de contar mais legoas em
cada hum dia natural do que acharam que a nao
se devia andar por qualquer via que fosse, e a parte
e no tempo que de tanto ando a esta parte ate ho
dia de hoje que este mar he todo lizo e de lizo foy que
se e sempre a mar a e lizo e charente as naõs
no cabo de boa esperanza em avanti delle fazendo
se os

Figura 12. Fólio 49v do MS de CASTRO (ant. 1578).

se os Pilotos muito a De' com seus pontos, e hinda em
tando em cada sin gradua muitos mais legos do
que elles mesmos sabem e creem que a não pode andar
que pode isto causar senas que estã comminha he muito
ma de guerra do que esta pelo naucaas de marear.
Os exemplos que neste caso podem dar sam tantos qua
tas sa' as armadas que for agui passad e batard,
pello que somente se conuecy hum / em hua armada
e que Jorge de mello ver por capitã mer aconceco que
fazendo se todos os Pilotos na enseada de marim esngu
achou hum namo de Bloca mbique que he e chize
claro de dentro do cabo das correntes, nas ha de
vida que se nas fozem os muitos seruaes de aues,
peixe, cruas, e outras superfluidades que as tirras
e mares produzem, os quaes nos a por ceem quomho
seme tanto a vante como o cabo de boa esperanca,
que todos os Pilotos ficaria enganados em grande
caminho, e Damais se furios com o cabo que a o o.
legos se nas a chassem a vante, com tanto que dem o
caminho a não conforme a altura que tomã e hum
a que gouernã o que vem destes dias costas. 35. do
Brasil, e cabo de boa esperanca estarem mais a portado
nas costas do que as de a vante na forma e mundo?
a norte de quinta feira, tod' o quarto da prima fey o
vento noreste, e portos gouernamos a leste quarta do
sueste, ate a manhã, esta noite pendida o quarto
da prima, mas entranel a medria saltem saltem o
vento a norte, e gouernamos a leste quarta para a
norte do sueste ate a manhã. Esta noite pendida
o quarto da prima, chegu a não a nos e ditos a
Piloto della, que esse dia vira terra e era o cabo
das agulhas.

(Caminho)

Figura 13. Fólho 50r do MS de CASTRO (ant. 1578).

ne tempo que o Imperador passou a Tuniza
 e outros exemplos della qualidade que poderia
 ter de ser que por serem naturas e causas da
 liberdade deixo / e fica mais conhecida della
 sabemos que esta cidade de quibla, teve o Im-
 perio da maior parte della e de la, antes que
 o primeiro dom francisco da maceda a descobrisse
 por que ate Coftala todos os lugares de quibla
 na tributo, e a Reconhecendo por sua, e se
 grande se conta por pessoas certas, e de muita
 utilidade, pouco tempo antes de sua cabida
 hum Principe que nella Reynava a natural grande exercito
 grande exercito, foi folla terra de novo a con- de Principe de
 quibla, e folla que se lhe allevantara, assi que quibla
 folla a cidade de quibla, foi a mais principal Cumba Caba (Caba)
 della folla, e Ptolomeo na folla em todas estas
 prajas entre folla Metropoly semal a folla
 e nos alomas e serra estas duas cidades se ha
 bem, e tad quasi conformes, seia contra folla e con-
 venienci enormes que edo cabo delgado seja o
 Duomontes de folla, e a cidade de quibla seja
 a folla, e o Rio de senjo, e folla. e tambe
 devesmos considerar estes tres lugares quando com
 a mesma folla na carta que tem as cartas de
 Ptolomeo, Pa que assi como a cidade de quibla
 e o Rio de senjo esta hum grado mais chegada
 a Equinoctial do que esta o cabo delgado, assi
 a cidade de folla e o Rio de senjo, esta entre grau mais
 perto da Equinoctial do que esta o cabo delgado
 E nas tres devesmos espantar de achar alguma in-
 congrua nas escripturas de tao longe lpo, mas antes
 de se poderem conservar, e se tad corrompe-
 rem de todo.

Figura 14. Fólho 83v do MS de CASTRO (ant. 1578).

P. 239:

“...e não conhecida variação das agulhas, faz que, quando se vem asentar estas terras no plano pellas relações e Roteiros dos Pilotos e nauegantes, he necessario meter a costa do cabo de bõa esperança grandes espaços pello oriente acima, e ficar antre ella e a costa do **Brasil** tão comprida e disforme distancia, como ao presente se mostra em todos os planos”. [Cf. Figura 12].

P. 241:

“Não deue nesta parte menos autoridade ter que ha demonstração, a longa e continua experiencia que de tantos tempos pera quá temos do Comprimento deste caminho, especialmente da trauessa que ha da costa do **Brasil** até o cabo de bõa esperança, a qual pode affirmar toda a pessoa que por ella passar, e tiuer honesto juizo e algũa pratica do mar...”. [Cf. Figura 12].

P. 243:

“o que vem destes duas costas, a saber, do **Brasil** e cabo de bõa esperança, estarem mais apartados nas cartas, do que as Deus assentou na poma e mundo”. [Cf. Figura 13].

P. 308:

“e assy algũas outras que fiz na parajem do **Brasil**, onde achei notaues djfferenças, que foy por as fazer perto donde estaua algua peça de artelharia, anchoras, ou qualquer outro ferro, como me passaua a todas as partes da nao, buscando lugar conueniente a esta obra”. [Cf. Figura 14].

1.21 1538 – BRASIL – Bernardo Fernandes

No *Livro de Marinharia* de Bernardo Fernandes existem as seguintes passagens (*in* COSTA, 1940a⁸):

P. 56:

“Pelo qual o Sol não manifesta inteiramente sua verdade a quem seus movimentos não alcança, e achando-se os pilotos enleados nisto, pela diferença acima dita, dando às naus os caminhos pelos graus maiores, parecendo-lhe haver nesta paragem alguns movimentos de agulhas, que aí não há, verão as mais das vezes em seus pontos pela costa do **Brasil** e levando-os assim errados, ou voltando outra vez sôbre a costa da Guiné, perdendo tôda a navegação indo depois com assaz de trabalho irvernar a *Moçambique*...”.

P. 64:

[23] -*Lembranças dos temporais e luas novas e velhas, nas partes da India e costa do Brasil com as Antilhas, por accidentes da lua* (Fols. 83 r.-84 r.)”.

P. 110:

“Item: o primeiro de Julho estávamos em 8 graus da banda do Sul, e êste dia nos saiu do través uma nau francesa, que nós cuidámos que era a *Espinheiro* que partira em nossa companhia, e seguiu-nos alguns dias e, por correremos mais do que ela, nos largou .e se foi na volta do *Brasil*”.

⁸ Texto publicado em ortografia moderna.

P. 154:

“Item aos 12 pela manhã vimos muitas aves, como pardelas pardas; o vento era o mesmo dantes. Aqui ia bem atemorizado de não poder dobrar a terra do *Brasil* e determinava-me, a me não alargar o vento, virar noutro bordo”.

P. 193:

“Este dia à tarde vim ter ante o *Cabo da Boa Esperança* e o *das Agulhas*; e eu me fazia ainda com êle e era a ré 100 léguas; e êste êrro foi de na volta do *Brasil* dar mais abatimento à nau do que ela fazia, e ser melhor de bolina do que eu cuidava”.

1.22 1543 (1º. de março) – BRASIL – Carta de D. João III de confirmação da demarcação das capitânicas de Pedro de Góis e de Vasco Fernandes Coutinho (12 de março de 1543)

“Dom Joam etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que Eu houve por bem de confirmar e aprovar a demarcação que Vasco Fernandez Coutinho e Pedro de Goes fidalgos de minha casa entre si por meu mandado fizeram das suas capitânicas do *Brasil*...” (MALHEIRO DIAS, 1924: 264).

1.23 1545 – BRASIL⁹ – Manuel Álvares

Em seu *Roteiro da nauegaçam Daqui pera a yndia* (in COSTA, 1940b) consta:

P. 32:

“Nesta volta do *Brasil* hás-de trabalhar em te pores em altura de 8 graus e dois terços, que está o Cabo de Santo Agostinho. Se fôr caso que te acontecer que fores ver a terra, nesta altura, não te faças noutra volta, surge aqui com a nau, que os ventos te alargarão a fazeres teu caminho; mais hás-de saber que nesta travessa do Cabo de Santo Agostinho para o *Brasil*, correm as águas para as Antilhas. E portanto não cures de fazer volta, porque se a fizeres será tornaes ao caminho de Portugal”.

P. 34:

“Nesta derrota que trazes, do *Brasil* para o Cabo da Boa Esperança, seguem-te muitas aves”.

1.24 1546 (29 de abril) – BRASIL, BRASYLL – Carta de Pedro de Góis escrita da Vila da Rainha a D. João III (Em que dá conta de como, ao regressar do reino, encontrara desbaratada a sua capitania, e da fundação de uma boa e nova povoação com muitos moradores, a umas dez léguas do mar pelo interior, e de como os naturais se levantaram em represália das más acções de Henrique Luís e da luta que êles travara, em que perdeu um ôlho e vinte e cinco homens mortos)

“Senhor. – per hũa que llogo como a esta sua terra do *Brasil* cheguei lhe escrevi lhe dei comta quanto desbaratada achei a minha capitania...” (MALHEIRO DIAS, 1924: 263).

“Destá sua vylla da Rainha no *Brasyll* aos xxbiij dias dabrill de 1546. = Pedro de Goes” (MALHEIRO DIAS, 1924: 263).

⁹ Infelizmente o texto publicado por Costa (1940) está em ortografia moderna e não se sabe se Manuel Álvares grafou *Brasil* ou *Brazil*.

1.25 1546 (20 de dezembro) – BRASYLL, BRASILL Carta de Duarte Coelho

“...e este de por aquy ao redor que he o melhor de todo outro **Brasyll** fycará guardado pera quamdo se V. A. quyser seruyr delle que por sua ordem e com todo resguardo se fará” (LIMA, 1924: 314).

“Outro sy, Senhor, dou conta a V. A. e lembro o que lhe já tenho escripto que proveja e mande a todas as pessoas a que eu terras no **Brasill** que venhão a povoar e resedyr nellas que assy cumpre a seu serviço pois esa foy ha condição...” (LIMA, 1924: 315).

1.26 1548 (22 de março) – BRASILL – Carta de Duarte Coelho

“Nam tenha V. A. em tam pouco estas terras do **Brasill** em especial esta Nova Lusytanea...” (LIMA, 1924: 316).

1.27 1548 (22 de maio) – BRAZILL, BRASIL Carta de Luís de Góis escrita da vila de Santos a D. João III

“...daguora peço a Vosa Alteza que com sua acostumada clemencia queira perdoar meu atrivimento e receba em serviço minha vontade e diguo mui alto e muy poderoso senhor que se com tempo e brevidade Vosa Alteza não socorre a estas capitania e costa do **Brazill** que ainda que nós percamos as vidas e fazendas vosa Alteza perderá a terra e que nisto perqua pouca aventura a perder muito, porque não estáa em mais de serem os franceses senhores dela, que em se acabarem de perder estas capitánias que ficam e de ter elles hum pee no **Brasil** ey medo adonde quererão e podem ter ho outro”. (MALHEIRO DIAS, 1924: 259).

1.28 1548 (17 de dezembro) – BRASILL, BRASIL – Regimento de Tomé de Souza

“Eu el Rey ffaço saber a vos Tome de Sousa ffdalguo de minha casa que vemdo Eu quanto serviço de Deus e meu he conservar e enobrecer as capitánias e povoações das terras do **Brasill**...” (AZEVEDO, 1924: 345).

“...ey por bem de vos enviar por governador as ditas terras do **Brasill** no qual carguo e asy no fazer da dita fortaleza tereis a maneira seguinte da qual fortaleza e terra da Bahia vós aveis de ser capitão” (AZEVEDO, 1924: 345).

“Ao tempo que chegardes a dita Bahia fareis saber por todallas vias que poderdes aos capitães das capitánias da dita costa do **Brasil** de vossa chegada...” (AZEVEDO, 1924: 345).

“...allgûus outros jemtios da dita Bahia não comserntirão nem forão no dito alevantamento amtes estiverão sempre de paz e estão ora em companhia dos cristãos e os ajudão e que asy estes que ahy estão de paz como todas as outras nações da costa do **Brasill** estão esperando pera ver o castiguo que se daa aos que fizerão os ditos danos...” (AZEVEDO, 1924: 345).

“Porque a principal cousa que me moveo a mandar povoar as ditas terras do **Brasill** foi pera que a gente dela se convertese a nosa santa fee catolica...” (AZEVEDO, 1924: 347).

1.29 1548 (17 de dezembro) – BRASIL, BRASILL – Regimento de António Cardoso de Barros

“Eu el Rey ffaço saber a vos Antonio Cardoso de Baarros cavaleiro fidalguo de minha casa que vendo Eu quanto serviço de Deus e meu he serem as terras do **Brasill** povoadas de christãos pelo muito fruito que se diso segue mando ora ffazer húa fortaleza na Bahia de todos Santos e prover as outras capitánias pera que daqy em

diante posão ser melhor povoadas e a jsto ordenei que fosse Tome de Sousa fidalgo de minha casa que envio por capitão da dita Bahia e governador de todas as terras do **Brasil...**” (AZEVEDO, 1924: 350).

“E porque será meu serviço e proveito de meus reinos pela abundância de madeiras que ha nas ditas terras do Brasil fazerem se naos ey por bem que as pessoas que na dita terra do **Brasil** as fizerem de 130 toneis ou dahy pera cima ajão a merce e gozem das liberdades de que gozão per bem do regimento de minha fazenda aos que fazem naos da dita grandeza nestes reinos a qual merce averão nas minhas rendas das ditas terras do **Brasil**” (AZEVEDO, 1924: 352).

“Eu tenho ordenado que os capitães das capitánias da dita terra e os senhorios dos engenhos e moradores delas sejam obrigados a ter as armas e artilharia seguinte. s. cada capitão em sua capitania ao menos dous facões e seis berços e seis meyo berços e vinte arcabuzes ou espingardas e sua polvora necesaria e vinte beestas e vinte lamças ou chuças e coremta espadas e corenta corpos darmas dalguodão dos que nadita terra do **Brasil** se costumão...” (AZEVEDO, 1924: 352).

“Pera que o açuquer que se nas ditas terras do **Brasil** ouver de fazer seja da bondade e perfeição que deve ser...” (AZEVEDO, 1924: 353).

1.30 1548 (17 de dezembro) – BRASIL, BRASILL – Regimento dos provedores da fazenda del Rei nosso Senhor nas terras do Brasil

“Eu el Rey ffaço saber a quantos este meu regimentos virem que eu envio ora aas terras do **Brasil** por provedor moor de minha ffazenda Antonio Cardoso de Barros...” (AZEVEDO, 1924: 353).

“Falecemo algua pesoa nas ditas terras do **Brasil** o provedor em cuja capitania falecer se enformará se fez testamento...” (AZEVEDO, 1924: 357).

1.31 1548 (17 de dezembro) – BRASIL, BRASILL – Regimento de António Cardoso de Barros

“Ey por bem que daqui em diante pesoa allgua não faça nas ditas terras do **Brasil** navio nem caravellão algum...” (AZEVEDO, 1924: 358).

“E porque os navios de remo são mais convenientes pera navegarem na dita costa do **Brasil...**” (AZEVEDO, 1924: 358).

“E porque sera meu serviço e proveito de meus reinos pela abundância de madeiras que á nas ditas terras do **Brasil...**” (AZEVEDO, 1924: 358).

“Eu tenho mandado ao provedor moor em seu regimento pera que no açuquer que nas ditas terras do **Brasil** seouver de fazer seja da bondade e perfeição que deve de ser...” (AZEVEDO, 1924: 359).

1.32 1549 (8 de janeiro) – BRASIL – Carta de D. João III regulando a doação da ilha de Santo António a Duarte de Lemos por Vasco Fernandes Coutinho

“Dom Joham etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que Duarte de Lemos fidalgo de minha casa me apresentou hũa escritura da qual o theor tal he:

Em nome de Deus saibam quantos esta escritura de doação e declaração virem que no anno de Nosso Senhor Jhesu Cristo de 1540 anos aos vinte dias do mes de agosto na cidade de Lisboa na rua do Barão onde pousa o senhor Vasco Fernandez Coutinho capitão e governador da capitania do Espirito Santo na parte da sua terra do **Brasil...**” (MALHEIRO DIAS, 1924: 265).

“Testemunhas que foram presentes Fernão Velez fidalgo da casa do dito Senhor e Pedro Garcia morador da Villa do Espirito Santo na **terra do Brasil...**” (MALHEIRO DIAS, 1924: 266).

1.33 1549 (14 de abril) – BRASYLL – Carta de Duarte Coelho

“...pedem a V. A. que por vymte anos lhes dê ho brasyll todo de toda a costa metendo diamte dê tudo ho destas terras da Nova Lusytania e asy lhe pedem que demtro no dito tempo lhe llargue e dê todollos dizemos e rendas de todallas terras e costa do **Brasyll...**” (LIMA, 1924: 318).

1.34 1550 (julho) - BRASIL – Carta de Filipe Guillem

“E porque sempre meu yntento foy inquirir e saber as estranhas cousas deste **Brasil** e ver se poderia achar caminho pera se a terá seguramente correr...” (AZEVEDO, 1924: 359).

1.35 1551 (18 de junho) – BRASYLL – Carta de D. João III de mercê dos cargos de provedor e contador das rendas e direitos da capitania de S. Vicente a Brás Cubas

“Dom Joam etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que confiando eu de Bras Cubas meu moço de camara que nisto me serviraa bem e fielmente com todo recado de delygencia que a meu serviço cumpre ey por bem e me praz de lhe fazer merce dos cargos de provedor e contador de mynhas rendas e dereytos da capitania de Sam Vicente nas terras do **Brasyll...**” (MALHEIRO DIAS, 1924: 260).

1.36 1551 – BRASIL – Fernão Lopes de Castanheda

Segundo CASTANHEDA (1551: 64, Capítulo 31):

Nesta

terra mandou Pedraluares meter
hũ padrão de pedra cõ hũa Cruz, e
por isso lhe pos nome terra de santa
Cruz, e despois se perdeu este nome
e lhe ficou ho do **Brasil** por amor
do pao brasil;

1.37 1552 (22 de julho) – BRASYLL – Alvará a Pedro de Carvalhaes de mestre das obras do Salvador

“Eu el Rey faço saber a quantos este meu alvará virem que confiando eu de Pedro de Carvalhaes, pedreiro, na cidade do Salvador, da Bahia de Todolos Santos, na costa do **Brasyll...**” (AZEVEDO, 1924: 364)

1.38. – 1553 (4 de fevereiro) – BRASIL, BRASILL – Carta de Dom Sebastião de confirmação e mercê dos cargos de provedor e contador das rendas, capelas, confrarias, albergarias e gafarias de S. Vicente e Santo Amaro a Brás Cubas

“Dom Sebastião etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que confiando de Bras Cubas cavaleiro fidallgo de minha casa no que o encarregar me servirá bem e fielmente como o meu serviço cumpre e por lhe fazer

merce ey por bem e o dou ora daqui em dyante novamente por provedor e contador das rendas e asy das capellas espritaes confrarias e albergarias e gaffarias que ora ouver e ao diante se fizerem na capitania de São Vicente nas terras do **Brasil...**” (MALHEIRO DIAS, 1924: 260).

“... Eu ey por bem e mando que a dita pose do dito officio lhe seja dada em camara pellos officiaes della da Villa do Porto de Santos da capitania de São Vicente onde o dito Bras Cubas reside e vive e ha de servir o dito officio avendo respeito a aver 200 legoas da dita capitania de São Vicente na Bahia de Todos os Santos do **Brasill** onde o dito governador reside” (MALHEIRO DIAS, 1924: 261).

1.39 – 1553 (1º. de março) – BRASYLL – Dom João III - carta sobre o capitão da Cidade do Salvador no Brasil

“Dom Joham etc. A quantos esta mynha carta virem faço saber que vemdo eu como pera os cargos de capitam da cidade do Saluador da capitanya a Baya de todolos Samtos na costa do **Brasyll...**” (AZEVEDO, 1924: 366).

“Notefiquo ho asy a Tomé de Sousa do meu conselho que ora esta serujndo nas ditas partes do **Brasyll...**” (AZEVEDO, 1924: 366).

1.40 ?1554 – BRASIL – Apontamentos de Diogo Nunes das suas viagens na América

“Avera trezentas legoas des desta prouincia ate o mar e sae este Ryo ha costa do **Brasil...**” (AZEVEDO, 1924: 367).

1.41 1557 (25 de janeiro) – BRASIL – Alvará do provedor de Porto Seguro a Filipe Guilhem, de 25 de janeiro de 1557

“Eu el Rey faço saber a quantos este meu alvará virem qye eu ey bem e me praz de fazer merce a Filipe de Guilhẽ, morador nas partes do **Brasil**, do officio de provedor de minha fazenda da capitania de Porto Seguro...” (AZEVEDO, 1924: 382).

1.42 1559 – BRAZIL – Anônimo

Na *Relaçãõ do naufragio da Nao Santa Maria da Barça* (Anônimo, [1559] 1735: 315) [Figura 15] lê-se:

“Foy tomada a agoa com grande alvoroço, e tornou a carregar; porque disseraõ os Officiaes, que ainda tinha tempo; e que quando naõ pudesse pairar à India, ficaria invernando em Moçambique; e assim deo à vela a dous de Mayo; e foraõ seguindo sua derrota; e na Còsta de Guiné 36éspera tantas calmarias, que os deteve setenta dias; e tomando parecer sobre o que fariaõ, 36éspera36ãõ que fossem invernar ao **Brazil**, porque era muito tarde; e logo se fizeraõ na volta da Bahia de todos os Santos, onde chegarãõ a quatorze de Agosto, vespera de Nossa Senhora da Assumpçaõ”.

RELAÇÃO
DO
NAUFRAGIO
DA NAO
SANTA MARIA DA BARÇA
De que era Capitão
D. LUIS FERNANDES
DE VASCONCELLOS.



*A qual se perdeu vindo da Índia para
Portugal no anno de 1559.*

Figura 15. *Relação do naufragio da Nao Santa Maria da Barça* (Anônimo, [1559] 1735: 315).

1.43 ?1562 – BRAZIL – Henrique Dias

Na *Relação da viagem, e naufragio da Nao S. Paulo* (Dias, [?1562] 1735) [Figura 16] há várias citações do nome do país:

P. 359:

“Por ser o nosso Piloto novo nesta Carreira, e ser ella a primeira vez que vinha do Reyno nesse officio, por ser sempre cà na Índia de roteiro, e prumo, como cà dizem, e todos navegaõ, receou tanto, e mais do que devera, o sulaventear desta Nao, que por ficar, segundo elle dava por razão, bem a balravento do Cabo de Santo Agostinho, terra do **Brazil**, por a Nao, já o anno passado, o naõ poder dobrar...”

P. 368:

“o que visto virãmos sobre elles, e lhe atiramos com hum Falcaõ pedreiro, que lhe foy esfuziando por cima, e por ser já noite, e nos haverem conhecido de dia, se chegarão tanto para nòs, e tanto nos capearão, antes de lhe atirar outro, que por ventura fora causa de mayor danno, com que esperãmos, e nos detivemos athè chegarem a nòs, e os conhecemos serem Portuguezes, e hirem para o **Brazil** para S. Vicente...”

P. 371:

“...e assim havíamos de invernar em Moçambique: pareceo bem, e foy necessario conselho de todos os Fidalgos, criados d’ElRey, e homens do mar, arribarmos ao **Brazil**, a refrescar os doentes, e fazer nossa agoada, e provemos de mantimentos, e de outras couzas muito necessarias à nossa viagem, e navegação, pois daqui podíamos fazer melhor nosso caminho, e mais prestes hir invernar à Índia, e estar lá por todo Janeiro; e assim virãmos noutra bordo a demandar a Costa do **Brazil**, e procurar algum bom porto, onde nos acolhessemos.

Aos vinte e sette de Agosto, huma manhã, havendo vinte dias que dobrámos a Linha, vimos a terra do **Brazil**, e era a Bahia de todos os Santos...”.

P. 373:

“e assim concertámos o leme, e outras couzas muito necessarias, no qual tanto tempo sarãrão todos os doentes, e ficarão muy saõs, rijos, e esforçados para todo o trabalho, por ser esta terra do **Brazil** muy sádia, e de muy bons ares toda em si por extremo, e ter muitos bons mantimentos, e muy gostòsos, e sádios, assim os do mar, como os da terra...”.

Pp. 375-376:

“Assim que quem vier para o **Brazil**, ha-se de vir pôr em mais altura do que estiver o porto que vier demandar; e isto vindo athè todo Agosto; porque athè este tempo reynaõ os ventos Suèstes, e Lessuèstes, e he bom ficar bem a balravento para a parte do Sul; e vindo do fim de Agosto por diante, então se pôde pôr na altura do porto, que vem buscar, e correr por ella , e ficar ainda a sulavento se quizer, porque então cursaõ os Nordèstes, e Normordèstes; assim pode ficar em menos altura; e esta foy a causa, porq’ com ventos frescos e galernos puzemos vinte dias depois de dobrar a Linha athè o **Brazil**, e por nos pormos em mais altura, e estarmos muito amarrados, correremos alguns dias a demandar a terra.

Partimos do **Brazil** a dous de Outubro da mesma era, huma quarta feira às três horas depois do meyo dia, com o vento Nordèste, que nos lançou da Barra, e nõs do mar em fora achamos o vento Nordèste fresco, e largo; assim nos fomos lançando ao mar, governando ao Suèste tocando às vezes na quarta de Lèste fazendo nossa viagem embora. Ficãrão-nos no **Brazil** cento e tantos homens, para hirem a descobrir o Rio do Ouro...”.

P. 376:

“Hindo fazendo nosso caminho ao mesmo rumo, amarrados quanto mais podíamos, para atravessarmos desta Costa do **Brazil** à terra do Cabo da Boa Esperança, que he o mayor Golfo do descuberto...”.

P. 377:

“Aos nove dias do mesmo mez, havendo sette que partimos do **Brazil**, fomos com as Ilhas da Ascençaõ, e da Trindade, que estaõ ao mar desta Còsta...”.

Pp. 383-384:

“Nesta travessa do **Brazil** tivemos os dias e noites bem diferentes athè o Cabo, das que tem as Naos que vem do Reyno por aqui em Junho, e em Julho...”.

P. 392:

Faltava já quasi a todos o comer, por naõ haver ahi vinho d’ElRey , nem o bebiaõ os Soldados desde que sahiraõ do **Brazil**...”.

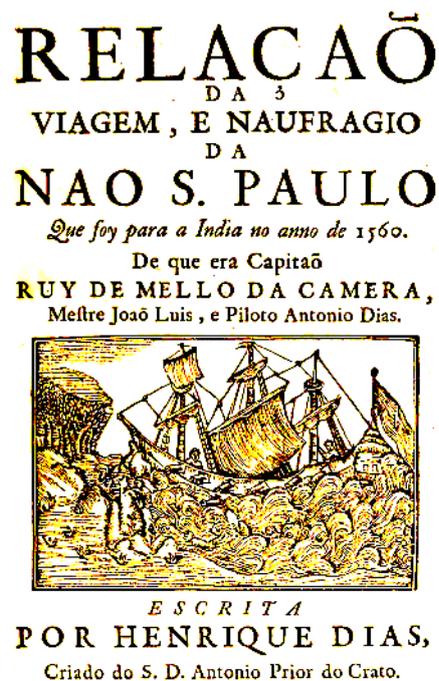


Figura 16. *Relação da viagem, e naufragio da Nao S. Paulo* (Dias, [1562] 1735).

P. 397:

“...porque nem quando esta Nao fez este caminho por aqui a primeira vez que veyo ao **Brazil**, (que nenhuma athègora, ou antes, não ousou mais acometter, nem fazer) não veyo por tanta altura, nem taõ amarrada, como nõs desta vez...”.

P. 398:

“„e servindo-nos os ventos em popa, os quis sempre o Piloto escacear, e hir pela bolina, podendo fazer o caminho em popa, e huma viagem brevissima, e sermos mais prestes na India, do que cuidavamo, muito primeiro do que a Nao que lá chegou partindo do **Brazil** hum mez antes de ventagem de nõs”.

P. 403:

“...e a cordoalha que no **Brazil** fizemos, ser pouca, e miuda, e muy fraca”.

P. 409:

“Ao outro dia nos morreo hum homem, e huma menina filha de hum casado que na Nao hia; morrèraõ-nos mais dèz pessoas nesta viagem do **Brazil** athè que nos perdemos”.

P. 446:

“Ha entre alguma gente desta Ilha, perto de donde nos perdemos, huns, a que ehamãõ Lampoens, que comem carne humana, como os Tapuyas do **Brazil**, aos quaes se parecem nos corpos, cores, e feiçoens; e estes andàraõ alguns dias comnosco à caça”.

P. 457:

“e assim tambem outro Padre de sua Companhia, chamado Pedro de Castro, bom homem e virtuoso, que comnosco veyo do **Brazil**, com dezejos de ver a India”.

P. 475 [erradamente impressa como 375]:

“Pelo que se sospeita que ella serà viva; e com ella ficou hum seo irmão chamado Antonio Rodrigues de Azevedo, e huma moça, que vinha comnosco do **Brazil**”.

NAUFRAGIO
Que passou
JORGE DE ALBUQUERQUE
COELHO
Vindo do Brazil para este Reyno no
anno de 1565.



ESCRITO
POR BENTO TEIXEIRA PINTO
Que se achou no ditto Naufragio.

Figura 17. *Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brazil para este Reyno no anno de 1565* (PINTO [1565] 1735).

1.44 1565 – BRAZIL – Bento Teixeira Pinto

Em sua obra *Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brazil para este Reyno no anno de 1565*, escreveu PINTO ([1565] 1735) [Figura 17]:

P. 7:

“No tempo que a Rainha D. Catharina Avò d’EIRey D. Sebastião governava este Reyno de Portugal por seo Neto, veyo nova do **Brazil**, e da Capitania de Pernambuco , que os mais dos Principaes dos Gentios, que na dita Capitania havia, estavaõ alevantados contra os Portuguezes...”

P. 10:

“Quebrantado Jorge de Albuquerque dos trabalhos que passára em companhia de Duarte Coelho de Albuquerque feo Irmão, no descobrimento do Rio de S. Francisco, da Capitania de Pernambuco no **Brazil**....”.

1.45 1571 – BRASIL – Pero de Magalhães de Gândavo

O nome *Brasil* aparece em dois manuscritos de GÂNDAVO (1571a, 1571b).

1.46 1576 – BRASIL – Pero de Magalhães de Gândavo

Além do título da obra, o nome do país só é mencionado uma única vez no texto (GÂNDAVO, 1576: 7-8):

“Por onde nam parece razão, que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos delle tam indiuidamente por ouro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pao da tinta começou de vir a estes Reinos. Ao qual chamaram brasil por ser vermelho & ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de **Brasil**”.

1.47 ca. 1577¹⁰ – ?BRASIL – Vicente Rodrigues

Tampouco o texto original de Vicente Rodrigues é conhecido; consta, por exemplo, da tradução francesa de LINSCHOTEN (1638: 8-12; *Navigation de Lisbonne par Vincente Rodrigos de Lagos Portugais Pilote du Roy*). Costa (1940b: 99-107, *Primeiro roteiro da Carreira da Índia. Viagem de Lisboa para a Índia*) apresentou tão somente uma tradução livre da edição francesa de Linschoten, que contém as seguintes passagens:

P. 101:

“Quando achares ventos suestes, e governares para a costa do **Brasil**, nos primeiros dias de navegação não terás diminuição na altura...”

“Vindo a um grau da Linha, ou um pouco mais, guarda-te de voltares de qualquer forma para a Guiné, porque isto te retardaria e faria perder inútilmente o teu tempo, como sucedeu a algumas naus que partiram de Lisboa na minha companhia, as quais tendo ido da Linha na volta da Guiné, o que eu não quis fazer, foram ao contrário impelidas para o **Brasil**, de maneira que só chegaram à Índia um mês depois de mim”.

P. 102:

“Deves governar para a costa do **Brasil**, tendo vento favorável e ter atenção à agulha, porque, logo que tenhas passado a Linha, a agulha nordesteia meia quarta e mais”.

“O mesmo deves fazer a Leste Oeste dos Abrolhos, de 170 até 200 léguas ao mar: então a agulha te nordesteará uma quarta inteira, ou mais, por causa de que a agulha, que nordesteia meia quarta em Portugal, faz aquilo a cento e tantas léguas no interior do **Brasil**, o que corresponde ao mesmo no mar”.

P. 103:

“Estando Norte Sul com as ditas ilhas começa então a diminuir o nordestear da agulha; e não nordesteia mais do que uma quarta e um quarto, porque a 70 ou 80 léguas destas ilhas estás no meio, ou a meio caminho, do meridiano que está entre o **Brasil** e o Cabo das Agulhas”.

¹⁰ *Fide* Costa (1940b: 97).

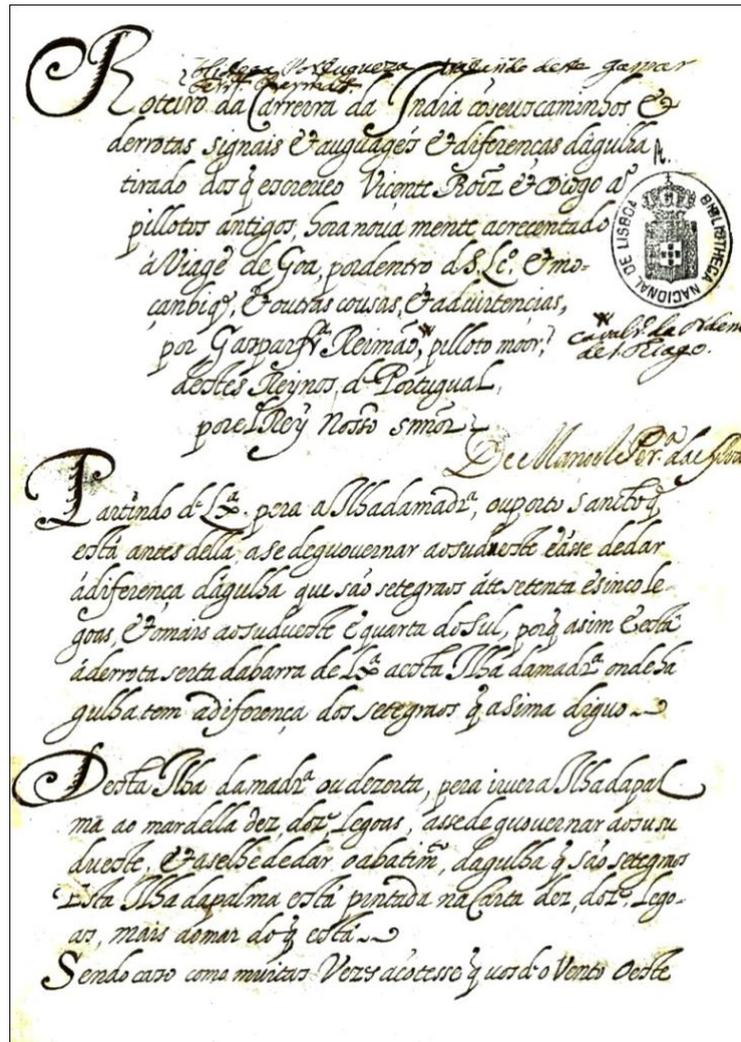


Figura 18. Fólio 1r do Roteiro da Índia de Gaspar Ferreira Reimão (?1612).

De Gaspar Ferreira Reimão há um manuscrito na Biblioteca Nacional de Portugal (Reimão, ?1612a) [Figura 18], incluindo um mapa da costa brasileira [Figura 19], no qual o autor compilou vários dados de Vicente Rodrigues (e Diogo Afonso); esse manuscrito foi editado no mesmo ano (Reimão, 1612b¹¹), com significativas alterações de grafia e texto, como se pode ver na tabela anexa:

REIMÃO (MS, ?1612a)	REIMÃO (impresso, 1612b)
<p>Fólio 2v:</p> <p>“Acontesse muitas Vezes partirẽ as naos do Reyno tard’ Euirẽ a guineé, em mt.^{os} de mai^o. & acharẽ os Jerais e mt.^a altura; como e singo [sic] graos e mais, donde naõ podeis hátrauessar á dobrar o brazil, pello q’ he nessecario [sic] bordeiar & trabalhar d^o uos chegardes há Linha...”</p>	<p>Fólio 2v:</p> <p>“Acontece muitas vezes partirẽ as naos do Reino tarde, & virem a Guiné em muitos de Mayo, & acharẽ os graos [sic, gerais] em muita altura, como em 5. graos, & mais donde não podem atrauessar a dobrar o Brasil, pello que he necessario bordejar, & trabalhar de vos chegardes à linha Equinocial...”</p>

¹¹ Reeditado por Costa (1940c), com ortografia moderna.

Fólios 2v-3r:

“& estando nesta paraj^ê como .130. & 140. legoas d^elle atreueçay ha dobrar o **Brasil** que ã nhũa maneira d^eixareis d^e o dobrar...”.

Fólios 3r-3v:

“Tanto q[’] uos d^erẽ os Suestes q[’] fordes na uolta do **Brasil** ainda q[’] os primeiros dias uos não dimenua bem a Nao a altura não uos enfadeis, porq[’] tudo o que virdes de pouca deminuição, não são agoas como todos diz[’], porq[’] estes graos Vezinhos da linha são major^es q[’] os outros d^e major altura, como achareis quando uind^es da India, q[’] aInda [sic] q[’] uindes pella linha cõ ho Vento ã popa, deminuis pouco pello que podemos dizer q[’] todo ho pouco não são agoas que corrẽ p^a as Antilhas, tanto q[’] ford^es na linha hũ grao da banda do sul, por nhũ cazo uireis depreposito pera tornar a Guineé, porq[’] uos deitais a perder & guastais o tempo, orq[’] tem acõtessido (seg^{do} diz V^{te} Roi[’]z), que ensua cõpanhia uirarão as Náos na Volta de Guineé e elle se deixou ir na uolta do brazil, & ellas uierão mais tarde a India hũ mez; Nesta uolta do **Brasil** lhe dareis ho caminho cõforme ao Vento & a esteira da Náo, tendo lembrãça q[’] agulha [sic] nordestea, sendo leste, oeste, cõ o cabo de S. Agostinho q[’] está em .8. graos mi^o, & fordes cẽ legoas ceto e vinte ao mar delle (diz Viçente Roi[’]z nosseu Roteiro q[’] aguha [sic] nordestea onz^e graos...”

Fólios 3v-4r:

“...& nesta uolta uis m^{tas} Vezes a Ilha da Censão q[’] está em .20. graos indome crescendo sempre a diferença d[’]agulha, athe Vista d^ella por .13. graos. 13 & mi[’]. & uindo cõ esta diferença d[’]agulha seuerá esta Ilha, & nesta Volta do **brazil**, q^{to} mais aguha [sic] nordestear mais hireis a balrauêto, & se menos, mais a Sulauêto, importa muito nesta uolta & derrota terssecõta cõ agulha e cõ agoa da Nao esteira della pera poderẽ levar o ponto certo, pois tanto Importa nesta Volta não uer a Costa do **Brasil** e tornar harribar ha Portugal (que nũa sereis bem ressebido)...”.

Fólios 4r-4v:

“Asse d^e aduertir que todo o resguardo q[’] dá a Carta neste baxo, não he baxo pella experiẽça q[’] oje temos d^e muitos Nauios q[’] vão do **brazil** p^a S. Vicente & Rio de Ianeiro...”.

[Esta passagem bão consta no MS. Há apenas a indicação: “Segirseha na folha primeira”].

Fólio 2v:

“Estando nesta paragem como 130. & 140. legoas delle atrauessay a dobrar o **Brasil**, que em nenhũa maneira deixareis de o dobrar...”.

Fólio 3r:

“Tanto que vos derem os Suestes, que fordes na volta do **Brasil**, ainda q[’] os primeiros dias vos não demenua bem a nao a altura não vos enfadeis, prque tudo o que vedes de pouqua deminuição não são agoas, como todos dizem, porque estes graos vezinhos da linha são mayores, q[’] os outros de mayor altuea, como achareis quãdo vindes da India, q[’] ainda que vindes pella linha com o vêto em popa deminuis pouquo, pelloq[’] podemos dizer, que todo o pouqyo não são agoas, q[’] correm pera as Antilhas. Tanto que fordes na linha hum grao da banda do Sul, por nenhum casi vireis de proposito pera tornar a Guiné, porq[’] vos deitais a perder, & gastaes o tempo, porque tem acontecido diz Vicente Rodrigues, q[’] em sua companhia virarão as naos na volta de Guiné, & elle se deixou hir na vltã do **Brasil**, & ellas chegarão mais tarde a India que elle hum mes.

Nesta volta do **Brasil** lhe dareis o caminho cõforme ao vento, & a esteira da nao, tendo lãbrança que a agulha Nordestea, sendo Leste Oeste cõ o cabo de Santo Agostinho, que está em 8. graos & meo, & fordes cem legoas & 120, ao mar delle, diz Vicente Rodrigues no seu roteiro, q[’] a agulha nordestea onze graos...”.

Fólio 3v:

“...& nesta volta vi muitas vezes a ilha d[’]Ascençaõ, q[’] está em 20. graos, indo me crescendo sempre a diferença da agulha ate vista della por 13. graos, e treze e meo, & vindo com esta diferença da agulha se vera esta ilha, & nesta volta so **Brasil** quanto mais agulha Nordestear, mais ireis a balrauento, & se menos mais a Sulauento. Importa muito nesta volta, & derota terse conta com a agulha, & com a proa da nao, & esteira della pera poderem levar o ponto certo pois tanto importa nesta volta não ver a costa do **Brasil** & tornar aribar a Portugal, que nunqua sereis bem recebido”.

Fólio 4r:

“Ase de dauertir q[’] todo resguardo q[’] dá a carta a este baixo, não he baixo pella experiẽcia que hoje temos de muitos nauios, que vão do **Brasil** pera saõ Vivente, & rio de Ianeiro...”.

“No tẽpo que governaua ao **Brasil** Diogo Botelho mandou sua Magestade por hũa prouisão sua q[’] mandasse algũas embarcações ver aquella costa de 18. graos, & descobrir e sondar os baixos dos abrolhos...”.

[Tampouco consta do MS esta passagem].

Fólio 4v:

“...& posto q’ V^{te} Roi’z no seg^{do} Roteiro que fez faça mção [sic] que este Caminho do **Brazil** pera o Cabo de boa esperãça he mais curto do q’ o seruão na Carta, & Di^o a^o assi o diz tão bem, nhũ delles faz d^eclaração da rezão disto mais q’ dizer Diogo afsno [?] q’ não quizessemos saber a Rezão disto por q’ seria tudo cõtra nãos, & esta Imaginação sua hera parecerlhe q’ se estendia mais este maaar ante a Cosata do **Brazil** e a do Cabo de boa Sperança, por Rezão das demarcações de Maluco...”.

Fólio 7r:

“Já atrás digo como este Caminho do **Brazil** pera o Cabo de boa Sperãça hé mais curto do q’ o situão nas cartas...”.

Fólio 4v:

“Luis Teixeira Cosmographo de sua Magestade, achandose naquellas partes em tempo do Governador Luis de Brito d’Almeida, o mandou ver, & emendar a costa do **Brasil**, & indo no descobrimento sondou, & vio os ditos baixos...”.

Fólio 6r:

“...& posto que Vicente Rodrigues no segundo roteiro que fez faça mção, que este caminho do **Brasil** pera o Cabo de boa Sperança he mais curto q’ o setuão na carta, & Diogo Afonso assim o diga tambẽ, com tudo nenhũ delles faz declaração da rezão disto, mais q’ dizer Diogo Afonso q’ não quizessemos saber a razão disto, porq’ seria tudo cõtra nos, & esta imaginação sua era parecer-lhe, q’ se estẽdia mais este mar ãtre a costa do **Brasil** & o cabo de boa Sperãça per rezão das demarcações de Maluco...”.

Fólio 8v:

“Ja atrás digo como este caminho do **Brasil** pera o cabo de boa Sperança he mais curto do que o setuão nas cartas...”.

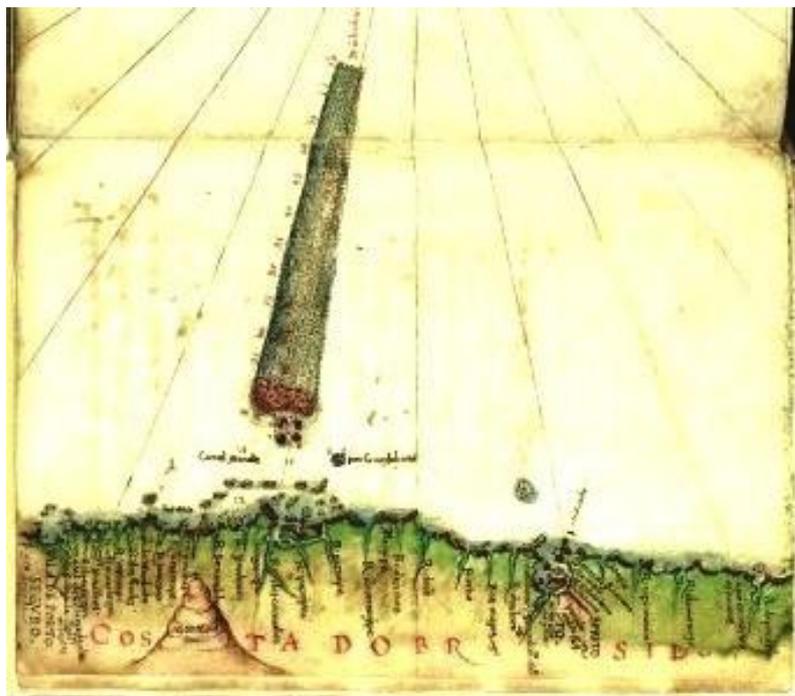


Figura 19. Mapa da costa brasileira (Reimão, 1612b).

1.48 1581 (1º de março) – BRAZIL – Gabriel Soares de Souza

O MS Cod CXV 1-10 da Biblioteca Pública de Évora, datado de 1º. de março de 1581, intitulado *Roteiro geral com largas informações da toda a costa que pretense ao stado do brazil, e a descripçam de m^{tos} lugares della, especialmente da Baja de todos os santos. Epistola do Autor a dom xrouaõ de Moura do conselho do stado* [Figuras 20-33]. Gabriel Soares de Souza citou o nome “Brazil”.

Cf. também o item 1.57 abaixo.

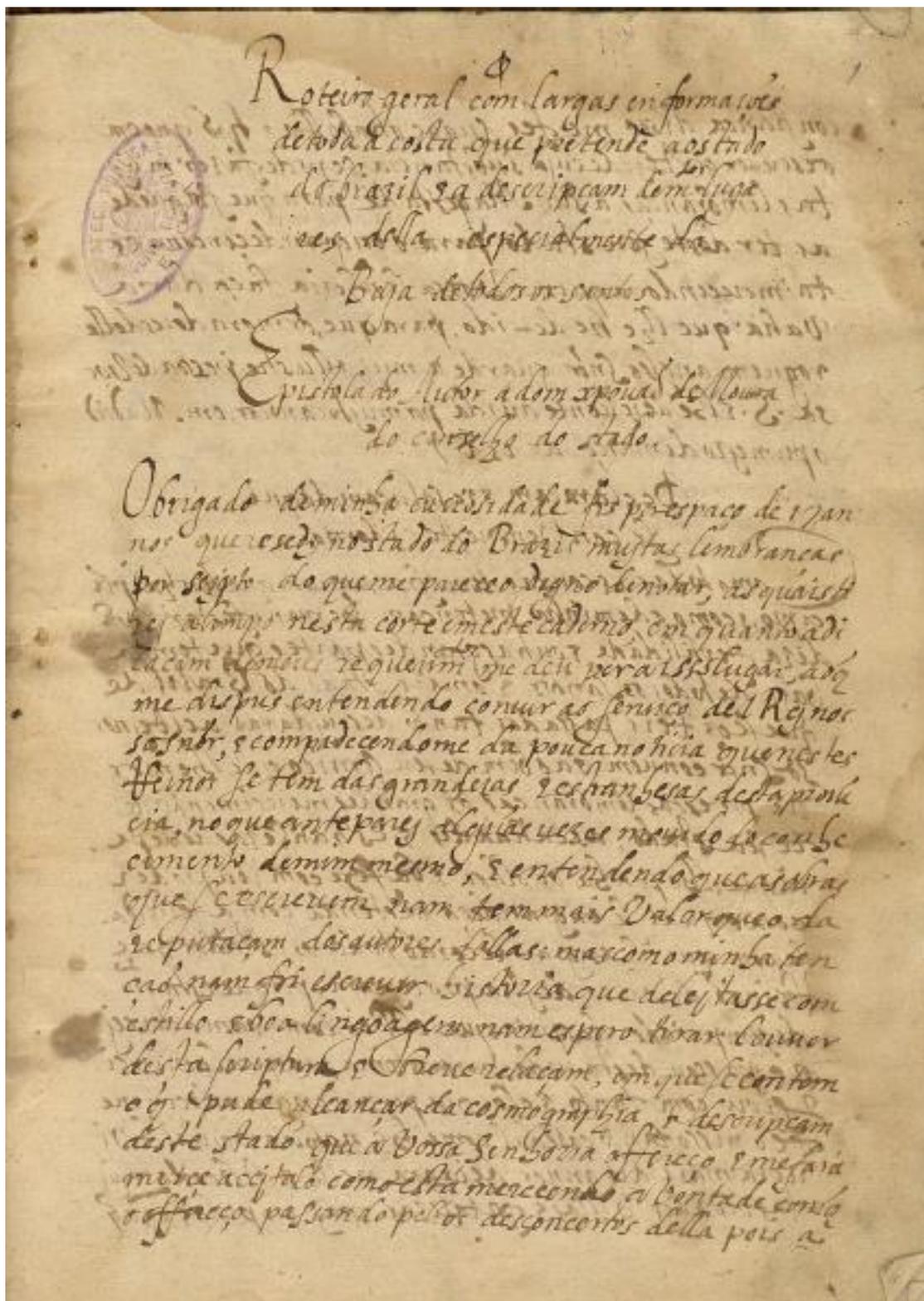


Figura 20. Fólio 1r do Roteiro de Gabriel Soares de Souza (1581).

3

Provisão dada para he capitania de porto seguro, no dia
 17 de março de 1581 a villa de Lisboa, he de se fazer
 mou por a qui nomear he de muito grande e unanidade de
 Pedro de toresवाल no peca qual mudo de se nos senada
 Ja he de mais he de solano mudo e unanidade festa palagual
 e cepto se chama a villa de mudo nome e a provincia
 annos. foi nomeada por de Santa e de mudo, a villa
 Zetania e para Solimidade desta parte plantiu este capitam
 nome mudo lugar hum padram com a armada de porto qual
 das que braza para o descobim da india para onde levava
 sua derrota. estas partes foram ludo de por per sua
 q oncal coelho com he caravelas da armada para que deso
 vrisse esta costa com a quars ando e por ella mudo meses
 de quando he a portos e dros em mudo, quars em hon e con
 fite marcos das que poncede de cobim leuada no que pater
 grandes haballou polla pouca experiencia de firmaca
 que se a teentim tinha do como acosta cooria, e de de so
 do. de mudo com que se navega na, e de coelho de p q mudo
 coelho com perdo de de mudo mudo em ageu firmaca e que
 de de alcanca as ves dar coelho de mudo mudo de de de que ja
 de de de q mudo mudo qual coelho de mudo mudo mudo
 de caravelas que mandam acosta conquista, a qual enthe pa
 a xponm gagueu fidalgo de sua casa que nella foi por
 capitam mudo e qual foi continuando no descobim de
 ta costa e haballou hum bom pedaca sobre a clava
 a navegacam della e plantiu em mudo partes paduons
 que parais leuada contestando com a ofugacam de ser
 regim e andando conendo acosta foi dar com a armada
 de ja a que por nome de todos os santos, polla qual en
 dou dento se mudo espealando por ella todos os dias
 de reconeavor em hum das quars e que e de mudo de
 de mudo mudo a chon de mudo mudo mudo que ceptava an
 cora das se gaganho com mudo mudo mudo mudo
 a e bom mudo das e mudo no fundo com o que se fatis

Figura 24. Fólio 3r do Roteiro de Gabriel Soares de Souza (1581).

fei e ucothense para a terra onde deu sua oração
 e para a sua A que com ellas se com as pumenas e
 outras que se hũa dada por ope de sua que per
 esta carta também hũa andada com ope arma
 da adlon de fazer paucar es a prouincia e rep
 nã a terra della em es capitães por peças que
 se offereciã a me terra pissa hũa a catedral de que
 fazendas do que fazemos para o uila rromca em
 seu lugar

Cap. 2. em que se declara a repartição
 de terras os Reis catholicos de castella com
 o Rey dom joam segundo de portugal

Para se ficar bem entendendo onde de uora se
 entende o estado de Brasia conuem que em fo
 ma de claremos como se a ueraõ de a terra a repa
 ream de suas conquistas, o que se offer prestamã
 os Reis catholicos de castella dom fernando de
 nã a bel sua mulher hũa começado a contider
 no descobrimto das indias occidentais e alguas
 e Gas e porque se pumã deir este descobrimto
 em tanto descobrimto como foi por atalharem a
 differença que se fazia se pumã offerer confor
 tar al se com o Rey dom joam segundo de portu
 gal que fossem sua repartição liquida para
 cada sua mandar conquistar para a sua parte li
 uromente sem escrupulo de se prejudicare e acor
 dados os Reis desta man deira conta deste con
 cerio ao papa que alem de o aprouer a louou
 mudo e como tueraõ o consentimento de sua san
 tidade ordenarã a repartição desta concordã
 oia fazendo da terra na ilha das do cabo verde
 de Cabrumens mais occidental que se entende

Figura 25. Fólio 3v do Roteiro de Gabriel Soares de Souza (1581).

a de fons de Antam e canton de della bonte e Summa
 e meo equinoctial de 17 leguas mais cada grado
 lancada daqum sua linha meridiana de norte sul
 que se chama a terra e ilha que se chama a ponde
 e de ir para parte do oriente da costa de portugal
 e lancada esta linha oriental com o seu declinado
 fica o estado do Brasil da bota com a equa se comeca
 alem da ponta do rio das Amazonas da linha de norte
 polta terra dos eschavidos donde se principia a parte
 desta provincia e indo com o declinado linha polta cor
 tam della a sul parte do Brasil e conquistada delle
 ainda alem da Baia de Sam Mathias por 45 graus
 pode comar o menor da bota da linha equinoctial
 e a Chua do polo Antartico e por esta conta he esta
 mil e quinhenta leguas com polta e ota e se pender
 segunda opiniao de outros que nesto arte a
 dinou milhor que todavia de seu tempo.

Cap. 3. em que se de clamo o principio do
 comeca a comar a costa do estado do Brasil
 Mostra se clamo segundo que se contem nel capitulo
 do abas que se comeca a costa do Brasil alem do
 rio das Amazonas da bota de norte polta terra
 que se de de eschavidos do rio de vicente pinquim
 demora de bota da linha de norte de vicente pinquim
 a a ponta do rio das Amazonas a que e chamada o cabo
 corso sam 15 leguas a qual ponta e a de bota
 linha e quinhenta desta ponta de rio a sul e a
 bota de norte sam 26 leguas e a bota de 12 leguas
 a a boca do rio e gram 17 1/2 milhas a qual de bota

Figura 26. Fólho 4r do Roteiro de Gabriel Soares de Souza (1581).

Mangante he de me alguns soldados dos que se acham
naquelle cidade da companhia de francisco de carvalho
naquelle e facultaral a quem de meo a nau e de carvalho
e de vira e que comprouo cabedal e habia e o a que eu
parella a cima mudo ouro e prata do que me dizeo
de meo se tres a companhia e a cancon la carva
de llo e sim jama e de portugal para vir para sua casa
da recometer esta empresa por que e a festa de
da cidade de bahia e para a parte de la com her
nao e aues caravelas com as que se perdeo a
Quero de Maranhão com a parte da festa de
Cunha e elle com alguns bons escarpas e navios
e sua caravela em que foi terra e anti bar e despa
de e qdalguns se em portugal se passou a india
de aca e u adreos fechos e vendio para o beno meo
Vico e com tençam de comprar cometer esta jornada
acaba no camin ho em a nao sam francisco que des
aparece sem atee se se saber iduas della

Cap. 5.º que declara a costa da parte do
Rio das Amazonas ate a cidade de Maranhão
A ponta de leste do rio das Amazonas esta em 5º
grao da banda do sol des a ponta do rio da lama
sam 35 legoas, o qual esta em altura de hum grao
e hes quartros. E a ponta que estorio se chama da lama
e de em enbar por elle dentro e estarem m humas
de ho tempo nao de doz ontes toncis: o qual e o
enba pola terra dentro muitas lagoas. des leste a
ponta dos baiaes sam nove legoas a qual esta em meo
na altura de hum grao e 3.º des esta ponta ha a
brigada para os barcos da costa por de em ancorar

Figura 29. Fólio 5v do Roteiro de Gabriel Soares de Souza (1581).

O preparo das Amazonas ha se de lancar por fora
 do buraco com a Sonda na mar e nam va por menor de
 sete braças porque esta costa a tequi, de se lego a sa o
 mar, vasa e nce se vela aqnaie muito depressa sem
 conuincos de lha tem grandes Macarcos, mas por a
 bem nam se ha de conectar o canal de nubi des tes
 rios, e nam de baixa mar na costa, o que se pades sob
 polalua, o que comuom que seia por os grandes pesi
 gos que nestas enbradas se offerece a m, de m a cor
 cis como pa a praiar, e esparsela a mar aqta dez
 legoas de terra, pelo que se forçada, e he go se a
 Agua de baixa mar, pois em tam se de o de o canal
 muy bre e nce se de a m nam nam podem en
 tar por este acpito nauia grandes.

Cap. 6 em que se declara a costa do
 Maranhão ate o rio grande
 A braç fca d'is como aponta do suete do rio de Mara
 nhão que se chama a esparselada esta em duas gra
 os e $\frac{3}{4}$ desta ponta a baía dos Santos sam he a lego
 as a qual esta na mesma altura. Se a baía he a
 suja e tem alguns ilheos mas tambem enbra ne
 la nauios da costa, onde tem surgidoiros Coa
 abrigada e mar por a favor aguada nela, de a baía
 dos Santos ao rio do rio de l'ua sam qua a legoas
 o qual esta na mesma altura, onde tambem en
 tra os caravelos por terem nela grande abriga
 da do rio de soam de l'ua a baía dos Santos sam o
 ue legoas a qual esta em duas graos, nest a baía e
 tem alguns ilheos a l'ua do mar, de a q' d'ua
 pa enheos quai enbra caravelos, e surge aq' tade

Figura 31. Fólio 6v do Roteiro de Gabriel Soares de Souza (1581).

desta Baja, asy, lo meo sam, e leguas, e qualista
maneira, e hora deelsus, q' se, onde tem sem onhad
Caravelas, ante este rio sa Baja do Boicentro
no rio, que se c' soma de p'ncel, an de tam, em, de
Vila da Costa de m'boa Calheita, a qual Baja tem
suu grande baxa no meo, e donho nela se v' nome
terno mar, oia grande d' m' p'ncel, que se nome go
suu grande pedaco p'lla terra de m' s' de m' de m'
Tange, e qual se chama d' m' p'ncel, e p'ncel, v' nome
p'ncel, e m' de m'
Baja, da qual Baja se cobra, sam, dos legos, e esta
name, e m' de m'
Costa, da Baja da Costa, a de m' de m' de m' de m' de m'
que, onde se cobra, e m' de m' de m' de m' de m' de m'
Conse acost' a te, que este de m' de m' de m' de m' de m'

Cap. I em que se declara a costa do
rio grande de m' de m'

Como se a dita de m'
parte de m'
se mete em nelle, m' de m'
vem de m'
e m' de m'
na m' de m'
de m' de m' de m' de m' de m' de m' de m' de m' de m'
este rio grande, em m' de m'
e m' de m'
m' de m'
e m' de m'
m' de m'

Figura 32. Fólho 7r do Roteiro de Gabriel Soares de Souza (1581).

1.49 1581 (4 de outubro) – BRAZIL – Casa de Índia. Ljuro quinze. dom enrique

Fólio 234r (no. 960r em RIBEIRO, 1954: 223):

“A lourenso da Vejga fidalguo de sua casa do seu conselho e governador do **brazil** lhe faz merce de hũa capitania mor das naos da jndia pera seu filho fernão da veigua em lixboa a 4 de outubro de 1581”.

1.50 1585 – BRAZIL – Manoel Godinho Cardozo

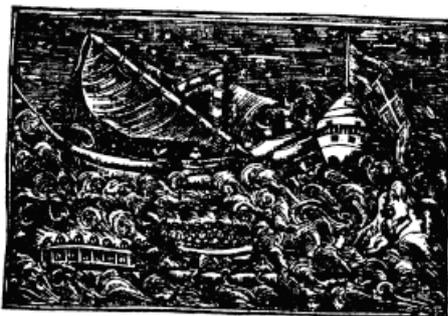
Em sua *Relação do naufragio da Nao S. Alberto* (CARDOZO, [1585] 1736: 69) [Figura] escreveu:

“Passando à Linha tres ou quatro grãos da banda do Sul lhe deraõ huns ventos, que os Marinheiros chamaõ geraes, porque cursaõ por alli geralmente, quando as Naos vaõ para a India; e costumando as mais vezes ser taõ escaços , que deitaõ as Naos para a Costa do **Brazil**, com grande perigo de se perderem em muitos baixos que alli ha, a que chamaõ Abrolhos...”.

RELACÃO D O 3 NAUFRAGIO D A NAO SANTIAGO

No anno de 1585.

E Itinerario da gente que delle
se falvou.



ESCRITA
POR MANOEL GODINHO CARDOZO.
E agora novamente acrescentada com
mais algumas noticias.

Figura 34. *Relação do naufragio da Nao S. Alberto* (CARDOZO, [1585] 1736: 69).

1.51 1586? 1590? –BRASIL – Luís Teixeira (*Roteiro*)

O manuscrito de cota 51-IV-38 da Biblioteca da Ajuda, Portugal, da autoria de Luís Teixeira, intitula-se *Roteiro de todos os sinaes conheçim^{tos} fundos, baixos, Alturas, e derrotas, qua ha na Costa do Brasil desde cabo de São Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhaës*. Foi reproduzido fac-similarmente com transcrição diplomática lado a lado, página por página, por GUEDES (1968). Esse autor tratou da datação dessa obra, concluindo que “A data

aproximada de 1586 satisfaz, a grosso modo, para desenho e redação do códice. No entanto, julgamos que, se levada mais para o fim da década, talvez 1590, melhor ficaria...” (GUEDES, 1968: 19).

As citações do nome BRASIL são as seguintes:

Fólio 8r (GUEDES, 1968: 37):

“...como ja tenho dito que esta Costa do **Brasil** não ha mais que aquillo que se ve”.

Fólio 20v (GUEDES, 1968: 61):

“...tem mantimêtos frutas, galinhas e muita cassa veados, porcos, pacas, cotias, tactus, coelhos como há em toda a terra do **Brasil**...”.

Fólio 21v (GUEDES, 1968: 63):

“...este Buenos ayres he hũa Çidade de castelhanos a primeira do Peru hindo por esta parte. Como vemos do **brasil**/...”.

Fólios 32v-33r (GUEDES, 1968: 85-86):

“.../o que tudo de que temos falado em todo este proçeso/ figuras e demostracões de terras Costas avertimêtos e tudo o mays se verá nesta ultima e derradeira folha e Carta/ que contem toda a costa do **Brasil** desdo Rio das Amazonas ate o estreito de que acabamos de falar e em sua figura como tambem por parte se mostra abaixo./”.

1.52 1592 (2 de abril) – BRAZIL – Casa de Índia. Ljuro dezanove. dom felipe o 1º

Fólio 40r (no. 1239 em RIBEIRO, 1954: 294):

“A feliciano coelho de Carualho a capitanja da parauja no **brazil** em lixboa a 2 de abril luis figueira a fes ano de 1592”.

1.53 1594 – BRASIL – Pedro de Mariz

Em seu *Dialogo de varia historia* (MARIZ, 1594: 77) lê-se:

Fólio 186v:

“E por Capitão Pedro Aluares Cabral, homẽ fidalgo, & đ muyto esforço, & muyto experimêtado em guerras Maritimas. O qual partindo de Lisboa a 14. de Março, & continuuando sua viagem foy tal sua ventura, q’ a 24. do seguinte Abril, depois de hũa espantosa tormenta, que lhe pos a mão na vida, por descãso d’ella, & para recuperação da eterna, que infinitos barbaros tinham em perdição, descobrio a prouincia do **Brazil**, terra conjunta do Perù, & nouo Mũdo muyto fertil & fresca...”.

Fólio 196r:

“...para que as grandezas de Deos se manifestassem no mundo; & as constantes testemunhas de sua santissima ley se amplificassem nelle: assi nos Reynos de Guinee & Manicongo, & em todo o mais maritimo de Affrica & da India: como tambem nas incultas Ilhas do Mar Oceano: & naquella grande & estendida prouincia do **Brazil**...”.

1.54 1595 (18 de março) – BRAZIL – Casa de Índia. Ljuro dezanove. dom felipe o 1º

Fólio 248v (no. 1278 em RIBEIRO, 1954: 304):

“A manôel mascarenhas fidalguo de sua casa filho de vasco fernamdez homem, que foy do concelho a capitanja de chaul [sic] pelos serujcos que faz em jr ao **brazil** por capitão mor das urcas e assim pelos serujcos de pedro homem da silua e Rodrigo homem da silua seos jrmãos que morerão em seu serujco lixboa a 18 de março djoguo de souza a fes 1595”.

1.55 1595 – Anchieta – Arte de grammatica da lingoa mais vsada na costa do Brasil

Em sua famosa *Arte de grammatica da lingoa mais vsada na costa do Brasil* constam as seguintes citações do nome *Brasil*:

- na *Licença* (página não numerada), assinada por Augustinho Ribeyro, lê-se: “Vi por mandado de SuaAlteza estes liuros de Grammatica & Dialogos compoftos pelo Padre Iofeph de Anchieta Prouincial, que foy da Companhia de Iesu no eftado do Brasil”.

- no texto propriamente dito, temos apenas (ANCHIETA, 1595: 1):



E S T A lingoa do Brasil não ha f. J. s. z. rr. dobrado: nem inuta com liquida, vt cra, pra, &c. Em lugar do s. in principio, ou medio dictionis ferue, ç. com zeura, vt Açô, çatâ.

1.56 1596 – BRASIL – Gaspar Ferreira Reimão

Na *Viagem de regresso da India da nau São Pantaleão no ano de 1596*, registrou Gaspar Ferreira Reimão (in Monteiro, 1974: 173):

“...vimos tres nauios ao noroeste de nos e reuoluerão nos os estômagos fizemonos prestes, mas elles desfizerão nada do caminho q’ leuauão ao nordeste, e deuiã ser nauios do **Brasil** q’ hiam buscar altura como nos...”.

1.57 1597 – BRAZIL -Gabriel Soares de Souza

No *Tratado descriptivo do Brazil* de Gabriel Soares de Souza (VARNHAGEN, 1851) há numerosas citações do nome “Brazil”:

P. 13:

“PRIMEIRA PARTE.

ROTEIRO GERAL.

COM LARGAS INFORMAÇÕES DE TODA A COSTA

DO BRAZIL.

PROEMIO.

Como todas as cousas tem fim, convém que tenham principio, e como o de minha pretensão é manifestar a grandeza, fertilidade e outras grandes partes que tem a Bahia de todos os Santos e o demais Estado do **Brazil**, do que se os Reis passados tanto se descuidaram...”

P. 15:

“CAPITULO I.

*Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da provincia do **Brazil**, e como está arrumada.*

A provincia do **Brazil** está situada além da linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ella a correr junto do rio que se diz das Amazonas; onde se principia o norte da linha da demarcação e repartição; e vai correndo esta linha pelo sertão d’esta provincia até 45 grãos, pouco mais ou menos”.

Pp. 16-17:

“Para se ficar bem entendendo aonde demora, e se estende o Estado do **Brazil**, convém que em summa declaremos como se avieram os Reis na repartição de suas conquistas, o que se fez por esta maneira...”

P. 17:

“...e lançada esta linha mental como está declarado, fica o Estado do **Brazil** da dita coroa, o qual se começa além da ponta do rio das Amazonas da banda de oeste, pela terra dos Caribas, d’onde se principia o norte d’esta provincia, e indo correndo esta linha pelo sertão d’ella ao sul parte o **Brazil** e conquistas d’elle além da bahia de S. Mathias, por 45 grãos pouco mais ou menos, distantes da linha equinocial, e altura do pólo antartico, e por esta conta tem de costa mil e cincoenta leguas, como pelas cartas se pode ver segundo a opinião de Pedro Nunes, que n’esta arte atinou melhor que todos os do seu tempo”.

“CAPITULO III.

*Em que se declara o principio d’onde começa a correr a costa do Estado do **Brazil**.*

Mostra-se claramente, segundo o que se contém n’este capitulo atraz, que se começa a costa do **Brazil** além do rio das Amazona [sic] da banda de oeste pela terra que se diz dos Caribas do rio da Vicente Pinson”.

P. 18:

“Mas toda a gente que por estas ilhas vive, anda despida ao modo do mais gentio do **Brazil** e usam dos mesmos mantimentos e muita parle dos seus costumes; e na boca d’este rio, e por elle acima algumas leguas, com parte da costa da banda de leste, é povoado de Tapuias, gente branda e mais tratavel e domestica que o mais gentio que ha na costa do Brazil, de cujos costumes diremos ao diante em seu logar”.

P. 19:

“Neste tempo pouco mais ou menos andava correndo a costa do **Brazil** em uma caravella como aventureiro Luiz do Mello, filho do alcaide mor de Elvas, o qual, querendo passar a Pernambuco, desgarrou com o tempo e as aguas por esta costa abaixo, e vindo correndo a ribeira, entrou no rio do Maranhão...”

Pp. 26-27:

“Desejoso João de Barros de se aproveitar d’esta mercê, fez á sua custa uma armada de navios em que embarcou muitos moradores com todo o necessario para se poder povoar esta sua capitania, e em a qual mandou dous filhos seus que partiram com ella, e proseguindo logo sua viagem em busca da costa do **Brazil**, foram tomar terra junto do rio do Maranhão, em cujos baixos se perderam”.

P. 28:

“Na Bahia de todos os Santos soube o general Diogo Flores, vindo ahi do estreito de Magalhães com seis náos que lhe ficaram da armada que levou, como os moradores de Pernambuco e Tamaracá pediam muito afincadamente ao governador Manoel Telles Barreto, que então era do Estado do **Brazil**, que os fosse soccorrer contra o gentio Pitagoar que os ia destruindo, com o favor e ajuda dos Francezes, os quaes tinham n’este rio da Parahiba quatro navios para carregar do páo da tinta...”.

P. 31:

“Cantam, bailam, comem o bebem pela ordem dos Tupinambás, onde se declarara nitidamente sua vida e costumes, que é quasi o geral de todo o gentio da costa do **Brazil**”.

P. 37:

“Aqui se perdeu o bispo do Brazil D. Pedro Fernandes Sardinha com sua náos vinda da Bahia para Lisboa, em a qual vinha Antônio Cardozo de Barros, provedor mór, que fora do Brazil, e dous conegos e duas mulheres honradas e casadas, muitos homens nobres e outra muita gente, que seriam mais de cem pessoas brancas, afora escravos...”.

P. 38:

“Este gentio nos primeiros annos da conquista d’este estado do **Brazil** senhoreou d’esta costa da boca do rio de S. Francisco até o rio Parahyba, onde sempre teve guerra cruel com os Pitiguaes, e se matavam e comiam uns aos outros em vingança de seus odios, para execução da qual entravam muitas vezes pela terra dos Pitiguaes, e lhes faziam muito damno. Da banda do rio de S. Francisco guerreavam estes Pitiguaes em suas embarcações com os Tupinambás, que viviam da outra parte do rio, em cuja terra entravam a fazer seus saltos, onde captivavam muitos, que comiam sem lhes perdoar”.

P. 40:

“E como no titulo dos Tupinambás se conta por extenso a vida e costumes, que toca a mór parte do gentio que vive na costa do **Brazil**, temos que basta o que está dito até agora dos Caités”.

P. 51:

Quem quizer saber quem foi Francisco Pereira Coutinho, lêa os livros da índia, e sabe-lo-ha; e verão seu grande valor e heroicos feitos dignos de diferente descanso do que teve na conquista do **Brazil**...”.

P. 56:

“Quando el-rei D. João o 3.º repartiu parte da terra da costa do **Brazil** em capitánias, fez mercê de uma d’ellas, com cincoenta leguas de costa, a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão da sua fazenda; a qual se começa da ponta da Bahia do Salvador da banda do sul, que se entende da ilha de Tinharé (como está julgado por sentença que sobre este caso deu Mem de Sá sendo governador, e Braz Fragoso sendo ouvidor geral e provedor mór do **Brazil**) e vai correndo ao longo da costa cincoenta leguas. E como Jorge de Figueiredo por respeito de seu cargo não podia ir povoar esta sua capitania em pessoa, ordenou de o mandar fazer por outrem, para o que fez prestes á custa de sua fazenda uma frota de navios com muitos moradores providos do necessario para a nova povoação. E mandou por seu logo-tenente a um Castelhana muito esforçado, experimentado e prudente, que se chamava Francisco Romeiro: o qual partiu do porto de Lisboa com sua frota, e fez sua viagem para esta costa do **Brazil**, e foi ancorar e desembarcar no porto de Tinharé, e começou a povoar em cima no morro de S. Paulo, do qual sitio se não satisfez”.

P. 58:

“Descendem estes Aimorés de outros gentios a que chamam Tapuias, dos quaes nos tempos d’atrás se ausentaram certos casaes, e foram-se para umas serras mui asperas fugindo a um desbarate em que os puzeram seus contrarios, onde residiram muitos annos sem verem outra gente; e os que destes descenderam vieram a perder a linguagem, e fizeram outra nova que se não entende de nenhuma outra nação do gentio de todo este estado do **Brazil**”.

P. 64:

“E com bom tempo foi demandar a terra do **Brazil**, e foi tomar porto no rio de Porto Seguro, onde desembarcou com sua gente, e se fortificou no mesmo lugar, onde agora está a villa cabeça d’esta capitania, a qual em tempo de Pedro do Campo floreceu, e foi mui povoada de gente...”.

P. 73:

“...pedindo que lho fizesse mercê de uma capitania na costa do **Brazil**, porque a queria ir povoar, e conquistar o sertão d’ella, a cujo requerimento El-Rei D. João III de Portugal satisfez, fazendo-lhe mercê do cincoenta leguas de terra ao longo da costa no dito Estado...”.

“Embarcado este valoroso capitão, com sua gente na frota que estava prestes, partiu do porto de Lisboa com bom tempo, e fez sua viagem para o **Brazil**, onde chegou a salvamento á sua capitania; em a qual desembarcou e povoou a villa de Nossa Senhora da Victoria, a que agora chamam a Villa Velha, onde se logo fortificou , a qual em breve tempo se fez uma nobre villa para aquellas partes”.

P. 75:

“A terra d’este rio até Leritibe é muito grossa e boa para povoar como a melhor do **Brazil**, a qual foi povoada dos Guaitacazes”.

P. 76:

“Pedro de Goes foi um fidalgo muito honrado, cavalleiro e experimentado, o qual andou na costa do **Brazil** com Pedro Lopes de Souza, e se perdeu com elle no rio da Prata; e pela affeição que tomou d’este tempo á terra do **Brazil**, pediu a el-Rei D. João, quando repartiu as capitancias, que lhe fizesse mercê de uma, da qual S. A. lhe fez mercê, dando-lhe trinta leguas de terra ao longo da costa...”.

P. 77:

“...dos quaes voltou a ir ao **Brazil** por cnpitão-mór do mar com Thomé de Souza, que n’este estado foi o primeiro governador geral; com quem ajudou a povoar e fortificar a cidade do Salvador na Bahia de todos os Santos”.

P. 90:

“Informado El-Rei D. Sebastião , que gloria haja, do Rio de Janeiro, e do muito para que estava disposto, ordenou de partir este Estado do **Brazil** em duas governanças, e deu uma d’ellas ao Dr. Antônio Salema , que estava na capitania de Pernambuco por mandado de S. A. com alçada, a qual repartição se estendia da capitania de Porto Seguro até S. Vicente”.

P. 91:

“Vendo El-Rei D. Sebastião, que haja gloria, o pouco de que lhe servira dividir o Estado do **Brazil** em duas governanças, assentou de o tornar a ajuntar, como d’antes andava, e de mandar por capitão o governador ao Rio de Janeiro somente a Salvador Corrêa do Sá, e que viessem as appellações á Bahia, como d’antes era...”.

P. 92:

“...e é muito farto de pescado e marisco, e de todos os mantimentos que se dão na costa do **Brazil**: onde ha muito pão do Brazil, e muito bom”

P. 93:

“Estes Tamoyos ao tempo que os Portuguezes descobriram esta província do Brazil senhoreavam a costa delle, desde o rio do cabo de S. Thomé até a Angra dos Reis; do qual limite foram lançados para o sertão, onde agora vivem”.

P. 95:

“...com os quaes se partiu do porto de Lisboa, donde começou a fazer sua viagem, e com prospero tempo chegou a esla provincia do **Brazil**, e no cabo da sua capitania tomou porto no rio que se agora chama de S. Vicente...”.

P. 96:

“...a qual villa floreceu muito n’estes primeiros annos; por ella ser a primeira em que se fez assucar na costa do **Brazil**, donde se as outras capitancias proveram de cannas de assucar para plantarem, e de vaccas para criarem, e inda agora florece e tem em si um honrado mosteiro de padres da Companhia, e alguns engenhos de assucar, como fica dito”.

P. 98:

“Esta capitania foi povoar em pessoa este fidalgo e fez para o poder fazer uma frota de navios em que se embarcou com muitos moradores, com os quaes partiu do porto de Lisboa e se foi á provincia do **Brazil**, por onde levava sua derrota, e foi tomar porto no de S. Vicente, donde se negociou e fez as povoações e fortalezas acima ditas, no que passou grandes trabalhos e gastou muitos mil cruzados, a qual agora possui uma sua neta, por não ficar d’elle herdeiro barão a quem ella com a de Tamaracá houvesse de vir”.

P. 107:

“...que aconteceu o anno de 83 vir ao rio de Janeiro uma das náos com que passou D. Afonso, Vizorei da província de Chile, que desembarcou em Buenos-Ayres, a qual carregou n’este porto de trigo, que se vendeu no Rio de Janeiro a tres reales a fanega, o qual se dará muito bem do Rio de Janeiro por diante, donde se pôde prover toda a costa do **Brazil**”.

P. 110:

“N’esta ponta do Marco se acaba a demarcação da coroa de Portugal n’esta costa do **Brazil**, que está em quarenta e quatro grãos pouco mais ou menos, segundo a opinião do Dr. Pedro Nunes, Cosmographo d’El-Rei D. Sebastião, que está em gloria, que n’esta arte foi em seu tempo o maior homem de Hespanha”.

P.111:

“...e pondo S. Alteza em effeito esta determinação tão acertada, mandou fazer prestes uma armada e prove-la de todo o necessario para esta empreza, em a qual mandou embarcar Thomé de Souza do seu conselho, e o eleger para edificar esta nova cidade, de que o fez capitão, e governador geral de todo o estado do **Brazil**...”.

P. 115:

CAPITULO V.
*Em que se trata como D. Duarte da Costa foi governar o
Brasil.*

Como Thomé do Souza acabou o seu tempo do governador, que gastou tão bem gastado n'este novo Estado do **Brazil**, requereu a S. Alteza que o mandasse tornar para o reino, a cuja petição El-Rei satisfez com mandar por governador a D. Duarte da Costa, do seu conselho...”.

P. 116:

“Em todo o tempo que D. Duarte governou o Brazil, foi todos os annos favorecido e ajudado com armadas que do reino lhe mandavam, e em que lhe foram muitos moradores e gente forçada com todo o necessário, ao qual succedeu Mem de Sá, em cujos feitos já tocámos, o qual foi também governar este Estado por mandado d’El-Rei D. João o III, a quem a fortuna favoreceu de feição em quatorze annos, que foi governador do **Brazil**, que subjugou e desbaratou todo o gentio Tupinambá da comarca da Bahia e a todo o mais até o Rio de Janeiro, de cujos feitos se póde fazer um notável tratado...”.

Pp. 126-127:

“El-Rei D. João III de Portugal, que está em gloria, estava tão afeiçoado ao Estado do **Brazil**, especialmente á Bahia de Todos os Santos, que se vivera mais alguns annos, edificára n’elle um dos mais notaveis reinos do mundo. e engrandecera a cidade do Salvador de feição que se podéra contar entre as mais notaveis de seus reinos...”.

P. 127:

“Acima fica dito como dista a ponta do Tinharé da do Padrão novo ou dez leguas, entre as quaes pontas da banda do dentro d’ellas está lançada uma ilha de sete leguas de comprido que se chama Itaparica, a qual Thomé de Souza, sendo governador geral do Estado do **Brazil**, deu de sesmaria a D. Antônio de Ataíde...”.

P. 158:

“Levaram a semente do arroz ao **Brazil** de Cabo Verde, cuja palha se a comem os cavalloos lhe faz muito mormo, e, se comem muito d’ella, morrem disso”.

P. 164:

“Antes de passarmos avante, convém que declaremos a natural estranheza da agua da mandioca que ella de si deita quando a espremem depois de ralada, porque é a mais terrivel peçonha que ha nas partes do **Brazil**, e quem quer que a bebe não escapa por mais contrapeçonha que lhe dem...”.

P. 168:

“D’esta farinha de guerra usam os Porluguezes que não tem roças, e os que estão fora d’ellas na cidade, com que sustentam seus creados e escravos, e nos engenhos se provêm d’ella para sustentarem a gente em tempo de necessidade, e os navios, que vem do **Brazil** para estes reinos, não tem outro remedio de matalotajem, para se sustentar a gente até Portugal, senão o da farinha de guerra...”.

P. 170:

“E por se averiguar por tal, os governadores Thomé de Souza, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no **Brazil** pão de trigo, por se não acharem bem com elle, e assim o fazem outras muitas pessoas”.

P. 172:

“Dá-se outro mantimento, em todo o **Brazil**, natural da mesma terra, a que os indios chamam ubatim, que é o milho de Guiné, que em Portugal chamam zaburro”.

P. 175:

“Dos amendois temos que dar conta particular, porque é cousa, que se não sabe haver senão no **Brazil**, os quaes nascem debaixo da terra, onde se plantam á mão, um palmo um do outro; as suas folhas são como as dos feijões de Hespanha, e tem os ramos ao longo do chão”.

P. 180:

“As bananeiras tem as arvores, folhas e criação como as pacobeiras, e não ha nas arvores de umas ás outras nenhuma differença , as quaes foram ao **Brazil** de S. Thomé, aonde ao seu fruto chamam bananas e na India chamam a estas figos de horta, as quaes são mais curtas que as pacobas, mas mais grossas e de três quinas...”.

P. 200:

“Deu na costa do **Brazil** uma praga no gentio, como foi adoecerem do sêssô, e criarem bichos nelle, da qual doença morreu muita somma d’esta gente, sem se entender de que; e depois que se soube o seu mal, se curaram com esta herva santa, e se curam hoje em dia os tocados d’este mal, sem terem necessidade de outra mezinha”.

P. 210:

“Putumujú é uma arvore real, e não se dá senão em terra muito boa; não são arvores muito grandes, mas dão três palmos de testa. Esta é das mais fixas madeiras que ha no **Brazil**...”.

P. 221:

“Deu a natureza no **Brazil**, por entre os seus arvoredos, umas cordas muito rijas e muitas, que nascem aos pés das arvores o atrepam por ellas acima, a que chamam cipós, com que os indios atam a madeira das suas casas, e os brancos quo não podem mais; com que escusam pregadura: e em outras partes servem em lugar do cordas, o fazem d’elles cestos melhores que de vimes, e serão da mesma grossura, mas tem comprimento de cinco e seis braças”.

P. 223:

“CAPITULO LXXTIII.

*Sumnutrio das aves que se criam na terra da Bahia de Todos os Santos do Estado do **Brazil**”.*

P. 243:

CAPITULO XCIV.

*Em que se declara a natureza das antas do **Brazil**. Apontamento das alimarias, que se criam na Bahia e da condição e natureza delia».*

P. 259:

“Agora cahe aqui dizermos que cobras são estas do **Brazil**, de que tanto se falla em Portugal, e com razão: porque tantas e tão estranhas, não se sabe onde as haja”.

P. 266:

“CAPITULO CXV.

*Que trata da diversidade das rãs e sapos que ha no **Brazil**”.*

P. 270:

“Ha outra casta de aranhas, a que os indios chamam nhandui, que são as acostumadas em toda a parte de que se criam tantas no **Brazil**, com a humidade da terra que, se não alímpam as cazas muitas vezes, não ha quem se defenda dellas”.

P. 271:

“Muito havia que dizer das formigas do **Brazil**, o que se deixa de fazer tão copiosamente como se podera fazer, por se escusar prolixidade; mas diremos em breve de algumas, começando nas que mais damno fazem na terra, a que o gentio chama ussaúba, que é a praga do **Brazil**, as quaes são como as grandes do Portugal, mas mordem muito, e onde chegam destroem as roças da mandioca, as hortas das arvores de Hespanha, as laranjeiras, romeiras e parreiras”.

P. 272:

“E como se d’estas formigas não diz o muito que dellas ha que dizer, é melhor não dizer mais senão que se ellas não foram que se despovoara muita parte de Hespanha para irem povoar o **Brazil**; pois se dá nelle tudo o que se póde desejar, o que esta maldição impede de maneira que tira o gosto aos homens de plantarem senão aquillo sem o que não podem viver na terra”.

P. 276:

“Pulgas ha poucas no **Brazil**, a que os indios chamam tungaçu, e nenhuns piolhos do corpo entre a gente branca; entre os indios se criam alguns nas redes em que dormem, como estam sujas, os quaes são compridos com feição de pernas, como os piolhos ladros, e fazem grande comichão no corpo”.

P. 283:

“Beijupirá é o mais estimado peixe do **Brazil**, tamanho e da feição do solho, e pardo na côr: tem a cabeça grande e gorda como toucinho, cujas escamas são grandes: quando este peixe é grande, é-o muito, e tem saborosissimo sabor...”.

P. 296:

“As mais formozas ostras que se viram são as do **Brazil**; e ha infinidade d’ellas; como se vê na Bahia, onde lhe os indios chamam leriucú, as quaes estão sempre cheias, e tem ordinariamente grandes miolos...”.

P. 308:

“Ainda que os Tupinambás se dividiram em bandos, e se inimizaram uns com outros, todos fallam uma lingua que é quasi geral pela costa do **Brazil**, e todos tem uns costumes em seu modo de viver e gentilidades...”.

P. 343:

“Tupinaês é uma gente do **Brazil** semelhante no parecer, vida e costumes dos Tupinambás, e na lingoagem não tem mais differença uns dos outros, do que tem os moradores de Lisboa dos de Entre Douro e Minho; mas a dos Tupinambás é mais pulida; e pelo nome tão semelhante destas duas castas de gentio se parece bem claro que

antigamente foi esta gente toda uma, como dizem os índios antigos d'esta nação; mas tem-se por tão contrários uns dos outros que se comem aos bocados, e não cançam de se matarem em guerras, que continuamente tem, e não tão somente são inimigos os Tupinaês dos Tupinambás, mas são-no de todas as outras nações do gentio do **Brazil**, e entre todas ellas lhe chamam Taburas, que quer dizer contrários”.

P. 344:

“Estes Tupinaês andaram antigamente correndo toda a costa do **Brazil**, d'onde foram sempre lançados do outro gentio, com quem ficavam visinhando, por suas ruins condições; do que ficaram mui odiados de todas as outras nações do gentio”.

P. 348:

“Como a tenção com que nos oocupamos n'estas lembranças foi para mostrar bem o muito que ha que dizer da Bahia de Todos os Santos, cabeça do Estado do **Brazil**...”.

P. 349:

“Até agora tratamos de todas as castas do gentio que vivia ao largo do mar da costa do **Brazil**, e de algumas nações que vivem polo sertão, de que tivemos noticia, e deixamos de faltar dos Tapuias, que é o mais antigo gentio que vive n'esta costa...”.

P. 352:

“Estes Tapuias tem guerra por uma banda com os Tupinaês, que lhe ficam a um lado muito vizinhos, e por outra parte a tem com os Amoipiras, que lhe ficam em fronteira da outra banda do rio de S. Francisco, e matam-se uns aos outros cruelmente, dos quaes se vigiam de continuo, contra quem pelejam com arcos e flexas, o que sabem tão bem manejar como todo o gentio do **Brazil**”.

P. 353:

“Corre esta corda dos Tapuias toda esta terra do **Brazil** pelas cabeceiras do outro gentio, e ha entre elles diferentes castas, com mui diferentes costumes, e são contrários uns dos outros; entre os quaes ha grandes discordias, por onde se fazem guerra muitas vezes e se matam sem nenhuma piedade”.

Pp. 357-358:

“Parecerá impossivel achar-se na Bahia apparelho de estopa para se calafetarem as náos, galeões e galés que se podem fazer n'ella, para o que tem facillissimo remedio; porque ha nos matos d'esta província infinidade de arvores que dão envira, como temos dito, quando fallamos da propriedade d'ellas, a qual envira lhe sahe da casca que é tão grossa como um dedo; como está pisada é muito branda, e d'esta envira se calafetam as náos que se fazem no **Brazil**, e todas as embarcações...”.

P. 364:

“Dos metaes de que o mundo faz mais conta, que é o ouro e prata, fazemos aqui tão pouca, que os guardamos para o remate e fim d'esta historia, havendo-se de dizer d'elles primeiro, pois esta terra da Bahia tem delle tanta parte quanto se póde imaginar; do que póde vir á Hespanha cada anno maiores carregações do que nunca vieram das Indias occidentaes, se S. Magestade for d'isso servido, o que se póde fazer sem se metter n'esta empreza muito cabedal de sua fazenda, do que não tratamos miudamente por não haver para que, nem fazer ao caso da tenção d'estas lembranças, cujo fundamento é mostrar as grandes qualidades do estado do **Brazil**, para se haver de fazer muita couta d'elle, fortificando-lhe os portos principaes, pois tem tanto commodo para isso como no que toca á Bahia está declarado...”.

P. 365:

“Se Deus o permittir por nossos peccados, que seja isto, acharão todos os commodos que temos declarado e muito mais para se fortificarem, porque hão de fazer trabalhar os moradores nas suas fortificações com as suas pessoas, com seus escravos, barcos, bois, carros o tudo o mais necessario, e com todos os mantimentos que tiverem por suas fazendas, o que lhe ha de ser forçado fazer para com isso resgatarem as vidas: e com a força da gente da terra se poderão apoderar e fortificar de maneira que não haja poder humano com que se possam tirar do **Brazil** estes inimigos, d’onde podem fazer grandes damnos a seu salvo em todas as terras maritimas da coroa de Portugal e Castella, o que Deus não permittirá...”.

1.58 1597 – BRAZIL – Gaspar Ferreira Reimão

Em seu *Diário da navegação da Nau São Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, escreveu Gaspar Ferreira Reimão (*in* Monteiro, 1985: 260):

“O vento fresco com alguns augaceiros de pouca agoa o mar vem oje farto do Sul; a nao bate muito e deixa a esteira toda pela quadra, porque he muito curta e arrola muito, que me leva muito enfadado porque não he nao pera esta volta do **Brazil**”.

1.59 1597 – BRAZIL – João Baptista Lavanha

Em sua *Relação do naufragio da Nao S. Alberto*, consta (LAVANHA, [1597] 1736: 245) [Figura 35]:

“...pelo que confôrme o rumo, por que caminhaão tinhaõ andado dês legoas em oito dias e meyo, e segundo os embarços que traziaõ, naõ o houveraõ por pouco, naõ sendo o menõr D. Isabel, e sua filha D. Luiza, as quaes traziaõ os escravos do Capitaõ mõr às cõstas em cachas, concertadas ao modo de redes do **Brazil**, que em Cuama chamaõ Machiras”.

RELAÇÃO DO NAUFRAGIO

DA NAO S. ALBERTO,
*No Penedo das Fontes no anno de 1593.
E Itinerario da gente, que delle se sal-
vou, atè chegarem a Moçambique.*



ESCRITA

Por JOÃO BAPTISTA LAVANHA
Cosmografo mór de Sua Magestade
No anno de 1597.

Figura 35. *Relação do naufragio da Nao S. Alberto*, consta (LAVANHA, [1597] 1736: 245).

1.60 1598 – BRAZIL – Pedro de Mariz

Na segunda edição de seu *Dialogo de varia historia* (MARIZ, 1598) lê-se:

Fólio 36v:

“O senhorio & grande estado, da Prouincia de santa Cruz, chamado vulgarmête **Brazil**; Depois que Portuguezes o descobrirão & começarão a habitar, não com tanto cuydado como conuinha a tão grãde Prouincia, pólas muytas cõquistas em que então andauão occupados: quizerão os Francezes lançar mão d’elles nesta ocasião & desempero...”.

Fólio 227r:

“Ao outro dia noue de Março de mil & quinhentos, partio Pedr’Aluares Cabral com sua frõta, & com hũ temporal arribou a Lisboa hum Nauio de sua companhia: & cõ os outros empègouse tanto em o mar, que depois de hum mes passado naquella grande volta, descubrio a terra que elle então chamou Santa Cruz, & hora o pouo lhe chama **Brazil**, a vinte & quatro de Abril de mil & quinhentos...”.

1.61 1598 – BRASIL – Amador Rebelo

Consta do título de sua obra *Compendio de algũas cartas que este anno de 97. vierão dos Padres da Companhia de Iesu, que residem na India, & corte do grã Mogor, & nos Reinos da*

China, & Iapão, & no Brasil, em que se contem varias cousas. Collegidas por o padre Amador Rebello da mesma companhia (REBELLO, 1598).

RELAÇÃO
DA VIAGEM
E successo que teve
A NAO S. FRANCISCO
Em que hia por Capitão
VASCO DA FONSECA,
Na Armada, que foy para a India no
Anno de 1596.



ESCRITA
PELO PADRE GASPAR AFFONSO
Hum dos oito da Companhia, que
nella hiaõ.

Figura 36. *Relação da viagem e successo que teve a Nao S. Francisco* (AFFONSO, [1599] 1736).

1.62 1599 – BRAZIL – Gaspar Affonso, S. J.

São numerosas as ocorrências da palavra *Brazil* na *Relação da viagem e successo que teve a Nao S. Francisco* (AFFONSO, [1599] 1736):

P. 339:

“E com tudo isto não quer a avareza desistir desta empreza, antes estando nós lá andava actualmente no Sertão huma grande Companhia de Soldados para o mesmo effeito, e o peyor he, q’ se faz o negocio com a authoridade publica, entrando nisso os do governo, palliando tudo com razão de estado, dizendo, que de outra maneira se perderá o **Brazil** por falta de escravaria necessaria para os Engenhos de assucar...”.

P. 341:

“Athè que cançados, e enfadados das festas o lançaraõ ao mar, fazendo sua derrota para o **Brazil**, para continuarem por aquella Còsta com sua pilhagem...”.

P. 342:

“...o qual chegando primeiro, que elles ao **Brazil**, com a ligeireza com que elle veyo duas vezes de Itália a Lisboa, e com tanta facilidade, agora pelo mar, como então pelo ar, oscilava alli esperando, não deitado, mas em pè...”.

“Criaõ-se por todo o **Brazil** huns bichinhos, que lá chamaõ Zungas [sic; Tunga], e nas Indias, aonde tambem abrange esta praga, Nigoas; invisíveis em seo nascimento, e taes, que se não dà fé delles, senaõ depois, que pegados nos dedos dos pès sobre as unhas, e comendo nelles delicadissimamente como Ouçoens, vem a crescer, e fazerse às vezes tamanhos como camarinhas, ou graõs de aljofar; porque taes parecem elles, quando os tiraõ daquellas cellas, que cada hum lavra para si sobre o dedo. Praga, de que ainda os que andaõ descalços levaõ a peyor, ninguém ainda q’ muito calçado lhe escapa”.

P. 343:

“E com isto nos sayamos do **Brazil**, e demos à vèla para onde Nosso Senhor for servido...”.

P. 344:

“...porque tirando hum Piloto daquella Ilha isso que ficou por arder debaixo da agoa, fundou sobre elle hum Navio para o **Brazil**, sem fazer este discurso, onde havia tanta razaõ para o fazer...”.

P. 345:

“...nem se colhesse outro fruto della, mais que perda de todos os que nella o buscassem-; como succedeo a este Piloto, porque tendoa carregada para a **Brazil** de toda a fazenda, que nella pode meter, estando elle dormindo em terra a noite antes de dar à vèla, se levantou huma forte tormenta , que caçando as amarras, e arrebatando a Nao, não cessou athè não dar com ella à Còsta. Tal fim como este me dizia a mim meo espirito muitas vezes no **Brazil**, que ella havia de ter; e eu outras tantas a meos companheiros.”

P. 345:

“Logo em sahindo do **Brazil** começou o novo leme, que alli fizemos, a mostrar que assim como seo antecessor não quizera levar aquella Nao à India, assim nem elle a queria, nem havia de trazer a Portugal, dando muitas pancadas, e trazendo-a em que lhe poz por cima dos Abrolhos, baixos, de que os Pilotos de India, e nõs à hida tanto tinhamos fugido, quando com a força dos gèraes, que pouco antes, ou depois da Linha Equinocial se achaõ, são às Naos lançadas da Còsta de Africa, a que athè entaõ vaõ arrimadas para a do **Brazil**, que foy a causa do descubrimento daquella Provincia o anno de 1500. por huma armada, em que hia por Capitaõ mòr Pedr’ Alvares Cabral...”.

P. 358:

“...depois de estarmos ahi outros cinco mezes menos quatro dias, como estiveramos no **Brazil**, que parecia couza de encantamento, segundo não sey quem dizia”.

P. 360:

“Trazia eu comigo hum relicario, que de Roma trouxe hum dos Padres meos companheiros, defunto no **Brazil**, com muitas reliquias, e muy insignes, e no meyo tres cruces do Santo Lenho, o qual, quando o Navio hia à banda, punha do outro costado, que ficava sobre a agoa, como lème de tanta virtude: e não o tirava dalli, athè que elle com sua força não arrancasse a outra ametade, que estava sepultada debaixo do mar...”.

P. 364:

“No **Brazil**, por razã das rijas doenças com que desembarcamos, nos levãraõ em redes para o Collegio; aqui, por razaõ de outras iguaes, nos levarãõ em cavallos para o Hospital, onde estivemos ambos gravemente enfermos...”.

P. 368:

“...outra Papayas, a que no **Brazil** chama-nos Mamoês, e se puderaõ muito bem chamar Meloens na feiçaõ, repartimento de talhadas, cor exterior, e interior, cujas pivides, que saõ redondas, tem a mesma acrimonia dos mastruços sem nenhuma differença; nascem em arvores, naõ nos ramos, senaõ pegadas ao tronco, e em verdes vimos delles muy fresca conserva. Assim que de huma maneira, ou de outra merecem bem o nome de Papayas, [trocadilho com “papai-as”] com que estaõ convidando o gosto de quem passa por junto dellas”.

P. 369:

“Porèm a commua e generalissima de todo o anno, e em grande abundancia, naõ só por estas Indias, mas também pela nossa, por todo o Guiné, e **Brazil**, por onde ha, e nõs vimos mais castas, e melhores que estas, he a que lá chamaõ Platanos, e na nossa India Figos, e no **Brazil** Bananas”.

P. 371:

“Naõ he menõr , nem menos maravilhosa a virtude de outra fruta, ainda que se naõ come, que no **Brazil** chamaõ Genipavo, e nasce em humas arvores, como marmellos, a qual fruta a natureza naõ fez para mais, que para em tempo de necessidades, que succedem aos homens, fazer de presente, ou com seo sumo, ou com agoa que della se estila, de hum homem branco, negro, como nõs vimos, e conservallo assim por oito ou nove dias, para passar por negro, onde lhe for necessario”.

P. 377:

“Huma dà huns coquinhos pouco mayores que avelans, com seu focinho, boca, olhos, e nariz, que no **Brazil** chamaõ Vizicurum”.

P. 380:

“E por este medo de lhe fugirem, e outros semelhantes respeitos, saõ tratados dos senhores com muita largueza, e muitas permissõens, como homens em parte izentos, semeando, e creando, e vendendo suas novidades particulares a ninguem melhor, que a seos proprios senhores, como tambem pelas mesmas razoens fazem os que nõs temos no **Brazil**”.

P. 387:

“Guiza-se este Peixe Boy com tudo o que se lança em huma panella de vaca: e he taõ semelhante sua carne, que com nõs trazemos para nossa matalotajem alguns barrís delle salgado do **Brazil**, e com o comeremos muitas vezes athè Porto Rico...”

P. 411:

“O particular desta Cidade de Carthagená fundada em terra firme, e continente com o **Brazil**, do qual, e do porto da Bahia tínhamos sahido anno e meyo havia, e agora tornavamos a entrar no porto desta Cidade nove centas legoas acima para o Norte, he fer huma Babilonia pequena...”.

P. 420:

“Muita vontade tive no **Brazil**, vendo em 13. grãos do Sul a continua verdura, e frescura do arvoredado, sem nunca perder a folha, como todas as outras terras, que estaõ dentro dos Tropicõs, Zona torrida, contra toda a ignorância dos Antigos, que cuidavaõ, e diziaõ, que tudo por aqui ardia; de lhes mostrar o mimo, e temperança daquella terra, e lhes perguntar se se podia alli viver?”.

P. 423:

“Nesta infinidade de Baixos, e Ilhèos, e dos mais com que a natureza tem salpicadas todas estas Antilhas, deve de nascer aquella herba, a que os Navegantes chamaõ Sargaço, e de que tambem aquelle mar fronteiro toma o nome, chamando-se mar de Sargaço, por andar cuberto della, que achamos os que vimos da India, e do **Brazil**, e de Indias, e de outras partes de doze grãos àquem da Linha, athè junto às Ilhas Terceiras...”

P. 432:

“Deixando pois as couzas, que digo, e muitas mais, que quem não cuidou tantas vezes, que chegasse a quem lhas ouvisse, mal as podia notar, nem lhes servia para as contar; chegãmos, em fim, pela bondade de Nosso Senhor à ilha de Cales a 10. de Março de 599. que foy a sexta estação; porque as conto eu assim: A primeira a. Bahia no **Brazil**...”

P. 458:

“E a esta opiniaõ do Capitaõ mòr ajudou tambem o Mestre Simaõ Peres, dizendo ser acertada, que ainda que os inimigos os seguissem athè o **Brazil**, se os não metessem no fundo...”

P. 459:

“Em quanto vay o nosso Galeaõ caminhando, e os inimigos apoz elle, paremos hum pouco neste lugar, vejamos.com que acção pertence a conquista e navegação de Guiné, e **Brazil**, e Indias...”

P. 461:

“Para o que lhes reservou esta navegação, e conquista do Oriente, Guiné, Ethiopia, e **Brazil**, e Ilhas adjacentes...”

P. 464:

“Sobre o qual novo descubrimento houve as duvidas entre Portugal, e Castella, que concluhio o Papa Alexandre Hespanhol, com a Linha que lançou de Polo a Polo, quatrocentas, e setenta legoas a Loeste das Ilhas de Cabo Verde, applicando à Coroa de Castella tudo o que a Linha demarcava à parte Occidental, e à Coroa de Portugal o que demarcava ao Oriente, da qual demarcação lhe coube a terra do **Brazil**. A EIRey D. Joaõ o Segundo succedeo EIRey D. Manoel, em cujo tempo esta navegação e conquista teve felicissimos successos, e foy achada, e descuberta a terra do **Brazil** por o Capitaõ mòr Pedro Alvares Cabral hindo para a India com doze Navios de armada, no anno de 1500 a tres de Mayo dia da Santíssima Vêra Cruz, q’ na Costa daquella graõ Provincia foy alvorada, e posto o seo Santo Nome, que depois se mudou ao que tem, por respeito do pào Brazil de tinta que nella foy achado. Está esta terra do **Brazil**, dous grãos da Equinocial, e corre sua Còsta para o Polo Austral, quarenta e finco grãos, em que ha 1050 legoas de Còsta de mar: e fóra o Sertaõ, que tem quinhentas e dês legoas no mais largo”.

P. 466:

“Tem tambem triunfado muito a Santa Igreja no Oriente, depois que a elle passãraõ os Padres da Companhia de JESU, verdadeiros obreiros desta sagrada seára, e Apóstolos de seo Santo Nome, e Evangelho, que com sua santa doutrina tem feito pasmar os infernos, com a grande conversão de infinitos milhares de almas, que com sua pregação reconhecem pelo mundo o Santissimo Nome de JE SU, e recebem pela sua maõ o santo Baptismo, naõ só no Oriente athè a China, mas na Ethiopia, em a grande Provincia do **Brazil**; entre o mais barbaro Gentio do mundo e pòde tanto a doutrina da Companhia de JESU, que naõ sò vaõ reduzindo aquella bruta gentildade à Santa Fè Catholica, mas à policia humana, que entre elles naõ havia”.

P. 467:

“Dista esta Ilha de Lisboa 1100 legoas, e 2000 de Goa, e do Cabo de Boa Esperança 520 e 540 do Brazil...”.

P. 480:

“CERTIDÃO.

Partindo Antonio de Mello de Castro, Capitão mór das Naos do Reyno, desta Ilha de Fernão de Noronha em hum batel para o **Brazil**, para negociar remedio à gente da Nao Santiago, que os Olandezes deitarão na dita Ilha, por hir muito doente, e arriscado na embarcação, me pedio huma certidão do procedimento, que na dita Nao se tivera com os Olandezes na peleja, que com elles teve”.

P. 493:

“CAPITULO DECIMO.

Do sitio, e qualidade da Ilha de Fernão de Noronha, e o que nella passou a gente do Galeão Santiago, e como foy ter ao **Brazil**, e dahi a este Reyno, e como Sua Magestade tomou a perda, e successo do Galeão.

Desembarcada a nossa gente na Ilha de Fernão de Noronha, se fez nella rezenha da gente, e se achou que dos nossos morrerão na batalha e successo delia quarenta pessoas, sendo amayor parte escravos; e dos Olandezes morrerão dezoito. Esta Ilha está em três grãos, e dous terços do Polo Antartico, dista da Còsta do **Brazil** oitenta legoas, e alguns querem que cento...”.

P. 494:

“Foy necessario aos nossos fazerem muitos mimos ao Feitor, que estava na Ilha com os negros, pedindo-lhe que os não desamparasse, parecendo-lhes teriaõ nelle abrigo; e porque não tinhaõ que lhe dar, lhe prometteo o Capitão mór vinte cruzados por seo assinado, de lhos pagar no **Brazil**, {como depois pagou)...”.

P. 495:

“Neste aperto acabàraõ com os Olandezes, que lhes dèsem ferramenta, e havia muitos para fazerem hum barco, em que mandassem ao **Brazil** pedir embarcação...”.

P. 500:

“Acabado o batel, que os nossos com trabalho puzeraõ em perfeição, e tão bom, e bem acabado, como de tal lugar se não esperava, ajuntou o Capitão mór a sua gente, e lhe poz em pratica, que escolhessem o mais acertado, de quem havia de passar naquelle barco ao **Brazil** a procurar embarçoens, que os tirasse daqueile desterro...”.

P. 501:

“Ao que respondeo por todos o Padre Frey Felis, que eraõ de parecer, que elle Capitão mór fosse, porque com sua authoridade seriaõ do **Brazil** mais presto soccorridos...”.

“...e foy só D. Pedro Manoel com o Mestre, e Piloto, e Marinheiros, e deo-lhe Deos tão bom successo, que ao segundo dia viraõ a terra do **Brazil**, e tomàraõ o Porto da Paraíba donde D. Pedro Manoel avizou ao Governador Diogo Botelho, que estava em Pernambuco do a que hia”.

2 A PRIMEIRA MOEDA COM O NOME “BRASIL” (1645-1646)

Durante o período conhecido como Invasão ou Domínio Holandês (1630 – 1654), o Brasil viu seu nome impresso pela primeira vez em uma moeda: o Ducado do Brasil (popularmente chamado de Florim do Brasil).

A criação da moeda atendeu à necessidade de mais unidades monetárias em circulação e foram cunhadas a pedido do Conde Johan Morits van Nassau-Siegen. Feitas de ouro e possuindo formato quadrado, três tipos de moedas foram criados nos anos de 1645 e 1646 [Figura 37] na cidade de Recife, então chamada de **Mauritsstadt** (Cidade Maurícia) e sede da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais (*Geotroyeerde Westindische Compagnie*) no Brasil. Em larga medida, estas moedas serviram para a realização das transações comerciais envolvendo a exportação dos derivados de açúcar produzidos na região sob administração holandesa e outros produtos comercializados pela Companhia.

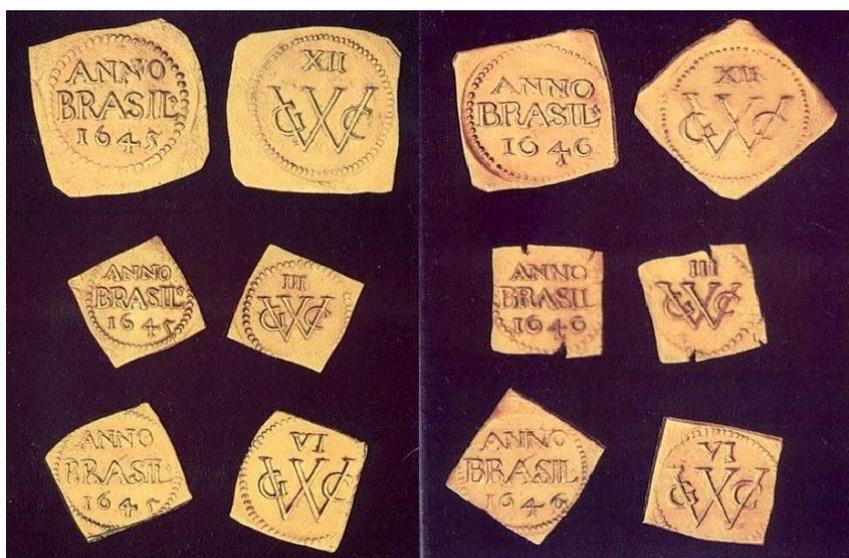


Figura 37. Coluna esquerda: Ducados do Brasil: (a) moeda de III florins (no centro), peso teórico de 1,922 gramas; (b) moeda de VI florins (parte inferior), peso teórico de 3,845 gramas; (c) moeda de XII florins (parte superior), peso teórico de 7,690 gramas. **No lado principal da moeda:** no alto, temos um dos indicadores de valor (III, VI, XII) e subscrito: o emblema GWC da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais: G (*Geotroyeerde*), W (*Westindische*) e C (*Compagnie*). **No lado secundário da moeda:** ANNO (“no ano de”); e BRASIL “do Brasil”, que é composto por BRASIL + “losango”, que significa “iae”, isto é, *Brasiliae* (do Brasil); por fim, 1645. Coluna esquerda: as mesmas moedas na tiragem de 1646.

A moeda Ducado do Brasil (Florim do Brasil) tinha seu valor monetário medido em florins holandeses e possuía valor mais elevado que estes para que não deixassem o país, visto que se tratava de uma moeda obsidional (**notgeld**; temporária) e depois seria recolhida. Apesar de ter tido circulação restrita às então possessões holandesas na América do Sul, a moeda abrangeu grande parte do Brasil ainda dividido pelo Tratado de Tordesilhas.

O ouro de que foram batidas as moedas era proveniente das terras tomadas aos portugueses em 1637, quando da conquista do Forte de São Jorge da Mina, primeira fortaleza europeia em solo africano. De lá havia zarpado o *Zelândia*, com escala em Recife, levando em seus porões aproximadamente 308 kg de ouro puro da Guiné.

Sobre este assunto, ver Mello Neto (1976) e Gallas & Gallas (2009: 212-215).

**ANEXO I – Transcrição do *Lyuro da naao Bertoa* feita por VARNHAGEN
(1854: 427-432)**

**Llyuro da nãoo bertoa que vay para a tera do brazyll de que
som armadores bertolameu marchone e benadyto mo-
relle e fernã de lloronha e francysco mjz
que partio deste porto de lix.ª a
xxij de feureiro de 511.**

**L.º Do dya que partimos da cydade de de (ita) llysboa para ho brazyll ate que
tornamos a portugall**

**Em sabado xxij dyas ffeujreyro era de 1511 anos: partyo (sic) nãoo bertoa de
dya de samta catelyna para ho brasyll e no dyto dya fomos de fora seguyn-
do ho camjho das canaryas em tençom de tomarmos as pescaryas como no
Regymêto dellRey noso Snør mãda**

**It. aos xxbij dyas de feujreyro em sesta feyra chegamos as canaryas e a dous
dyas de março em domyngo a tarde começamos nosa pescarya e no dyto do-
mjngo fomos seguymdo nosa ujagem para ho brasyll**

**It. aos bj dyas dyas (ita) do mes da bryll em domjguo de llazaro chegamos
aujsta do rjo de sam francysco tera do brasyll**

**It. aos xbij dyas dabryll em quynta feyra de treuas chegamos a baya de todo-
llos santos**

It. a xij dyas do mes de mayo em segūda feyra partymos para cabo fryo

**It. aos xxbj dyas do mes de mayo em segūda feyra achegamos ao porto de
cabo fryo**

It. aos xxbij dyas do mes de julho partymos de cabo fryo para portugall

**It. aos biij dyas do mes de setembro em dya de nosa Snōra vynos tera de
guyne junto cō sanaga**

**aos bij dyas do mes de oytubro vynos ho pyco Ilha dos acores e fyzemos nosa
Rota para portugall**

**aos xx dyas de mes de oytubro em domynguo pe'la manhã vynos ho cabo
de espyhell**

aos xxij dyas do mes de oytubro e quarta feyra entramos polla carreya de
sam gyam

(Seguem as folhas 3, 4 e 5 em branco)

Regymêto do capytam

L.^o Do Regymêto do capytam que eu Duarte ffrz espruam (sic) trelladey om
este llyuro dellRey noso Snôr

A maneyra que vos muyto homrado (sic) crystouã pyz. que hys por capitam da
naoo bretoa a Resgate do brazyll aves de ter è toda a vyagem e asy no dyto
Resgate he a segujnte

It. como partyrdes davante Restello fares voso camjnho dereytamête as pes-
caryas omde estares os dyas que abastarem atee fazerdes (ita) o que vos for
necesaryo e acabada sygyres vosa vyayem ate a tra. do dyto brazyll sem tocar
des è nenhũa ylha nê em parte allguma da costa de guyne e sendo chgado
a tera do dyto brazyll asentares voso Resgate cõ toda segurança de uos nã
acõtecer p.êgano nê por outra allgũa maneyra nenhũa cayam de que uos
posa vyr dano a vos nem allgũa pesoa da dyta nã, nem prda. ao que compre.
armacam della

aos xij dyas de março prvycou crystouam Pyz. capytam da naoo bertoa ha a
sua companha o seu Regymêto para saberem a maneyra que aujam de ter na
dyta ujagem

Regymêto

It. asemtando o dyto Resgate como dyto e fares todo o que bem poderdes
pello fazer cõ todo prouyto darinaçã e no menos tempo que ser poder preçu-
ramdo (ita) todo o que em vos flor para averdes toda caregua de bõo brasyll e
cõ menos desp.^a que se poder fazer

It. todos os paos do dyto brasyll que se caRegarem na dyta nãoo emtrarax
nella e se aRumaram p. comto que se fara p. ante vos e p. ante o espruam
della que os asemtara cõ boa decraraçom em seu llyuro em tall maneyra que
nã posa njsio ab. nenhũ ero e aRumaçam delles mãdares fazer em tall modo
que posa trazer adita nãoo a mays Soma que ser poder sem vyr cousa allgũa
della de vazyo

It. defemderes ao mestre e a toda a companha da dyta naoo que nã faça nei
nhũ mall nem dano aagente da tera e se allgem fezer o comtrayro o fares asy
espreuer ao dyto espruam e se vos p. allgũ Respeyto lhe nam mãdares que
o faça elle de seu ofycyo sera obrygado de o asy cõpryr sopena de perder ametade
de seu ordenado p. a o esprytall de todollos santos desta cydade e quall
quer pesoa da dyta naoo que este nam guardar p. dera yso mesmo ametade se
seu solldo e allem du que lhe for dada qualquer outra pena que p. justiça mere-
cer segumdo a callydade do que fezer como seoferese cõtra cada hũa das pes-
soas da dyta nãoo ou de caa do reyno por ser muy necesaryo a S.ujço Dell Rey
noso Snôr e ben do dyto Resgate ser trautado p. todos melhores meynos que se
poder e sem nem nhũ escandallo pello muyto dano que dello se pode seguyr

It. notefycares yso mesmo a toda a dyta cõpanha que nã Resgate nem vmda
nem troquem cõ ayemte da dyta tera nem nhũas armas de nem nenhũa sorte
que seya punhas ¹ nem outras nem nhũas cousas que sam defesas pello samto
padre e por ell Rey noso Snôr e poderom lleuar faças e tysoyras como sempre
lleuaron

It. Requcreres ao dyto espruam que esprua em seu llyuro todollos papagaos
e gatos e espraos e quallquer outras cousas qua cõpanha da dyta naoo dellaa
trouuer decramdo o de cada hũa para para (ita) se qua areçadarem (sic) os dy-
reytos do dyto Snôr os quaes espruos nã poderom trazer salluo lleuando os
ordenados pellos armadores e por que pella acupaçain que os mareantes e pes-
soas outras que lla uam tem na compra dos dytos espruos e papagayos por om-
de o avyamêto que cada hũ podeRya dar a carrega da dyta naoo e asy mes-
mo que es preua p. seus nomes no dyto llyuro todollos mareantes que forcem
na naoo e nã comsemtyrdes que nenhũa pesoa que nella va possa comprar fera-
mêta que para yso llevem somête o posam fazer depoyt da dyta naoo e se
allgums fallecerem na vyagem asemte lloguo o dya e mes em que for para a
comta do solldo do que se ouver de dar a seus erdeyros e uos teres cuidado
quando acõtecer que allgem for doemte lhe fares lembrança se a nã tyuer

feyta cedulla ou testamêto que faça lloguo e o dyto espruam que seya ayso-dyllygemite e lhe fares toda llembrauça que vos bem parecer para todo descarreguo de sua cõ cyameya em tall maneyra que seos Ds. quizer lleuar o ache em camjmho para sua salluaçam

E se allgã fazemda e vystydos ou quaes qr.ũoutras cousas fycarem p. sua morte lloguo as mãdares espruer p. ante nos ao dyto espruam em hũ termo que fara em seu llyuro e tudo pores a tall reçado que se nõ posa p. der nem danjfyçar cousa allgã e se allgãas pesoas da dyta nõo quizerem cõprar as dytas cousas ou allgãas dellas lhas fares vemder empregam perante vos e quem p. ellas mays der e asemtar ao dyto espruam no dyto llyuro cõ boa de craraçam o que cada hũ comprar e preço que deredo que lloguo pagar fares entregar o dro. ao mestre de dyta nõo e caregar sobr elle para se caa emtreagar os seus erdeyros com todo o mays que allgũs tambem cõprarem e caa o averem de pagar p. seus soldos ou as mesmas cousas se se nõ venderem

It. mãda o dyto Snõr que se allgãa pesoa da dyta nõo Renegar de Ds. ou de nosa Sõra. e dos samtos ou jurar por cada vez que o fezer perca tres mjl Rs de seu soldo para o dyto esprtall e que tamto que a dyta nõo aquy chegar da tornavyajem vaa preso della acadea domde pagara a dyta pena cõ quallqr. outra que nos taes casos he dada p. suas ordenações

It. tamto que tomardes uosa carega de todo vos vjres dereytamente a esta cydad e nõ yredes demãdar nem nhãa lha nem tera sem e extrema necyçedade de mjingoa de bytalhas ou aparelhos sem os quaes nõ podet res em maneyra allgãa navegar e se o cõntrayro fezerdes p. deres todo uoso ordenado e asv o perdcram o espruam e mestre e pyloto da dyta nõo vemdo que o queres fazer sem a dyta njcyçedade nõ uos requeremdo que o escuses ho que lloguo ho dyto espruam asemtara em quall qr. modo que pasar e sendo caso que pella tall necesydade vades demãdar allgãa lha ou tera o dyto espruam dara dyso fe em seu llyuro allem do quall uos trares certydos dos ofycyaes do dyto Snõr. da tall lha ou tera em que dem fe e sertafyquem a causa de vosa yda que vos lhe manifestares e mostrares para que mjlor e mays serto o posam asy fazer sendo easo que foseys com a dyta necysjdade tomar augoa ou llenha a quall qr parte da costa de gnjue nam fares y mays detemça que quamta para yso cõmpryr nem lleyxares sayr em tera mays que as pesoas necesaryas aa obra que se ouver de fazer e estes nem outros allguns nem vos yso mesmo nõ resgatares nem nhãa cousa de nenhãa callydade que seya somete bytalha e llenha e augoa e mays nõ e se ho cõntrayro fyzerdes nos e quall qr. que ho fyzer e for perderẽ todo o ordenado da dyta ujayem e as cousas que se resgatarem tudo para o dyto Snõr allem de encoerdes em todollas outras penas cyues e crimes das ordenaçoes de guyne pello cõsemtyrdes e elles pello fazerem e o dyto espruam emcorrera nas mesmas penas se todo o que se pasar em tall caso o nom espreuer em seu llyuro como he obrygado.

It. nam trares na dyta nõo em nem hãa maneyra nem hãa p. das naturaes da tera do dyto brasyll que queyra qua vyr ujuer ao reyno por que se allgũs qua fallecem cuydam cses de lla que os matam p. os comereim segũdo aumte elles se custuma

It. sendo chegados avante desta cydade nõ seyres em tera nem outra nem nhãa pesoa da dyta nõo nem comsemtyres tyrar em tera cousa allgãa nem outrem de fora hyr a nõo atee jrmos a vos a vos despachar segunjo a ordenança do dyto Snõr.

It. os testamêtos e emavemtayros ujram em voso poder p. qua os emtre gardes a quem qua p. uos vos for mãdado p. se emtre garem a seus yrdeyros ou testameyteroyros a que pertemcerem

It. p. quãto o espruam nõ lleua outro nenhũ Regymêto p. que se aya de reger e fazer ho que cõpryr a seu careguo somete este vos tanto que o tyuerdes ujsto lho mostrares e dares p. ho trelladar em seu llyuro e aver e o dyto trellado ter e ter llembrauça de ho cõpryr ynteyramete asy no que elle p. sy ouver de fazer como em vos allembrar e espertar e requerer ao que for obrygado p. bem de seu carego segundo se nelle mays llargamente contem o quall espruam o tralladara em seu llyuro e dara ho propyo ao capytam tamto que da quj partyr e nõ no fazeindo asy o dyto espruam pr. dera seu ordenado e soldo.

It. vos lembrara de terdes gramde vegya na gemte que mãdardes fora p. que va sempre a bom reçado e cõ pesõa tall que olhe p. elles de maneyra que nõ se posa lla na tera llamçar nem fyçar nenhũ delles como allgãas vezes ya fyzerom que he cousa muyto odyosa ao trauto e servjco do dyto Snõr.

It. tamto que emboõra chegardes ao çabo fryo onde estyuer ho feytor lhe

entregares todas as mercadarias que lleuardes p. voso despachio receberes delle conbecymêto p.^a p. elle dardes qua vosa comta

It. nom comsemtyres que nenhũ homẽ de vosa naõ que saya fora na tera fyr-me somete na lha homde esteuer a feytoria.

It. nom comsemtyres que nenhũ homẽ resgate cousa allgũa sem llycemca do feytor e querendo allguem allgem (sic) e rezgatar allgua cousa que ho faça saber

E tamto que fordes caregado lloguo uos byres sem nem nenhũa mays demença dereytamente a esta cydade sem demãdardes nenhũa tera salluo se por mjngo de mãtymetos ou causo fortoyto for necessaryo de que trares certydam feyta p. ofycyaes dell Rey da tera omde fordes ter e se for em llugar que nõ ouver hy ofycyaes dell Rey fareis fazer hũ auto dyso ao espyuam asynado p. o dyto espyuam e mestre e pyloto e seres aujstado de nõ tyrar em tera nem dexar tyrar brasyll nem nem (sic) outra cousa allgũa que da dyta tera do brasyll trouverdes sopena de perderdes uosa capytanja e ordenado e auerdes aquella pena corporall que uos ellRey noso Snõr quyser dar e os marynheyros e pesoas outras que ho comtrayro fycerem p. deram seu solldo e seram obrygados a dyta pena

p. meyramete ao feytor sopena de perder seu ordenado e todo o que o feytor nos requerer que facaes p. serujço dellRey noso Snõr e bem darmaçam o fares cõ boa dellygemcy.

Foy trelladado este regymêto do capytam em este llyuro p. mj espruam da dyta nao bertoa a xij de março era de 1511 anos.

L.^o da companhia da nao bertoa.

- It. crystouam pyz. capytam morador em a rua nova dosmerçadores
- It. Duarte frz. espruam casado e morador em allfama.
- It. fernã vaz. mestre casado em allfama
- It. Joham llopez carualho casado e morador em as famgas da farynha

marynheyros

- It. antonjo a. contra mestre casado e morador em catequefaras
- It. allu.^o aães casado e morador e sam gyom
- It. bastyam gliz. casado e morador em quatequefaras
- It. Joham Gliz. casado e morador catequefaras
- It. fernam mjz. gallego sollteyro e naturall da cydade da crunha
- It. Joham Dyz. sollteyro e ujue na ferarya
- It. domjngos Gera casado e morador em as marte
- It. p.^o anes carafate sollteyro naturall da cydade do porto
- It. allu.^o royz. sollteyro e ujue em alluerça
- It. martym Vaz sollteyro e ujue em samtarem
- It. amdre a.^o casado e morador a nosa Snora da cõseyçam
- It. njcollao royz casado e morador em as famgas da farynha
- It. Juramj despenseyro e cryado de bertolameu marchone

L.^o dos grumetes

- It. Joham dazevedo casado e morador em sam njcollao
- It. Joham gera sollteyro e ujue na olcazarya
- It. amdre mjz. sollteyro e uyue na rapozeyra
- It. Dyogo frz. sollteyro e ujue em llouredo
- It. Joam ferador e sollteyro e naturall de m.^a allua
- It. a.^o e sollteyro naturall de canas de senhorym termo de ujseu
- It. p.^o yorge e sollteyro e ujve na coujlham
- It. amdre frz. sollteyro e vyve em samtarem
- It. gomçallo pyz. sollteyro naturall de braga
- It. njcollao sollteyro e ujve na cydade do Pto.
- It. amtojo frz. negro cryado de Roy Gomez
- It. antonjo negro esprauo de aretur amryquez
- It. bastyam esprauo de bertollameu marchone
- It. bertollameu sollteyro e naturall da cydade de Rodrygo

pages da nao

- It. pedrynho cryado do capytam (ita)
- It. peryço cryado do mestre
- It. gomçallo cryado do pyloto

It. fernando cryado do comtramestre.	
carega do brazyll que a nãoo bertoa tomou em cabofryo e foy a prmeyra batellada a doze dyas do mes de junho era de 1511 anos	
aos xij dyas do mes de junho en quynta feyra tomou nãoo bertoa pão de brazyll iij.c xbij	317
aos xiiij dyas do mes de Junho sexta feyra tomou nãoo bertoa paos de brasyll iij.cxxbij	328
aos xiiij dyas do mes de Junho em esabado tomou nãoo bertoa paos de brasyll ij.c lxxxbij	298
aos xbj dyas do mes de Junho em segumda feyra tomou nãoo bertoa paos de brasyll iij.c lxiiij	363
	<hr/>
aos xbij dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos do brasyll iijc. bj	306
aos xbij dyas do mes de Junho tomou naoo bertoa paos de brasyll iij.c xxxix	359
aos xbiij dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa de brasyll iijc.lxxxiiij	293
aos xx dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iijc. l iij	458
aos xxj dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iij.c lxxx	490
aos xxiij dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iij.c xxxxj	340
aos xxb dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll bc iij	504
	<hr/>
	2731
aos xxbj dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iij.c xxxbij	347
aos xxbij dias do mes Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iij.c biij	309
aos x dias do mes de Julho tomou nãoo (sic) bertoa pãos de brasyll i.c xxx	140
aos xxiij dyas do mes de Julho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll i.c lxxbj	176
	<hr/>
	972
Soma de todo ho brasyll onde nõ comto algumas rachas e paos que se femderom para facerem arumaçom da dyta nãoo b.m paos (sic)	
	<hr/>
	Soma 5009

L.^o dos espruos

It. ho capytam b espruos sc. dous moços e tres moças e mays hũa moça que lleua de emcomêda de francysco gomes espruam de francysco mjz e a p. nome a sprua buysyda e foy asemtda p. o dyto francysco gomes a xxbij dyas do mes de Junho em çabo fryo bj eram p. todos bj

It. ho espruam b espruos sc. hũ moço e quatro moças	b
It. quatro de llycemças que eu espruam trouve	biij
It. hũ de p. ^o llopez e outro de lluyz alluarêz e ho outro de Joham frz. fe- rador e outro de gonçallo alluarêz e sam p. todos	biij
It. ho mestre tres espruos hũ omê e duas sc. molheres	biij
It. vo pylloto biij espruos se. tres omês e bj molheres	biij
It. Joramj despenseyro b espruos sc. hũ moço e quatro moças	b
It. nçollao Royz marynheyro hũa esprua	j
It. ho contramestre hũa esprua	j
It. ho carafate hũ espruo	j
It. Dyogo frz. grumete hũ espruo	j

E² sam p todos os espruos xxxbj foram a valiados todos estos xxxbj des-
cravos nõ êtrando a q. ha do hordenado do esprvã juntamête ê cbxxiij reis de
q. vê a elRey noso Snôr de seu qto.—Riiij ut reis os quaes vam caregados ê rcta.
sobr eitor nunes.

(folhas 17 v., 18 e 19 em branco)

L.^o dos gatos e papagayos

It. ho capytam tres papagayos e dous toys e hũ gato e sam p. todos bj peças	6
It. ho espruam hũ papagayo	1
It. ho mestre dous gatos e hũ çagoym e sam p. todos iij peças	3
It. ho pylloto dous gatos e b çagoys e tres papagayos e biij toys e sam p. todos xbiij peças	18

It. domjngos sera carpemteyro tres macaos (sic) e dous gatos e sam p. todos b peças	5
It. Juramj despemseyro b gatos e b çagoys e iiij papagayos e biiij toys e sam por todos xxiiij peças	23
It. andre a.º hũ gato e hũ çagoym	2
It. njçollao Royz marynheyro tres gatos e hũ çagoym iij pecas	3
It. fernam galleguo marynheyro hũ papagayo	1
It. allu.º aões marynheyro hũ papagayo	1
It. allu.º Royz marynheyro hũ papagayo	1
It. ho comtramestre hũ toym	1
It. dyoguo frz. grumete dous çagoys	2
It. Jom ferador grumete hũ papagayo e hũ toym	2
It. p.º Jorge grumete hũ çagoym	1
It. fernando page hũ toym forom	1
forom ¹ avaliados estos gatos e pagayos (ita) e çagujns juntamête è <u>xxiiij</u> ij.c xx reis de q. a elRey noso Snør de seu qto. bj.c lb reis os quaes vã caregadas è cta. sobre citor nunez	

L.º Da feramêta que se furtou na naõo bertoa estando na baya de todollos santos

Aos b dyas do mes de mayo em segumda feyra na baya de todollos santos se furtou sarta merçadarya darmaçam sc. machados e machadynhas e cunhas ello-go pello capytam foy feyta esta dylligemcyia que se sege

It. prmeiramête deu ho capytam asua chave e requereo a mj espruam da dyta naõo e a yoliam de braga feytor que buscasem a sua camara e asy mesmo mãdou amj espruam que lhe dese a mjha e asy tomou a do mestre e pyloto e de toda a outra cõpanha as quaes chaues forom entregas a mj espruam e llo-go foy feyta a dylligemcyia que se sege

It. ao pyloto hũ machado que ho feytor conheceo e dyz ser darmaçam

It. hũ machado a njçollao Royz marynheyro que dyz que lho deu ho capytam ho quall capytam dyz que he verdade que elle lhe deu ho dyto machado por quãto elle trazya x ou doze machados do fereyo que fez os darmaçam p. nome chamado ho fereyro crystouã e asy trazya quatro machados de hũa llyçemça do espruam de francysco mjz. que bem se poderyam parecer cõ os outros.

It. mays andre a.º marynheyro tres cunhas e hũ machado que dyz ho feytor que lhe parecem ser darmaçam e dyz ho dyto andre a.º que lho deu ho pyloto p. outro que lhe emprestara

It. mays hũ machado a Jeronjmo espruam da feytorya elle dyto Jeronjmo dyz que lho ãera Jerumj despemseyro da dyta naõo ho quall Jerumj dyxe que era v. dade que lho emprestara

It. mays duas machadynhas a gomçallo pyz. grumete e dyz que lhas deu ho comtramestre e dyz ho feytor refem darmaçã

pello quall dyz ho contra mestre que as ouve dazevedo grumete e dyz ho grumete que quãdo lhe for prguntado que dara testemunhas domde as ouve.

It. mays hũa machadynha a p.º Jorge grumete que dyz que lha deu azovedo ho quall dyz ho feytor ser darmaçã

It. feyta esta dylligemcyia que ho capytam mãdou fazer se nõ achou outra culpa se nõ nos detras anomeados.

Requermêto que crystouam pyz. capytam fez a sua cõpanha em cabo fryo que foy em segumda feyra xxij dyas do mes de mayo e lhas requereo da parte dellrey noso Snør que nenhũ nõ fose tam ousado que nõ resgatasem nenhũa cousa p. nenhũa merçadarya que fose

aos xxbiiij dyas do mes de mayo em quymta feyra no cabo fryo veo Joham de braga a naõo bertoa a tyrar a feramêta darmaçam pello quall ho capytão deu jurameto ao pyloto e ao contra mestre e ao carafate que elles pello jurameto que tyham resebydo que oulhasem bem aquella feramêta e machados se lhe parecyam ser de hũ ofycyall e isto por bem da feramêta que achaua menos e a achauam em maos de outrem pello quall dyxe ho pyloto que lhe parecyam serem hos machãdos de tres ofycyaes e pello semelhamte ho comtramestre e ho carafate.

Seguem as folhas 24, 25, 26 e 27 em branco

REFERÊNCIAS

- AFFONSO, G., S. J., [1599]. Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na Armada, que foy para a India no Anno de 1596. Escripta pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hião, pp. [315]-436, in BRITO, B. G. de, 1736, q. v.
- ANCHIETA, J. de, S. J., 1595. *Arte de grammatica da lingoa mais vsada na costa do Brasil*. Antonio de Mariz, Coimbra.
- ANÔNIMO, [1559]. Relação do naufragio da Nao Santa Maria da Barca de que era Capitaõ D. Luis Fernandes de Vasconcellos. A qual se perdeo vindo da India para Portugal no anno de 1559, pp. 311-349, in BRITO, B. G. de, 1735, q. v.
- AZEVEDO, P. de, 1924. A instituição do govêrno geral, pp. 327-383, in MALHEIRO DIAS, VASCONCELLOS & GAMEIRO, orgs., q. v.
- BAIÃO, A., 1923. O comércio do pau Brasil, pp. 317-347 in MALHEIRO DIAS, VASCONCELLOS & GAMEIRO, orgs., q. v.
- BAIÃO, A. & C. MALHEIRO DIAS, 1924. A expedição de Cristóvam Jacques, pp. 59-94, in MALHEIRO DIAS, VASCONCELLOS & GAMEIRO, orgs., q. v.
- BRANDÃO, A. F., 1887. Dialogo Terceiro das Grandezas do Brasil. Interlocutores – Brandonio e Alviano (Continuação). *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife 32: 3-38.
- BRITO, B. G. de, 1735. *Historia tragico-maritima em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiveraõ as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India. Tomo primeiro. Offerecido á Augusta Magestade do Mui Alto e Muito Poderoso Rey D. Joaõ V. Nosso Senhor. Por Bernardo Gomes de Brito*. Officina da Congregação do Oratorio, Lisboa Occidental.
- BRITO, B. G. de, 1736. *Historia tragico-maritima em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiveraõ as Naos de Portugal, depois que poz em exercicio a Navegação da India. Tomo segundo offerecido à Augusta Magestade do muito alto e muito poderoso Rey D. Joaõ V nosso Senhor. Por Bernardo Gomes de Brito*. Officina da Congregação do Oratorio, Lisboa Occidental.
- CARDOZO, M. G., [1585]. Relação do naufragio da Nao Santiago no anno de 1585. E itinerario da gente que delle se salvou. Escrita por Manoel Godinho Cardozo. E agora novamente acrescentada com mais algumas noticias, pp. 63-152, in BRITO, B. G., 1736, q. v.
- CASTANHEDA, F. L. de, 1553. *Os liuros quarto & quito da historia do descobrimento & cõquista da India pelos Portugueses*. João da Barreira & Joã alvarez, Coimbra.
- CASTANHEDA, F. L. de, 1554a. *Ho livro primeiro dos dez da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Agora emmêdado & acrescentado. E nestes dez liuros se contẽ as milagosas façanhas que os Portugueses fizerão em Ethiopia, Arabia,*

Persia, E nas Indias, dentro do Ganges & fora dele, & na China & nas Ilhas de Maluco, do tempo q' dom Vasco da Gama conde da Vidigueira & almirante do Mar Indico descobriu as Indias, ate a morte de dom João de Castro que la foi governador & visorey. Em que se contem espaço de cinquenta annos. João da Barreyra impressor del Rey na mesma vniuersidade, Coimbra. [Esta é a 2ª edição; a primeira data de 1551].

- CASTANHEDA, F. L. de, 1554b. *O sexto Liuro da historia do descobrimento da India pelos Portugueses. Feyto por Fernão Lopes de Castanheda.* João da Barreira & Joã alvarez, Coimbra.
- CASTANHEDA, J. L. de, 1833a. *Historia do descobrimento e conqvista da India pelos Portugueses. Nova edição. Livro I.* Typographia Rollandiana, Lisboa.
- CASTANHEDA, J. L. de, 1833b. *Historia do descobrimento e conqvista da India pelos Portvgueses. Nova edição. Livro III. e V.* Typographia Rollandiana, Lisboa.
- CASTANHEDA, J. L. de, 1833c. *Historia do descobrimento e conqvista da India pelos Portugueses. Nova edição. Livro VI.* Typographia Rollandiana, Lisboa.
- CASTRO, J. de, ant. 1578. [*Roteiro da viagem que D. João de Castro fez a primeira vez que foi à Índia no ano de 1538*]. MS da Biblioteca Pública de Évora, Cod CXV 1-24.
- CORRÊA DA SERRA, J., 1793. Livro Vermelho do Senhor Rey D. Affonso V, pp. 393-541, in seu *Collecção de livros ineditos de historia portugueza, dos reinados de D. João I., D. Duarte, D. Affonso V., e D. João II. Publicados de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Por José Corrêa da Serra, secretario da mesma Academia, e socio de varias outras.* Na Officina da mesma Academia, Lisboa.
- CORVO, J. de A., 1882. *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro. Annotado por João de Andrade Corvo, Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- COSTA, A. F. da, 1940a. *Livro de marinharia de Bernardo Fernandes. Prefácio e notas por A. Fontoura da Costa.* Agência Geral das Colónias, Lisboa.
- COSTA, A. F. da, 1940b. *Roteiros portugueses inéditos da Carreira da Índia do século XVI. I – Roteiro para a Índia e Oriente de autor anónimo. II – Colecção de roteiros, de Manuel Álvares. III – Derotero dw las Islas Primeras e de Angoxa, de João Baptista Laranha. V – Roteiro, de Manel Monteiro e Gaspar Ferreira (Reimão) com a assistência de João Baptista Laranha, Prefaciados e anotados por A. Fontoura da Costa.* Agência Geral das Colónias, Lisboa.
- COSTA, A. D. da, org., 1940c. *Roteiro da navegação e Carreira da Índia, com seus caminhos & derrotas, sinais, & aguageis & diferenças da agulha: tirado do que escreveu Vicente Rodrigues & Diogo Afonso, pilotos antgos. Agora novamente acrescentado a viagem de Goa por dentro de são Lourenço, & Moçambique, & outras muitas cousas, & advertências, por Gaspar Ferreira Reimão, cavaleiro do hábito de Santiago, & Piloto mór dêstes Reinos de Portugal, por el Rei nosso Senhor. Prefaciado por A. Fontoura da Costa. Segunda edição.* Agência Geral das Colónias, Lisboa.

- DESSART, G. N. T. T., 1960. *Ensaio histórico e descritivo das primeiras moedas cunhadas no Brasil. Moedas obsidionais e de necessidade, cunhadas pelos invasores holandeses, em Recife, Pernambuco, em 1645/1646 e 1654.* [Sociedade Numismática Brasileira \[Monografia no. 1\]](#), São Paulo.
- DIAS, H., [?1562] 1735. Relação da viagem, e naufragio da Nao S. Paulo que foy para a India no anno de 1560. De que era Capitão Ruy de Mello da Camera, Mestre João Luis, e Piloto Antonio Dias. Escrita por Henrique Dias, criado do S. D. Antonio Prior do Crato, pp. 353-479, in BRITO, B. G. de, q. v.
- FERNANDES, V., [1536]. [Primeiro roteiro da Carreira da Índia. Viagem de Lisboa para a Índia], pp. 99-107, in COSTA, 1940b, q. v.
- FERREIRA, G., 1597. [Diário da navegação da Nau São Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597], pp. 239-348, in MONTEIRO, q. v.
- FREITAS, J. de, 1924. A expedição de Martim Afonso de Sousa (1530-1533), pp. 97-164, in MALHEIRO DIAS, VASCONCELLOS & GAMEIRO, orgs., q. v.
- GALLAS, A. O, G. & F. D. GALLAS, 2009. *O Brasil Holandês. A família Nassau. Moedas e Medalhas.* Edição dos autores, São Paulo.
- GÂNDAVO, P. de M. de, ca. 1571a. *Tractado da prouinçia do Brasil no qual se contem a informação das cousas que ha na terra, assi das capitancias e fazendas dos moradores que viuem pella costa, E doutras particularidades que aqui se cõtam: como tambẽ da condiçãõ e bestiaes custumes dos Indios da terra, E doutras estranhezas de bichos q' ha nestas partes, offerecido a muito Alta e serenissima Sõra Dona Catherina Rainha de Portugal Snõra nossa. Visto e approuado pellos deputados da Sancta inquisiçãõ.* MS no. 2026 (cópia, do início do século XVI) da coleção Sloaniana, British Museum, Londres. [Reproduzido fac-similarmente por Pereira Filho, 1965, q. v.].
- GANDAVO, P. de M. de, ca. 1571b. *Tractado da terra do Brasil no qual se cõtẽ a informação das cousas que ha nestas partes feito por Pº de magalhães.* MS F. G. 552 (cópia do início do século XVII) na Biblioteca Nacional de Postugal, Lisboa (disponível na internet).
- GÂNDAVO, P. de M., 1576. *Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ills. Sñor Dom Leonis Pra governador que foy de Malaca e das mais partes do Sul da India.* Officina de Antonio Gonsaluez, Lisboa.
- GUEDES, M. J., org., 1968. *Roteiro de todos os sinais na costa do Brasil. Edição comemorativa do V. centenário de nascimento de Pedro Álvares Cabral.* Intituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro [Dicionário da Língua Portuguêsa/ Textos e vocabulários/ 10].
- LAVANHA, J. B., [1597]. Relação do naufragio da Nao S. Alberto, no Penedo das Fontes no anno de 1593. E itinerario da gente, que delle se salvou, athè chegarem a Moçambique. Escrita por João Baptista Lavanha Cosmografo mòr de Sua Magestade no anno de 1597, pp. 217-313, in BRITO, B. G., 1736, q. v.

- LEITE, D., 1923. O mais antigo mapa do Brasil, pp. 223-281 In: MALHEIRO DIAS (coord.). *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (v. 2). Litografia Nacional, Porto.
- LIMA, O., 1924. A Nova Lusitânia, pp. 287-323, in MALHEIRO DIAS, VASCONCELLOS & GAMEIRO, orgs., q. v.
- LINSCHOTEN, J. H., 1598. *Iohn Hvyghen van Linschoten his Discours of Voyages into ye Easte & West Indies*. John Wolfe, London.
- LINSCHOTEN, J. H., 1638. *Le grand routier de mer de Ian Hvgves de Linschot hollandois. Continant une instruction qu'il convient tenir en la navigation des Indes Orientales, & au voyage de la coste du Bresil, des Antilles, & du Cap de Lopo Gonsalves. Avec description des costes, havres, isles, vents, & courants d'eaux, & autres particularitez d'icelle navigation. Le tout fidelement recueilli des memoires & observations des pilotes espagnols & portigais. Et nouvellement traduit de flameng en françois*. Chez Evert Cloppenburgh, Amsterdam.
- MALHEIRO DIAS, C., 1924. O regímen feudal das donatárias anteriormente à instituição do governo geral (1534-1549), pp. 219-283, in MALHEIRO DIAS, VASCONCELLOS & GAMEIRO, orgs., q. v.
- MALHEIRO DIAS, C., E. DE VASCONCELLOS & R. GAMEIRO, orgs., 1923. *História da colonização portuguesa do Brasil. Edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil. Volume II. A epopeia dos litorais*. Tipografia Nacional, Porto.
- MALHEIRO DIAS, C., E. DE VASCONCELLOS & R. GAMEIRO, orgs., 1924. *História da colonização portuguesa do Brasil. Edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil*. Tipografia Nacional, Porto.
- MARIZ, P. de, 1594. *Dialogos de varia historia, em que sumariamente se referem muytas couzas antigas de Hespanha e todas as mais notaues, que em Portugal acontecerão em suas gloriosas conquistas, antes e depois de ser leuantado á Dignidade Real. E outras muytas de outros reynos, dignas de memoria. Com os retratos de rodos os Reys de Portugal. Autor Pedro de Mariz*. Na Officina de Antonio Mariz, Lisboa.
- MELLO NETO, J. A. G. de, 1976. Os Ducados Brasileiros de 1645 e 1646. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, Recife 48: [185]-227.
- MONTEIRO, J. R. V., 1974. *A viagem de regresso da Índia da nau "São Pantaleão" no ano de 1596*. Coimbra.
- MONTEIRO, J. R. V., 1985. *Uma viagem redonda da Carreira da Índia (1597-1598)*. Biblioteca Geral da Universidade, Coimbra.
- MORAES, A. J. M., 1858. *Corographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria, e politica do Imperio do Brasil contendo noções historicas e politicas, a começar do descobimento da America e particularmente do Brasil, o tempo em que forão povoadas as suas diferentes cidades, villas e lugares; seus governadores, e a origem das diversas familias brasileiras e seus appellidos, extrahida de antigos manuscriptos historicos e*

genealogicos, que em éras diferentes se poderão obter: os tratados, as bullas, cartas regias &c., &c. A historia dos ministerios, sua politica, e cores com que apparecerão; a historia das assembléas temporaria e vitalicia; e tambem uma exposição da historia da independencia, escripta e comprovada com documentos ineditos e por testemunhas oculares que ainda restão, e dos outros movimentos politicos: descripção geographica, viagens, a historia das minas e quinto do ouro &c., &c. afim de que se tenha um conhecimento exacto não só da geografia do Brasil, como da sua historia civil e politica. Tomo I. Typographia Americana de José Soares de Pinho, Rio de Janeiro.

- PAPAVERO, N., 2016. *Menções ao “pau-brasil” do Velho e do Novo Mundos em fontes portuguesas dos séculos XV, XVI e XVII*. Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo [Arquivos do NEHiLP, no. 12].
- PAPAVERO, N., 2018. *Origem do nome “América” e o Brasil na cartografia quinhentista*. Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo [Arquivos do NEHiLP, no. 16].
- PEREIRA FILHO, E. de, org., 1965. *Tratado da Província do Brasil de Pêro de Magalhães de Gândavo. Edição organizada por Emmanuel Pereira Filho, com leitura e reprodução fac-similar do manuscrito existente na Biblioteca Britânica*. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro.
- PINTO, B. T., [1565]. *Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brazil para este Reyno no anno de 1565. Escrito por Bento Teixeira Pinto que se achou no ditto Naufragio*, pp. 7-59, in BRITO, B. G., 1736, q. v.
- REBELLO, A., 1598. *Compendio de algũas cartas que este anno de 97. vierão dos Padres da Companhia de Iesu, que residem na India, & corte do grã Mogor, & nos Reinos da China, & Iapão, & no Brasil, em que se contem varias cousas. Collegidas por o padre Amador Rebello da mesma companhia*. Alexandre de Siqueira, Impressor de liuros, Lisboa.
- REIMÃO, G. F., ?1612a. *Roteiro da Carreira da India co seus caminhos & derrotas signais & auguagês & diferenças dâgulha, tirado dos q’ escreveo Viçente Roiz [Rodrigues] e Diogo aº [Afonso] pillotos antigos, hora noua mente acrescentado à Viagê de Goa, por dentro d. S. Lc.º [de São Lourenço] & moçanbiq’, & outras cousas, & aduirtenças, por Gaspar frª [Ferreira] Reimão* (*cavallº da ordem de S. Thiago), pilloto moor destes Reynos dº Portugal, por elRey Nosso Snnõr*. MS 1333 da Biblioteca Nacional de Portugal.
- REIMÃO, G. F., 1612b. *Roteiro da navegaçam e Carreira da India, com seus caminhos, & derrotas, sinaes, & aguageis, & diferenças da agulha: tirado do que escreueo Vicente Rodrigues, & Dioguo Afonso Pilotos antiguos. Agora nouamente acrescentadi a viagem de Goa por dentro de saõ Lourenço, & Moçambique, & outras muitas cousas, & aduertencias, por Guaspar Ferreira Reymão, caualeiro do habito de Sanctiago, & Piloto mór destes Reynos de Portugal, por el Rey nosso senhor*. Pedro Crasbeeck, Lisboa.
- RIBEIRO, L., 1954. *Registo da Casa de India. 1º. Vol.* Agência Geral do Ultramar, Lisboa.

- RIBEIRO, D. & C. de A. MOREIRA NETO, 1992. *A fundação do Brasil: Testemunhos 1500-1700*. Editora Vozes, Petrópolis.
- SCOPOLI, G., 1845. Relazione de Leonardi da Ca' Master alla Serenissima Republica di Venetia sopra il commercio dei portoghesi nell'India dopo la scoperta del Capo de Buona Speranza (1487-1506). *Archivio storico italiano*, Firenze 2 (Appendice): 9-51.
- SOUZA, G. S. de, 1581 (1º. de março). *Roteiro geral com largas informações da toda a costa que pretense ao estado do brazil, e a descripçam de m^{tos} lugares della, especialmente da Baja de todos os santos. Epistola do Autor a dom xrouaõ de Moura do conselho do stado*. MS da Biblioteca Pública de Évora, COD CXV 1-10.
- TEIXEIRA, D. M. & N. PAPAVERO, 2002. *Os primeiros documentos sobre a história natural do Brasil (1500-1511). Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Goneville e da Nau Bretoa*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA.
- VARNHAGEN, F. A. de, 1851. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587, obra de Gabriel Soares de Souza, senhor de engenho na Bahia, n'ella residente dezesete annos, seu vereador da Camara, etc. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos manuscriptos existentes no Brazil, em Portugal, Hespanha e França, e acrescentada de alguns commentarios à obra por Francisco Adolpho de Varnhagen*. Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro.
- [VARNHAGEN, F. A. de], 1854. *Historia geral do Brazil isto é do descobrimento, colonização, legislação de desenvolvimento deste Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos autênticos recolhidos nos archivos do Brasil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, por um socio do Instituto Historico do Brazil, natural de Sorocaba. Tomo primeiro*. E. e H. Laemmert, Rio de Janeiro.
- VARNHAGEN, F. A. de, ed., 1861. Llyuro da náao Bertoa que vay para a Terra do Brazil [de Duarte Fernandes, 1511]. *Revista trimensal do Instituto Historico e Etnographico do Brasil*, Rio de Janeiro 24:96-111.
- VELHO, A., ?1499. *Relação do descobrimento da Índia por Vasco da Gama* [na folha de guarda inicial] e *Descobrimto da Índia por Vasco da Gama* [página 1]. MS 480 da Biblioteca do Porto.